

MARCELLE D.C. BRAGA

Refúgio do difícil e do terrível:
A construção da questão escravista no romance oitocentista Uncle Tom's Cabin
de Harriet Beecher Stowe

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011

MARCELLE D.C. BRAGA

Refúgio do difícil e do terrível:
A construção da questão escravista no romance oitocentista Uncle Tom's Cabin de Harriet
Beecher Stowe

Monografia apresentada ao Curso de História do
Instituto de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal de Ouro Preto, como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira
Fernandes

Mariana
Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP
2011
Agradecimentos

Agradeço a minha amiga e irmã (Caryne) e meus irmãos que sempre me apoiaram (Edivar, Flaviano e Alessandra). Meus pais, Edivar e Rosângela, que puseram confiança em mim e acreditaram em minha capacidade. Agradeço à minha avó que é a mais perfeita do mundo e aos meus queridos tios.

Agradeço a meu noivo Roberth que teve tanta paciência comigo, principalmente no período da escrita dessa monografia. Por ter me apoiado nos momentos mais difíceis. Por todos os momentos alegres. Por ser o meu anjo. Agradeço-o infinitamente por existir na minha vida.

Agradeço aos amigos tão queridos, que me fizeram rir e me consolaram nos momentos tristes: William Sabino, Fernanda Bastos (irmã de coração), Fábio Baião, Bruno Omar, Felipe Alves, Bárbara Nunes, Ana Danila Pascoal (grande amiga e corretora de urgência dos meus textos), Lucas de Melo, Leonardo Oliveira, Aline Mendonça, Mayra Marques e Felipe Ferreira.

Agradeço ao Grupo de Estudos de Histórias das Américas (GEHA-UFOP), que abriu espaço para o desenvolvimento de conhecimento no campo; que esteve aberto às discussões democráticas, tentando abarcar um pouco de tudo; e que ainda terá muito para crescer. Agradeço ao excelente coordenador do grupo, pesquisador perspicaz e extremamente competente, o qual eu tive a honra de ter como orientador dessa pesquisa, o prof. Dr. Luiz Estevam. Agradeço por ter aceitado minhas idéias vagas e conseguido me mostrar como transformá-las em uma pesquisa científica (lembrando-me sempre do meu rio). Além de ter fornecido as ferramentas para que eu sozinha conseguisse, posteriormente, construir um projeto.

Agradeço ainda pelo apoio financeiro do Programa de Iniciação à Pesquisa (PIP/UFOP) que possibilitou-nos desenvolver as iniciações científicas que tiveram como fruto esse trabalho monográfico.

Agradeço aos professores Dra. Andréa Lisly Gonçalves e Dr. Marco Antonio Silveira, que aceitaram prontamente a solicitação para compor a banca desta monografia.

Agradeço a todos os professores que eu tive o prazer de assistir às suas aulas, no ICHS/UFOP. À biblioteca, à sala de estudos ao Xerox e à cantina, que possibilitou espaço para discussões corriqueiras, mas também acadêmicas.

Resumo

A obra literária *Uncle Tom's Cabin* (*A Cabana do Pai Tomás*), escrita por Harriet Beecher Stowe, é uma das publicações mais vendidas nos Estados Unidos, desde 1851, lançado como folhetim, e mais tarde em 1852, como um livro. Neste estudo, avaliamos a aproximação do problema da escravidão apresentado no livro. Neste sentido, avaliamos as representações das relações entre negros e brancos. Nós nos concentramos em sua visão sobre os relatos dos negros na história do livro. Finalmente, pretendemos compreender o estilo, esquemas de narrativa, e do momento histórico discutido no texto.

Nós compreendemos que a representação dos negros, escravos no contexto da história, foi feita por meio do diálogo direto com a representação dos brancos. Naquelas linhas, uma concepção de bem e mal foi fundamental para definir os personagens. Os resultados da pesquisa apontam para posições e reivindicações da autora em relação à escravidão. Assim, podemos concluir que H. B. Stowe se apresentou no livro como favorável à abolição imediata da escravatura, justificadas por seus princípios religiosos e humanitários, e até mesmo em sua interpretação da Declaração da Independência dos EUA.

PALAVRAS-CHAVE: Abolicionismo, Estados Unidos, Harriet Beecher Stowe

Abstract

The literature *Uncle Tom's Cabin*, written by Harriet Beecher Stowe, is one of the most sold publications in the United States since 1851, released as a serial, and later in 1852, as a book. In this study, we evaluate the approaching of slavery issue presented in the book. In this sense, we evaluate the representations of blacks and whites relationships. We focus in his vision of the blacks reports presented in the *Uncles Cabin's* story. Finally, we intended to understand the style, narrative schemes, and the historical moment discussed in the text.

We find that the representation of black people, slaves in the context of story, was made through direct dialogue with representation of white ones. In those lines, a conception of good and evil was fundamental for defining the characters. These results pointed to positions and claims of the author in relation to slavery. Thus, we conclude that H. B. Stowe presents in her book as favorable to the immediate abolition of slavery, justified on her religious and humanitarian principles, and even on her interpretation of the U. S. Declaration of Independence.

SUMÁRIO

Introdução	01
Breve resumo da obra	10
Capítulo I	
Histórias quentes para tempos efervescentes.....	14
1. Desenvolvimento dos opostos: o crescimento nortista e sulista.....	14
2. Movidos por Deus: Romantismo, cativo e mobilizações.....	25
3. Frutos da discórdia: A Guerra Civil Americana.....	32
Capítulo II	
O século XIX em pretos, brancos e quarteirões: A construção da representação dos personagens.....	37
Capítulo III	
Indicando caminhos: Abordagens da lógica escravista.....	52
1. Visões da crueldade: tentativa de formação da opinião pública.....	53
2. Os debatedores da escravidão.....	59
3. Religião, política e legislação no romance.....	61
4. O tráfico de escravos: uma questão econômica, religiosa ou social?.....	64
5. Liberdade.....	65
Conclusão	71
Referências Bibliográficas	75

Introdução

A literatura, atualmente, é considerada uma fonte para a escrita historiográfica, por ser percebida como forma de expressão social, provida de intencionalidade e específica de um determinado contexto histórico.¹ Ela pode ser utilizada como uma chave de acesso ao processo de significação do mundo pelos homens, envolvendo elementos para além do universo público ou do oficial. Pode possuir significados diferentes e criar representações da sociedade.

Nesse sentido, nos propomos a trabalhar a obra literária *Uncle Tom's Cabin* de Harriet Beecher Stowe (1811-1896), escrita em um período de muita efervescência religiosa, social, política e econômica. No século XIX, os estados do Norte dos Estados Unidos alargavam seus setores industriais, incentivando o trabalho livre; enquanto no Sul, as culturas de tabaco, açúcar e, principalmente, algodão cresciam vertiginosamente, alavancando um brutal comércio de escravos. A imprensa e as igrejas – nortistas e sulistas – buscavam mobilizar a população, através da divulgação da crescente exploração dos escravos, adentrando no universo de violência e restrições que a instituição envolvia.

O Oeste era colocado como um horizonte de expectativa que poderia oferecer maior poder político e econômico. Para o Sul, esse território ainda sem limites representava uma expansão do sistema escravista e do estilo de vida que este envolvia, além de poder oferecer maior número de eleitores, o que significa mais força política no Congresso para defender seus interesses. Já para o Norte, seria a expansão de seu estilo de vida, de sua moralidade, de sua economia pautada na mão-de-obra livre, além de mais força no cenário político. E seria também a conquista de homens e mulheres nortistas que valorizavam as qualidades emocionais e intuitivas, apropriadas pelas concepções religiosas, o que será conhecido pelos historiadores, posteriormente, como “movimento romântico”.

Segundo José Víctor Malheiros, a inspiração para Stowe escrever o livro veio da sua indignação diante da aprovação da Lei dos Escravos Fugitivos de 1850 (que proibia o oferecimento de ajuda ou refúgio de escravos fugidos) e de uma cena de flagelação de um escravo presenciado por ela ². Essa indignação foi perceptível na leitura do livro, mas para a sua escrita Stowe buscou dialogar com a imprensa sulista e do Oeste. Assim, a autora afirmou,

1 Consideramos que toda obra é histórica, logo pode servir de documento, independentemente de sua disposição de tratar de seu contexto ou de acontecimentos verificados em documentos

2 MALHEIROS, José Victor. *O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe*. In: Coleção Geração: Livros que ajudam a crescer. 2005. IN: <http://static.publico.clix.pt/sites/colecaojuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acessado em: 30-04-2010, s/ página.

em outras fontes, que se baseou em casos retirados de jornais que circulavam no Sul e de relatos de negros livres, do Oeste e do Norte, e de relatos feitos por seu irmão no período em que este morava em Nova Orleans.³

Debatendo o tema da escravidão por um viés profundamente religioso e tangendo questões como a política e o estilo de vida do Norte e do Sul, o romance se tornou uma das publicações mais vendidas nos EUA desde 1851 – quando foi lançada na forma de folhetim. Em 1852, o romance foi lançado no formato de livro. A obra teve tamanha circulação que, segundo José Victor Malheiros, nas vésperas da Guerra Civil Americana (1861-1865) sua autora era a mais famosa escritora do país⁴. O livro vendeu cerca de três mil cópias no primeiro dia de seu lançamento e ao fim do ano excedeu as 300 mil⁵ cópias. As proporções de seu alcance foram tamanhas que havia um exemplar de *A Cabana do Pai Tomás* em cada família americana não militantemente escravagista, tornando-se a obra mais difundida depois da Bíblia.⁶

“Quem melhor captou o patético da instituição [escravista] foi Harriet Beecher Stowe (1811-96) criando, na *Cabana do Pai Tomás*, a figura do mártir negro que o mundo todo adotou. Pela liberdade final, mais que qualquer poeta, fizera Mrs. Stowe, com esse romance, o mais lido em todos os tempos. Sua mensagem transpôs o oceano e deu volta ao mundo. *Uncle Tom's Cabin* coloca-se à frente de qualquer obra de ficção americana quanto à influência e a repercussão.”⁷

Porém, devido a seus elementos abolicionistas, com forte cunho crítico, a obra foi proibida em muitos dos estados do Sul dos Estados Unidos, sofrendo a oposição de uma forte campanha política. Segundo Joseph Roppolo, os sulistas a consideraram uma calúnia e uma agressão ao seu modo de vida e sua moral, considerados por eles como equilibrados⁸. Os

3 STOWE, Harriet Beecher. *A key to Uncle Tom's cabin*. Boston: Publish by John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853.

4 MALHEIROS, Op. Cit., s/ página.

5 HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 03.

6 MALHEIROS, Op. Cit., s/ página.

7 NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 81.

8 ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362.

jornais sulistas, como o *Daily Picayune*, expressaram forte aversão à autora e sua obra, criticada ainda por uma visão machista sobre a ação feminina, o que contrariaria a imagem de domesticidade e submissão da mulher oitocentista. E, com o passar do tempo, a antipatia dos sulistas foi sendo transferida da obra para a própria autora ⁹. Ao mesmo tempo em que no Norte, o livro foi recebido como uma exposição dos males da escravidão, consagrando a escritora como uma heroína, um instrumento de Deus que evidenciou esse conhecimento para o público¹⁰.

Segundo Malheiros, a obra, no período, ganhou significado revolucionário, pois ia de encontro com a economia, a moral e a posição social e política da população sulista e, até mesmo, nortista. Stowe colocava fortes críticas ao estilo de vida, mas voltando-se para o caráter social, tocando a causa antiescravista e abolicionista. Contudo, a partir dos anos 1860 a obra começou a ganhar novos significados, que configuraram novas interpretações totalmente diferentes das do século anterior. Dirigentes do movimento pelos direitos cívicos e pela emancipação dos negros americanos passaram a enfatizar os elementos racistas e que justificavam uma submissão dos negros aos brancos. Elementos esses que, ao recorrer à história dos Estados Unidos oitocentista, se percebiam comuns na sociedade.¹¹

Harriet Beecher Stowe era de família bastante religiosa, seu pai era um dos clérigos protestantes mais famosos dos EUA. Seus irmãos se tornaram ministros (em um período em que política e religião eram fortemente imbricadas), seu marido foi pregador e professor. ¹² E devido a sua forte fé, pregação e desejo, todos os seus filhos se tornaram pregadores.¹³ Ela própria já havia se tornado educadora de moral aos 14 anos.

Stowe teve uma longa carreira de escritora, publicou colunas de jornais, romances, contos infantis, poemas etc.¹⁴. Depois da Guerra Civil, Stowe abriu uma escola na Flórida, que, primeiramente, era destinada somente a crianças negras, porém ela não conseguiu mantê-
IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010, p. 346.

9 Idem, ibidem, p. 351.

10 Idem, ibidem, p. 347.

11 MALHEIROS, Op. Cit., s/ página.

12 HEDRICK, Joan. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 02.

13 STOWE, Harriet Beecher. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Compiled From Her Letters and Journals by Her Son Charles Edward Stowe. Boston and New York: The Riverside Press, 1890, p. 05.

la. Desta forma, teve que incluir crianças brancas. Para sustentar a escola, aceitava contribuições privadas de amigos britânicos e americanos. Stowe era relutante em receber incentivo público porque temia a reação da população frente ao tipo de público ao qual a dita educação se destinava.¹⁵ Segundo John Hope Franklin e Alfred A. Moss, houve várias ações de nortistas nesse sentido, abrindo escolas e se envolvendo com a educação dos negros no fim e depois da Guerra Civil. Os homens e mulheres do Norte levavam os materiais e, inclusive, livros (lousas, lápis, quadros-negros e giz; assim como manuais de ortografia e de leitura). Sendo que ainda sofriam forte oposição da maioria dos sulistas brancos, embora ainda houvesse alguns que se envolvessem nesses trabalhos.¹⁶

A forma que Stowe optou para construir o romance aproximou o público leitor branco do cotidiano dos negros, envolvendo-os em suas concepções morais e mesclando com a crítica ao desenvolvimento de uma legislação fortemente escravista, à brutalidade e à instabilidade da escravidão, posicionando-se inclusive quanto à posição da mulher naquela sociedade. Envolveu o leitor nas felicidades, nas injúrias e nos perigos que se impunham aos cativos, buscando demonstrar que esses possuíam sentimentos e, por isso, sofriam como os brancos. A escritora marcou toda a obra por sua forte concepção religiosa, através da defesa das boas condutas que poderiam salvar o homem; do direito a leitura da Bíblia que está ligada ao direito de saber ler; das obrigações religiosas (como desvalorização do consumo de bebida alcoólica); entre outros.

A autora afirmou que todas as histórias narradas possuíam referência na realidade. Assim, dedicou o último capítulo do romance para defender a veracidade destas e,

14 Harriet B. Stowe escreveu: *The Mayflower: Or, Sketches Of Scenes And Characters Among The Descendants Of The Pilgrims* (1843), *Uncle Tom's Cabin* (1852), *The Key To Uncle Tom's Cabin* (1853), *Sunny Meroirs Of Foreign Lands* (1854), *Dred: A Tale Of The Great Dismal Swamp*, (1856), *The Minister's Wooing* (1859), *The Pearl Of Orr's Island* (1862), *Agnes Of Sorrento* (1863), *House And Home Papers* (1865), *Religious Poems*, 1867), *Men Of Our Times* (1868), *Old Town Folks*, 1869), 'The True Story Of Lord Byron's Life' (1869), *Lady Byron Vindicated*, 1870), *Pink And White Tyranny: A Society Novel* (1871), *Sam Lawson's Old town Fireside Stories* (1872), *Woman In Sacred History* (1873), *Palmetto Leaves* (1873), *We And Our Neighbours* (1875), *Betty's Bright Idea*, (1876), *Captain Kidd's Money And Other Stories* (1876), *Footsteps Of The Master*, (1877), *Bible Heroines*, (1878), *Poqanuc People* (1878), *A Dog's Mission* (1881), *The Poor Life* (1890) , *The Writings* (1896), *Regional Sketches* (1971). Ponha o ano de produção, ainda que a edição venha em colchetes. E.g: 1871 [1971].

15 MURRAY, Alex L..Harriet Beecher Stowe on Racial Segregation in the Schools. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 12, No. 4 (Winter, 1960), pp. 518-519. IN: <http://www.jstor.org/stable/2710333>. Acessado em: 10/11/2010, p. 518.

16 FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 203.

posteriormente, escreveu um livro, *A Key to Uncle Tom's Cabin* (1853), expondo toda a documentação utilizada¹⁷. Porém, em *Uncle Tom's Cabin*, ela criou uma narratividade que ligava todos os casos e proporcionava perfeita linearidade à obra, sem deixar brechas ou lacunas nas histórias. Stowe ainda passava ao leitor toda a sua indignação com a escravidão, acrescentando suas convicções religiosas, de forma nem sempre direta, construindo toda a história com vários paralelos bíblicos. Deste modo, proporcionava a seus leitores novos pensamentos e novas formas de compreensão da sociedade e da instituição escravista. Assim como G. L. Roani afirmava a respeito da literatura, Stowe apresenta seu romance como um jogo, que abraça autor, leitor e ambiente que os circunda, conduzindo o leitor, fazendo-o cúmplice e participante de um processo de ficcionalização da História.¹⁸

Em *A key to Uncle Tom's Cabin*, a religiosa buscou criar uma separação entre a escrita que possuía o fictício como uma opção (que teria sido o realizado em *Uncle Tom's Cabin*), e o trabalho que não podia contar com a invenção (que seria o qual Stowe se apoiava no livro de afirmação da veracidade). Nesse sentido, aquela escrita que não poderia haver fantasia seria mais dolorosa de ser construída do que aquela que não poderia se esquivar das fontes. Contudo, em ambos houve forte julgamento de valor – sempre pautado em basilares religiosos e morais – da instituição escravista.¹⁹ Em seu prefácio, Stowe declarou seu compromisso de chegar o mais próximo possível da verdade, independente dos efeitos que

17 *A Key to Uncle Tom's Cabin* além de uma defesa também possui seu próprio mérito entre as publicações polêmicas antiescravistas, como defende Joan Hedrick (HEDRICK, Joan. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 406). Nessa obra ela explica a sua compreensão da lógica da escravidão. Desenvolver esta NR

18 ROANI, G. L.. *Espaços que a história tece na ficção de Saramago*. Letras (Santa Marie), v. 27. IN: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_10.pdf. Acessado em: 07-01-2011, p. 101.

19 The work which the writer here presents to the public is one which has been written with no pleasure, and with much pain. In fictitious writing, it is possible to find refuge from the hard and the terrible, by inventing scenes and characters of a more pleasing nature. No such resource is open in a work of fact; and the subject of this work is one on which the truth, if told at all, must needs be very dreadful. There is no bright side to slavery, as such. Those scenes which are made bright by the generosity and kindness of masters and mistresses, would be brighter still if the element of slavery were withdrawn. There is nothing picturesque or beautiful in the family attachment of old servants, which is not to be found in countries where these servants are legally free. The tenants on an English estate are often more fond and faithful than if they were slaves. Slavery, therefore, is not the element which forms the picturesque and beautiful of Southern life. What is peculiar to slavery, and distinguishes it from free servitude, is evil, and only evil, and that continually. (STOWE, Harriet Beecher. *A key to Uncle Tom's cabin* Boston: Publish by John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853, p. III-IV)

isso poderia causar na sociedade, no sentido das resistências daqueles que defendiam a escravidão.²⁰

Da mesma forma como Roani ressaltou em seu texto, quando o autor de literatura intensifica o uso da realidade e dialoga mais diretamente com seu presente, essa construção, pautada em realidade e ficção, passa a impor ao leitor uma série de indagações, compelindo-o à reflexão. Stowe fez uso de documentação e reconstituiu gestos, costumes, fatos e fenômenos, porém alterados com suas intencionalidades. Assim, passou a transfigurar uma realidade em certa medida diferente²¹, em uma interpretação que possibilitava reinventar e corrigir o passado²². E foi ao que a autora muitas vezes recorreu, utilizando-se de referências bíblicas – como histórias de personagens bíblicos, aos quais as histórias dos personagens foram aproximadas²³.

É possível que as representações literárias confirmem identidades, as quais nos autorizam vislumbrar o lugar social dos personagens e da autora. De acordo com Kathryn

20 The writer has aimed, as far as possible, to say what is true, and only that, without regard to the effect which it may have upon any person or party. She hopes that what she has said will be examined without bitterness -- in that serious and earnest spirit which is appropriate for the examination of so very serious a subject. It would be vain for her to indulge the hope of being wholly free from error. In the wide field which she has been called to go over, there is a possibility of many mistakes. She can only say that she has used the most honest and earnest endeavours to learn the truth. The book is commended to the candid attention and earnest prayers of all true Christians throughout the world. May they unite their prayers that Christendom may be delivered from so great an evil as slavery! (STOWE, Harriet Beecher. *A key to Uncle Tom's cabin*. Boston: Publish by John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853, p. IV)

21 ROANI, Op. Cit., p. 99-100.

22 Idem, ibidem, p. 105.

23 No capítulo XVIII, Stowe aproximou, por exemplo, a vida de Tomás à vida de José do Egito: pensando José do Egito foi vendido como escravo por seus irmãos, passou por senhores bons, que souberam reconhecer suas capacidades e que no futuro conseguiu ganhar a liberdade e certa riqueza. Da mesma forma, Tomás pensava o próprio destino: vendido pelos africanos (seus irmãos) – o que indica certa visão essencialista por parte da autora, vendo todos os negros africanos como amigos entre si – aos brancos estadunidenses, encontrou senhores bons, que reconheceram de suas capacidades, e lhe deu trabalhos de acordo com essas. Assim, pensou que no futuro seria recompensado por Deus. Nesse sentido segue o trecho:

“O nosso amigo, Tomás, em seus cândidos sonhos, comparava freqüentemente o seu destino aos de José do Egito. Com efeito, a sua sorte melhorava dia a dia, e a semelhança, por conseguinte, tornava-se mais sensível. St. Clare era indolente e não fazia conta de seu dinheiro: até a compra das provisões era feita por Adolfo, que, tão negligente quanto o amo, esbanjava como ele. Habitado a administrar, por longos anos os bens do Sr. Shelby, Tomás notou com tristeza as despesas malucas que se faziam em casa de St. Clare, e teve a coragem de fazer-lhe algumas observações, tímidas e indiretas. No começo St. Clare empregou-o acidentalmente; depois, convencido da sua capacidade e do seu espírito reto, confiou-lhe maior número de negócios, acabando a entregar-lhe o cargo de comprador, dele exonerando Adolfo, que o ocupava e que em vão reclamou ao amo.” (STOWE, *Op. Cit.*, p. 222)

Woodward²⁴, a identidade se delimita pelas características que a compõem e pelas que se opõem a outras. Ela é marcada pela diferença, por meio de símbolos, pela cor da pele, pela posse de bens, pelo gênero, etc., mas sempre é moldada pela cultura. Logo, a construção da identidade é simbólica e social, e mais, historicamente específica.

Estas identidades se formam não só pelos elementos que lhes são atribuídas, mas também pelas especificidades que “criam” para se diferir dos demais. Os negros de *A Cabana do Pai Tomás* se diferem pela cor da pele, pela cultura, pela condição social, elementos que são reforçados porque são legitimados enquanto discurso, enquanto diferença que os define pela sociedade que o lê. Na configuração do romance, os próprios personagens se criam e se defendem, através de suas ações e suas falas, assim eles mesmos definem sua própria identidade, e, frequentemente, foram definidos por outro “grupo”: os brancos. Sendo que, essa construção só é possível porque os negros (ou os brancos) só existem quando tem algo que se contrasta com ele, pois ao contrario é o mesmo que tentar comprovar o evidente. Que é o caso de Stowe: branca, anti-escravista, religiosa, que cria o lugar discursivo, em oposição ao seu mundo.

Na sociedade oitocentista norte-americana, a identidade era marcada com elementos simbólicos que podiam ser de gênero, mas também podia se remeter à procedência, à cultura, à condição social, à raça. Ser africano ou afro-descendente, ser sulista ou nortista, ser escravo, ser livre, ser negro, ser branco, ser anti-escravista, ser abolicionista, ser religioso ou não, ser proprietário de escravos ou não etc. É essa complexidade que comporta o recorte que propomos e que desenvolve tantas identidades historicamente específicas.

Há formas distintas de se pensar a formação e a configuração das identidades, há aquelas baseadas em perspectivas essencialistas e outras nas não-essencialistas. A primeira pensa a partir da existência de uma “natureza comum”, o que é próprio do homem, como coletividade, no que ligaria e formaria uma homogeneidade que pode se basear na história e na biologia, por exemplo, buscando permanências. Quando se remete num discurso com o termo “o negro”, se consolida uma interpretação essencialista por excelência, uma vez que nega toda forma de heterogeneidade que compõe esses indivíduos reunidos nesse “grupo” homogêneo e “etiquetado”. Stowe muitas vezes utilizou-se deste tipo de análise e fez apreensões reducionistas dos negros e sua cultura, pois, às vezes, recorria ao conhecimento comum, repleto de preconceitos. Posteriormente à publicação da obra, a autora foi refinando

24 WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

suas noções e percebeu que possuía princípios racistas em seus escritos, o que a fez reavaliar seus conhecimentos prévios. Segundo Thomas Graham:

(...) Sua própria experiência a levou a desconfiar muito do conhecimento popular sobre raça, e foi seu contato com os negros, assim como sua disposição de admitir evidências que tenderam a destruir conceitos existentes, levando-a a um entendimento avançado da questão racial.²⁵

A perspectiva não-essencialista focaliza as diferenças, o específico, o que é próprio do indivíduo. O que também se concretiza ao se ler a obra, uma vez que, ela representa os brancos de formas diversas, não só pela condição social, da mesma forma como ela relativiza os padrões culturais nortistas e sulistas. São considerados em sua complexidade, sendo que não são todos os sulistas que defendem a escravidão e nem todos os nortistas que se opõem a ela; ou nem são todos os traficantes de escravos que são maus e violentos, etc.

Há ainda como se pensar identidades individuais e coletivas, na obra observa-se a configuração clara desta segunda, havendo escravos “bons” e escravos “maus”, senhores “bons” e senhores “maus”. As identidades individuais também vão se fazendo ao longo do romance e caracteriza os personagens de modo a envolver os leitores. Esses tipos de identidades, criadas por Stowe, possibilita ao pesquisador uma interpretação da maneira pela qual a autora pensava as relações entre escravos e senhores na sua obra.

Da mesma forma como Edward Said, nós nos interessamos pela análise da superfície do texto, sua exterioridade, que possui, como fruto, a representação. Nesse sentido, não nos preocupamos se o que Stowe afirmava era a exata transcrição da realidade, mas sim em entender como ela colocou em palavras a sua visão dos relatos. *Os dados a serem observados são o estilo, as figuras de retórica, o cenário, os esquemas narrativos, as circunstâncias históricas e sociais, e não a correção da representação, nem sua fidelidade a algum grande original.*²⁶

Assim partimos da idéia que as representações de Stowe faziam sentido naquela sociedade (nortista e sulista dos Estados Unidos, na Inglaterra, França, enfim, no mundo) porque, de certa forma, ela dialogava com problemas imanentes de seu período, oferecendo respostas e perguntas. (...) *E, para obter esses efeitos, essas representações se baseiam em*

25 GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acessado em: 03/02/2011, p. 616.

26 SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51.

instituições, tradições, convenções, códigos consensuais de compreensão (...) ²⁷ que criam um lugar comum propício ao desenvolvimento de tais idéias. Pois, *Uncle Tom's Cabin* fez sucesso porque fornecia idéias comuns, e não por ser único.

Assim, propomo-nos a pensar a construção do discurso de H. B. Stowe no que tange a questão escravista, considerando seu delineamento dos personagens brancos e negros (e suas relações). Deste modo, questionaremos: Quando Stowe escreveu o romance, a questão da abolição ficou clara ao longo do romance? De que forma ela se colocava frente às propostas dos abolicionistas e escravistas de seu tempo, através de documentos paralelos ²⁸? Como aparecem as críticas à escravidão e a sociedade? Quem são os personagens que assumem os mais distintos posicionamentos políticos? Qual a(s) solução(s) possível (is) de se perceber para a situação de seu país e da sociedade expressadas na obra?

Nesse sentido, pretendemos apresentar um resumo da obra, a fim de familiarizar o leitor para as futuras análises. Posteriormente, vamos realizar uma explanação do contexto histórico do século XIX, não com a intenção de traçar uma relação causal entre este e o romance, mas a fim de compreender o que circundava a autora e poderia ser interpretado e apropriado em sua escrita. Como toda a representação está fundada no entendimento do real, os fatores externos são, segundo Michel De Certeau, inapagáveis da construção da escrita:

Certamente não existem considerações (...) nem leituras (...) capazes de apagar a *particularidade* do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. Essa marca é indelével. No discurso onde faço representar as questões gerais, essa marca terá a forma *do idiotismo*: meu dialeto demonstra a minha ligação com certo lugar. ²⁹

No primeiro capítulo, buscaremos compreender as discussões que se impunham nos Estados Unidos oitocentista. Assim, buscaremos explicar o crescimento nortista e sulista na primeira metade do século XIX; o movimento romântico, as discussões que envolviam a escravidão e as mobilizações; a Guerra Civil Americana (1861-1865); e a Reconstrução, ocorrida após a Guerra de Secessão.

27 Idem, *ibidem*, p. 52

28 Como as cartas disponíveis em: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. New York: Oxford University Press, 1999. e *Life of Harriet Beecher Stowe*. Compiled From Her Letters and Journals by Her Son Charles Edward Stowe. Boston and New York: The Riverside Press, 1890.

29 DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, J e NORA, P. *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 17

No capítulo dois, buscaremos compreender como a autora representou os negros e os brancos na obra. No capítulo três, tentaremos analisar a forma pela qual Stowe criou um discurso abolicionista ou antiescravista, e como esses elementos se distribuíam entre os personagens, quem eram eles. Deste modo, compreender como se configurou posicionamentos ou reivindicações à sociedade pela escritora. Enfim, disporemos as nossas considerações finais acerca da obra, autora, escrita e momento histórico.

Ainda cabe ressaltar que as citações da obra, realizadas no corpo do texto, serão traduções da primeira edição do livro *Uncle Tom's Cabin*, feitas pela autora da monografia, visto que a versão traduzida da obra incorre em grandes deslizos com a versão original. Desta forma, o original em inglês seguirá em nota de rodapé, a fim de que o leitor possa acompanhar as próprias palavras da autora em sua língua. Embora as citações da obra que forem apresentadas somente em nota de rodapé serão traduzidas para o português e não terá referência em língua inglesa. Sendo também a bibliografia em língua inglesa traduzida, quando aparecer em citação no corpo do texto, sem referência no inglês em nota de rodapé, tendo somente a indicação bibliográfica.

Breve resumo da obra

Resumir um texto tão denso em idéias e críticas quanto o romance *A Cabana do Pai Tomás* implica numa grande redução, diminuição até mesmo por se também ser uma tradução, o que por si só provoca uma alteração enorme da linguagem de outra época. Assim, o que se segue não pretende ser um substituto à própria obra, mas somente uma forma de compreender, brevemente, as tramas que envolverão as discussões que seguirão nos próximos capítulos.

Desta forma, vamos nos prender aos personagens principais, mas ressaltamos que existem muitos outros dos quais não serão citados nesse resumo, até mesmo por falta de espaço.

Tramas de *A Cabana do Pai Tomás*

A história do livro é baseada sobre a vida da figura do escravo Tom/Tomás, o qual passa por três senhores. O primeiro senhor de Tom morava em Kentucky e possuía escravos para afazeres relativamente leves. Nesta fazenda, o dito realizava trabalhos de administrador. Contudo, esse senhor estava envolto em dívidas com um traficante de escravos de Natchez, e necessitava de grande quantia para quitá-la. As únicas alternativas do senhor era ou conceder o melhor escravo – nesse caso Tom – para o traficante ou dar-lhe toda a fazenda. E, assim, resolveu ceder o fiel escravo, mesmo que já tivesse prometido-lhe a liberdade.

Havia também um escravo de aluguel (George) que havia se casado com uma escrava da casa dos Shelby. Esse foi requisitado por seu senhor para voltar a trabalhar no campo e deixar a fábrica. O cativo havia construído uma máquina muito engenhosa que tivera grande importância na fábrica onde trabalhava, porém seu dono se recusava a aceitar uma criação de tamanha estima feita por um escravo. Leva-o de volta com a promessa de que só fará trabalhos pesados. George em desespero resolve fugir, em direção ao Canadá.

Enquanto isso, em meio às transações realizadas na casa dos Shelby, o traficante Sr. Haley observava as brincadeiras de um pequeno menino. Este era filho de Eliza, escrava mais próxima da Sra. Shelby, e George (que acabara de fugir). O traficante combinou com Sr. Shelby de levar a criança junto com Tom a fim de quitar a dívida. Porém, não sabiam que a mãe da criança ouvia toda a conversa. À noite, Eliza também resolve fugir, para não ter que perder sua criança para o tráfico interno. Em seu caminho, passa pela cabana de Tom e o avisa de seu destino. Tom se recusa a deixar o dono perder a fazenda, e aceita o que Sr. Shelby havia preparado para ele. Mas, Eliza, sem hesitar, foge com Harry, na esperança de encontrar o marido no Canadá.

Na manhã seguinte, quando Sr. Haley vem buscar seus novos escravos, sente o desaparecimento de Eliza e Harry. Uma verdadeira caçada se inicia. Eliza foge veementemente dos comerciantes que a procuram. Em seu caminho foge inclusive passando por cima de blocos de gelo de um rio, com a criança nos braços. Ela foi, posteriormente, acolhida por uma mulher *Quaker*. O marido desta era um senador que havia votado a favor da lei *Fugitive slave Act*, que proibia o acolhimento de escravos fugidos do estado de Kentucky. Mas essa primeira posição política do homem não foi forte o suficiente para resistir a acolher a escrava fugitiva com a pequena criança.

O traficante pede a alguns amigos, que já se envolviam com o tráfico, que continuassem com a busca, uma vez que ele pretendia seguir viagem. Haley acorrenta as mãos e os pés de Tom, sendo que já havia presenciado diversas rebeldias de escravos que ele transportava. Logo, no caminho, o filho do Sr. Shelby (George Shelby) encontra Tom acorrentado e sendo levado pelo comerciante. Ele fica muito aborrecido com a situação e promete que buscará de todas as formas comprar de volta o pobre homem. Tom segue viagem em um barco a vapor, que desce o rio Mississippi.

No barco, Tom conhece uma garotinha (Evangeline) loira, muito gentil e educada, que era acompanhada pelo pai (Augustine St. Clare) e pela prima do pai (Sra. Ophelia). Em um determinado momento, a criança cai no rio. Tom imediatamente salta para salvar a menina. Como gesto de gratidão a Eva, o pai compra o escravo do comerciante. Assim, a viagem é direcionada para Nova Orleans. Em sua nova casa, Tom possuía: uma senhora má, Marie St. Clare, que defendia a violência como punição aos escravos insubordinados; um senhor muito benevolente, que oferece grande liberdade a seus escravos; a menina Eva que era muito próxima dos escravos; e a Sra. Ophelia que chegou a casa juntamente a Tom, com o propósito de ajudar a cuidar da casa e criar Eva, uma vez que a mãe da menina estava constantemente doente.

A Sra. Ophelia era uma mulher muito educada e instruída, religiosa e vinha do Norte. Era também uma senhora muito preconceituosa. St. Clare dá de presente à prima uma criança escrava, que era sempre muito violentada por seus antigos senhores. A idéia de Augustine era de que a prima oferecesse educação à menina. Contudo, Topsy era muito insubordinada e se recusa a aceitar qualquer tipo de ordens da dona. Somente Eva conseguiu convencer a menina a ser mais obediente e “boazinha”.

A certa altura do romance, Eva morre. Pouco tempo depois, o pai também morre. Marie volta para a casa do pai e a Sra. Ophelia volta para o Norte. Todos os escravos são vendidos. No mercado, Tom conhece seu novo dono: um homem sujo, grosso, que não

possuía instrução e que mantinha uma fazenda de algodão no interior da Louisiana. No caminho, Tom foi expropriado de todos os seus pecúlios, inclusive da Bíblia que carregava consigo. Amedrontando-o, o senhor afirma para o cativo que o único Deus que Tom conhecerá seria, a partir daquele momento, o Sr. Legree.

Assim, Tom chega a seu último destino: a plantação de algodão. Nesse novo lugar, foi obrigado a catar algodão sob o ritmo das ordens do feitor. Ao fim do dia, era feito o peso e a contagem do algodão colhido, sendo castigados aqueles que ficavam abaixo das metas. Contudo, a forte religiosidade de Tom não se abalou com a perda da Bíblia e os dias de trabalhos desgastantes. Tal devoção incomodava fortemente a Legree, o qual exigiu que Tom fosse o responsável por castigar os escravos que não atingissem a cota de algodão colhido. Tom se recusou repetidas vezes, as quais foram seguidas de castigos físicos ao escravo, em forma de espancamentos. Até que em um determinado dia, enquanto Tom desfalecia com muitos machucados, chegou o Sr. George Shelby – como havia prometido no início do livro – para comprar a posse do escravo.

O encontro de Tom nessa fazenda de Legree pelo Sr. Shelby foi possibilitado pelo fato de o Sr. Augustine ter escrito uma carta, quando Tom lá morava, para os Shelby informando onde Tom estava e como estava. Partindo, portanto, da casa dos St. Clare, depois de muito procurar, George finalmente encontrou Tom na casa de Legree. Porém, já era tarde demais e o escravo faleceu em seus braços.

A única coisa que George pode fazer foi levar o corpo de Tom para ser enterrado. Assim, recebeu a ajuda dos dois negros feitores que haviam espancado o cativo. Nesse momento, os negros pedem a George que os compre, demonstrando que sequer eles, estavam satisfeitos com a vida na fazenda. Porém, George não podia comprá-los. Ao chegar em casa, em Kentucky, ele liberta todos os seus escravos. Estes últimos não queriam, um primeiro momento, aceitar a liberdade, pois diziam que estavam satisfeitos com a condição que estavam na fazenda, além de não saberem para onde poderiam ir. Assim, o senhor pede a eles que permanecessem na fazenda, trabalhando, pois a necessidade de seus trabalhos era a mesma de antes, mas que, a partir daquele momento, receberiam salários e não estariam sujeitos a possíveis vendas.

Simultaneamente, durante a fuga, Eliza encontra uma mulher, que descobre ser irmã de seu marido (George). Esta havia herdado uma grande fortuna de seu marido que falecera. As duas, agora juntas, seguiam viagem para o Canadá. Ao chegar a seu destino, buscaram as estações que acolhiam negros fugitivos dos Estados Unidos. Lá conseguiram informações de George, logo, encontraram o homem.

A irmã oferece ajuda a George, que ganha instrução. Posteriormente, toda a família (George, Eliza, Harry e Madame Thoux) vai passar um tempo na França. De lá, George envia uma carta a seus amigos nos Estados Unidos, demonstrando sua intenção de não permanecer na França, nem volta para America, mas de ir para a Libéria, levar o cristianismo e a civilização.

Capítulo I **Histórias quentes para tempos efervescentes**

La) Desenvolvimento dos opostos: o crescimento nortista e sulista

Segundo Luiz Estevam Fernandes e Marcus Vinícius de Moraes, a sociedade estadunidense na primeira metade do século XIX se distribuía de modo disperso pelo território, separada por grande diversidade cultural, social, religiosa e econômica. Os poderes e interesses locais dificultavam a concentração do poder do Governo, sendo que os estados se sentiam unidos somente pela idéia de unicidade do povo norte-americano (com a crença de que estavam “destinados” ao progresso, certificado pela providência divina).³⁰

Stowe desenvolveu seu romance em Kentucky, Nova Orleans e Alto Mississipi, através das viagens do personagem escravo Tomás/Tom pelo tráfico interno. Deste modo, deixou nítida a diversidade da população nos diferentes espaços. A escritora explorou a questão religiosa em lugares distintos da União, ao mesmo tempo em que permeou toda a trama de elementos religiosos. Stowe desenvolveu histórias paralelas a de Tomás, e buscou criar histórias que adentrassem o meio político-legislativo, social e econômico.

Segundo Fernandes e Moraes, esses interesses divergentes se pautavam, principalmente, no fato do Sul pretender expandir a economia algodoeira e o sistema escravista para o Oeste, enquanto o Norte se preocupava com a expansão das terras livres. O Norte desenvolvia sua indústria simultaneamente a emergência de uma classe média, distinto do Sul. As duas regiões se relacionavam economicamente, ambas estavam inseridos no mercado mundial e, na sua lógica social interna, ambas mantinham preconceito contra os negros, afastando-os das esferas políticas.³¹

Nos anos de 1850, a população nortista superava a sulista, porém o Sul possuía mais força no domínio político, em decorrência da contagem da população escrava nos planos eleitorais. O oeste se apresentava como uma promessa de maior força política no governo federal para o lado que pendesse. A aceitação do pedido dos sulistas sobre a liberação da escravidão no projeto de administração territorial de Kansas e Nebraska tornou a situação ainda mais tensa. O evento foi visto pelo Norte como um ataque e um posicionamento do Congresso a favor dos interesses sulistas. O território de Kansas se mostrava cada vez mais

³⁰ FERNANDES, Luiz Estevam de O; MORAIS, Marcos Vinícius de. Os Estados Unidos no século XIX. In: KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 101-102.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 129.

dividido devido às disputas políticas, com constante mobilização dos imigrantes em defesa de suas próprias posições políticas. O presidente Franklin Pierce elegeu um Legislativo composto por escravistas e os políticos abolicionistas de Kansas responderam com a separação, formaram um novo Legislativo e elegeram novo governador.³²

A intensa plantação de algodão e tabaco nas terras do Sul dos EUA tinha seu êxito devido a novos fatores tecnológicos: novas invenções como o descaroçador de algodão de Eli Whitney alavancaram as produções, o que possibilitou a rápida passagem da economia de trigo e tabaco para a de algodão.

E, com a expansão da cultura algodoeira para Louisiana, Mississipi e Alabama (no sudoeste), configuraram-se os *cottonbelts* (cinturões algodoeiros), regiões de maior produção de algodão nos EUA. A escritora considera que nessas regiões tenha existido o mais brutal e violento tipo de escravidão, em comparação a Kentucky, onde se desenvolveu, segundo ela, a sua forma mais amena:

É talvez em Kentucky que a escravidão se apresenta sob a mais amena das formas. O predomínio geral de uma tranquilidade faina agrícola, que não exige os períodos de intensa e apressada atividade tão comuns nas regiões mais ao Sul, proporciona ao negro um trabalho mais sadio e menos pesado. Os senhores contentam-se com uma renda razoável e não conhecem as tentações do ganho rápido e fácil, que tantas vezes levam de vencida os bons propósitos da frágil natureza humana quando o único obstáculo que tem pela frente é a desgraça dos infelizes.³³

Segundo Rafael Marquese, a produção algodoeira intensificou-se somente após 1815: com o fim das querelas com a Inglaterra (que explodiram na guerra de 1812-1814), das guerras napoleônicas e o controle das técnicas, métodos e práticas adequadas à grande produção.³⁴

Naquela época, a Geórgia e a Carolina do Sul eram as principais regiões do cultivo de algodão, enquanto a área costeira da Virgínia, Maryland e – posteriormente – Kentucky, Missouri e Tennessee eram as principais da produção de tabaco. Essas grandes produções

32 Idem, *ibidem*, p. 130.

33 Perhaps the mildest form of the system of slavery is to be seen in the State of Kentucky. The general prevalence of agricultural pursuits of a quiet and gradual nature, not requiring those periodic seasons of hurry and pressure that are called for in the business of more southern districts, makes the task of the negro a more healthful and reasonable one; while the master, content with a more gradual style of acquisition, has not those temptations to hardheartedness which always overcome frail human nature when the prospect of sudden and rapid gain is weighed in the balance, with no heavier counterpoise than the interests of the helpless and unprotected. (STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: a tale of life among the lowly*. London: George Routledge & CO., 1852, p. 17)

34 MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 337-338.

necessitaram de uma pesada mão-de-obra, suprida pelos grandes contingentes de escravos africanos que chegaram pelo tráfico transatlântico à Virgínia ³⁵, a qual se tornou a maior responsável pelo fornecimento de escravos para as demais regiões do território.³⁶

Segundo Marquese, a criação de ferrovias para o escoamento da produção era primordial para o sucesso da economia, assim, os barcos a vapor pelo rio Mississippi significavam a promessa do sucesso e do progresso. A proximidade dos rios era o primeiro passo para instalar as plantações, seguido, pela necessidade de se conectar a cidades portuárias de relevo, como os portos de Charleston e Savannah, Móbile e de Nova Orleans. E, depois de meados da década de 1830, as ferrovias foram se expandindo e permitindo a penetração das plantações no território. ³⁷

Stowe não deixa de comentar a importância desse rio e de todo o universo, quase mágico, que ele envolvia, pensando o sistema escravista que transportava:

O Mississippi! Como se fosse encantado por uma varinha mágica, teve suas cenas mudadas, desde que Chateaubriand escreveu sua prosa poética descrevendo-o, como um rio poderoso, de solidões intermináveis, em meio de onduladas maravilhas não sonhadas da existência vegetal e animal.

Mas rapidamente, esse rio de sonhos e selvagem romance emergiu para uma realidade muito menos fantástica e esplêndida. Qual outro rio do mundo produz ao oceano o tributo de tantas riquezas como esse? – um estado que produz tudo abarcando os trópicos e os pólos! Essas águas turbulentas, rápidas, espumantes, correm impetuosamente, se assemelham a maré dos negócios, o qual é movido pela raça mais veemente e enérgica que qualquer outra já viu no velho mundo. Ah! Será que eles suportam a mais terrível carga, -- as lágrimas dos oprimidos, os suspiros dos necessitados, o amargo das preces dos pobres, dos corações ignorantes para um deus desconhecido – desconhecido, invisível e silencioso, mas quem ainda vai “sair de seu lugar para salvar todas essas pessoas da terra!” ³⁸

35 O tráfico transatlântico para a Virgínia foi proibido em 1778, nos outros estados ocorreram em anos anteriores e posteriores.

36 FERNANDES. & MORAIS, Op. Cit., p. 106.

37 MARQUESE, Op. Cit, p. 340.

38 The Mississippi! How, as by an enchanted wand, have its scenes been changed, since Chateaubriand wrote his prose-poetic description of it, as a river of mighty, unbroken solitudes, rolling amid undreamed wonders of vegetable and animal existence. But as in an hour, this river of dreams and wild romance has emerged to a reality scarcely less visionary and splendid. What other river of the world bears on its bosom to the ocean the wealth and enterprise of such another country? -- a country whose products embrace all between the tropics and the poles! Those turbid waters, hurrying, foaming, tearing along, an apt resemblance of that headlong tide of business which is poured along its wave by a race more vehement and energetic than any the old world ever saw. Ah! would that they did not also bear along a more fearful freight, -- the tears of the oppressed, the sighs of the helpless, the bitter prayers of poor, ignorant hearts to an unknown God -- unknown, unseen and silent, but who will yet "come out of his place to save all the poor of the earth!" (STOWE, Op. Cit., p.158)

Segundo Fernandes e Morais, as ferrovias proporcionaram a intensificação da circulação de pessoas e mercadorias, a alteração da percepção de velocidade e distância, além de trazer as marcas da tecnologia e da indústria. Elas se converteram numa forte idéia de progresso. E já nos princípios da segunda metade do século, conseguiram completar as vias que conectavam o Leste e o Oeste.³⁹

O rio Mississippi se apresentava como o meio de comunicação entre Nova Orleans e outras cidades importantes (como Natchez), ligando às *plantations* do interior. Ele era fundamental para a existência de uma economia como a sulista, transportando mercadoria e pessoas do interior ao porto e vice-versa. O Vale do rio Mississippi separava duas zonas: a algodoeira e a açucareira.

A economia sulista estabeleceu progressivamente uma região com alto índice de negros, essencialmente dedicada ao algodão, o *Black Belt* (cinturão negro), que envolvia parte do Alabama, Arkansas, Flórida, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Tennessee, Texas e Virgínia.

O tráfico interno era o que realmente abastecia essas *plantations*, principalmente, após a proibição do tráfico internacional de 1807 (lei federal). Segundo Marquese, no período entre 1820 e 1860, ele causou de 60% a 70% do movimento interestadual de escravos no sul, sustentando-se dos cativos em excesso dos estados exportadores: Virgínia, Maryland, Kentucky, Carolina do Norte e Carolina do Sul.⁴⁰ Segundo Ira Berlin, esse comércio interno de escravos gerou tamanha circulação demográfica que reduziu as especificidades regionais, tão característica do século XVII e XVIII, restringindo até mesmo as maiores diferenças do sentido norte-sul.⁴¹

Berlin ainda chama atenção para o fato de que a viagem para o Sul alavancava um alto índice de mortalidade escrava – embora ainda inferior a viagem transatlântica – e deixava fortes cenas traumáticas nos que sobreviveram. A trajetória mais comum era a viagem por terra, com os escravos agrilhoados, mas também havia a opção marítima, que passava comumente de Norfolk a Nova Orleans. Muitas paradas e desvios alongavam as viagens, com vendas, trocas e leilões nos caminhos. No leilão, a humilhação alcançava seus picos, depois de terem os corpos untados e os cabelos dos mais velhos pintados, os cativos passavam por inspeções e avaliações degradantes, para, depois de comprados, seguirem seus destinos com

39 FERNANDES. & MORAIS, Op. Cit., p. 108

40 MARQUESE, Op. Cit., p. 341

41 BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 202.

seus novos donos. Era comum também passarem a noite em “cadeias”⁴², as quais eram estabelecidas pelos maiores comerciantes. Eram experiências verdadeiramente solitárias, no sentido mental e emotivo, que rompia inúmeras vezes os laços com a condição humana. Mas a violência e a brutalidade, às vezes, se voltava contra os próprios comerciantes, tornando o tráfico interno perigoso, expostos ao risco de assassinatos e agressões pelos cativos. Esse medo enrijeceu a vigia sobre os negros e engrossou os metais das correntes⁴³.

A insalubridade e a frieza da separação das famílias escravas causavam a indignação dos nortistas, que tomavam consciência de muitos ocorridos pela imprensa. A venda dos escravos era vista pelo norte como uma violação da instituição da família e do casamento, como um afronte aos mandamentos de Deus. Ira Berlin afirma que os comerciantes não se interessavam por famílias inteiras, por isso os separavam, embora apreciassem as mulheres com crianças ainda pequenas⁴⁴. Era um sistema organizado em sua própria lógica, sustentado pela idéia de seres humanos como mercadorias, pautado, portanto, no desejável e indesejável. E os escravos que se encaixavam na definição de indesejáveis nas Carolinas e na Virgínia eram, muitas vezes, enviados para o Mississippi.⁴⁵

Harriet Stowe oferece a seus leitores uma visão desse árduo tráfico de escravos e seu funcionamento, de modo a sensibilizá-los com o destino incerto que muitos negros eram submetidos, comprometendo sua própria vida:

42 Stowe inclui no romance uma cena em que Tom passa a noite numa cadeia, enquanto estava sob a posse de um traficante de escravos (Sr. Haley), e aborda os sentimentos do bondoso escravo: (...). It is to be confessed, too, that the naïve, off-hand information that he was to be thrown into jail, by no means produced an agreeable impression on a poor fellow who had always prided himself on a strictly honest and upright course of life. Yes, Tom, we must confess it, was rather proud of his honesty, poor fellow, - not having very much else to be proud of; - if he had belonged to some of the higher walks of society, he perhaps never would have been reduced to such straits. However, the day wore on, and the evening saw Haley and Tom comfortably accommodated in Washington, - the one in a tavern, and the other in a jail. (STOWE, Op. Cit., p. 132)

43 Idem, *ibidem*, p. 203-205.

44 Stowe conduz o leitor, pelo romance, a um depósito de escravos, e escreve sobre a separação de família: Then you shall be courteously entreated to call and examine, and shall find an abundance of husbands, wives, brothers, sisters, fathers, mothers, and young children, to be "sold separately, or in lots to suit the convenience of the purchaser;" and that soul immortal, once bought with blood and anguish by the Son of God, when the earth shook, and the rocks rent, and the graves were opened, can be sold, leased, mortgaged, exchanged for groceries or dry goods, to suit the phases of trade, or the fancy of the purchaser. (STOWE, Op. Cit., p. 353)

45 BERLIN, Op. Cit., p. 200-201.

Arrastando penosamente atrás da grosseira carroça, e sobre a mais grosseira estrada, Tom e seus companheiros encaravam o que estava por vir.

Na carroça estava sentado Simon Legree e duas mulheres, ainda agrilhoadas juntas, estavam com alguma bagagem na parte dos fundos, e toda a companhia em busca da plantação de Legree, que estava a uma boa distância dali.

Era uma estrada selvagem e abandonada, com curvas do princípio ao fim, às vezes passava por um deprimente pinheiral improdutivo, onde o vento sussurrava tristemente, outras vezes, por longos caminhos pantanosos, através de pântanos ciprestes, desolados troncos de árvores apodrecidos, solo esponjoso de onde pendiam coroas de musgos de funerais negros, (...)

Era, sem dúvida, um caminho pouco convidativo para um viajante de bolso cheio e montado num cavalo, quanto mais para os pobres condenados que, a cada passo, mais e mais se afastavam das coisas e dos seres queridos.⁴⁶

Assim, os abolicionistas foram organizando e fundamentando sua causa de forma meticulosa.

Primeiramente, segundo John Hope Franklin e Alfred A. Moss Jr. pregavam que a escravidão era contra os princípios do cristianismo e, especialmente, contra o dogma da fraternidade universal e que todos os homens foram cunhados a imagem de Deus. Logo, defendiam que ela era contra o estilo de vida americano, por negar a liberdade que deveria ser direito de todos os homens, sendo lhes negados direitos que deveriam ser inalienáveis. Defendiam que ela era prejudicial à economia, porque os trabalhadores não seriam tão eficientes devido às condições que são subjugados e a alta mortalidade de escravos. Afirmavam que a escravidão era contra a civilização, além de ser considerada uma ameaça a paz e a segurança da nação. Viam o Sul como uma bomba prestes a explodir em consequência da grande tensão que há nas relações senhor - escravo.⁴⁷

Paralelamente a essa visão laicizada abordada por Franklin e Moss, existe o viés interpretativo mais religioso proposto por Celia Maria Marinho de Azevedo. A autora defende que nos Estados Unidos, o abolicionismo surgiu como uma das muitas mobilizações dos movimentos reformistas. Os abolicionistas, antes de lutarem por essa causa, geralmente, haviam se envolvido com outros planos de reforma, como: tentativas de conter a prostituição, distribuição de bíblias, moralização e educação dos pobres, associações para enviar negros

46 Trailing wearily behind a rude wagon, and over a ruder road, Tom and his associates faced onward. In the wagon was seated Simon Legree and the two women, still fettered together, were stowed away with some baggage in the back part of it, and the whole company were seeking Legree's plantation, which lay a good distance off.

It was a wild, forsaken road, now winding through dreary pine barrens, where the wind whispered mournfully, and now over log causeways, through long cypress swamps, the doleful trees rising out of the slimy, spongy ground, hung with long wreaths of funeral black moss, (...)

It is disconsolate enough, this riding, to the stranger, who, with well-filled pocket and well-appointed horse, threads the lonely way on some errand of business; but wilder, drearier, to the man enthralled, whom every weary step bears further from all that man loves and prays for. (STOWE, Op. Cit., p. 370)

47 FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989, p. 177-179.

para núcleos de colonização na África. Assim, na defesa da abolição, esses homens e mulheres se sustentavam em argumentos religiosos, de princípios imutáveis. Para tanto, Azevedo apresenta uma citação do jornal *The Liberator*, que defendia que a escravidão era um pecado, uma vez que transformava as pessoas em coisas, abalando normas criadas por Deus.⁴⁸

E existe ainda a perspectiva de Robin Blackburn⁴⁹, que propôs pensar o antiescravismo na América como algo que possuía referências no antiescravismo europeu. Para tanto, o autor deslocou o foco dos principais líderes do movimento na América, sem deixar de defender que as estratégias dos abolicionistas foram inovadoras, mas ressaltando que aquele sentimento antiescravista não era novo.⁵⁰ Muitos dos argumentos do abolicionismo já estariam disponíveis em outros períodos, da mesma forma como da defesa da escravidão.

A defesa da escravidão se mostrava justificável pela retórica bíblica, nas passagens de Noé e de São Paulo. Noé teria condenado uma parte da humanidade (filhos de Cam) à servidão perpétua, porque Cam viu o pai desnudo. Enquanto em Paulo nota-se uma defesa da fidelidade do servo ao senhor. Sendo que essa tolerância religiosa foi reconhecida somente até o século XVIII em Roma. Contudo, não se limitou a esfera religiosa essa defesa, o imperador Justiniano, no século VI, promulgou um código que permitia a posse de pessoas, a hereditariedade da servidão e os poderes de senhores e de escravos. Os tratados internacionais também reconheciam a instituição (até o século XVIII), com reconhecimento por países como: França, Inglaterra, Portugal, Países Baixos e Dinamarca.⁵¹

Já o sentimento antiescravista popular, segundo Blackburn apontava para a aversão a tornar-se escravo e de que o comércio de escravos deveria ser impedido em certos lugares. Sendo que nas áreas do norte e oeste da Europa o estabelecimento da servidão foi gradativamente diminuindo a escravidão. Além disso, num viés interpretativo que privilegia certa visão marxista, o autor aponta para um desenvolvimento de um espaço propício a uma luta de classes contra toda forma de escravidão. Blackburn chama a atenção para um temor da resistência do meio popular de uma possível falta de controle sobre os poderes de senhores

48 AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 41-43.

49 BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

50 Idem, ibidem, p. 50-51.

51 Idem, ibidem, p. 47.

sobre os indivíduos livres. Muitas vezes, a propriedade de escravos vinha vinculada a uma noção de luxuosidade e civilização. Assim, afirma:

(...) Não houve uma “abolição” no final da Idade Média ou no início da era moderna, mas sim a crença popular generalizada de que aos ricos e poderosos não deveria ser permitido dispor a vontade do corpo de pessoas do povo. O funcionamento cotidiano de uma forma geral na qual o poder econômico e o trabalho livre assumiam novas formas renovava e realimentava continuamente a repulsa à servidão.⁵²

Já no meio abolicionista do século XIX estadunidense, Stowe era claramente a favor das causas dos abolicionistas e confirmava seus argumentos, porém não apoiava a vertente da radicalidade. A religiosa aparentemente negou o convite para participar da celebração do 30º aniversário da Sociedade Americana Anti-Escavidão, na Filadélfia, no ano de 1853. Quem a presidia era William Lloyd Garrison, um famoso abolicionista radical que editou, por inúmeras décadas a partir de 1831, o jornal *The Liberator*⁵³. A cerimônia havia planejado numerosos discursos, muitos feitos por mulheres. Porém, Stowe se sentia desconfortável com o radicalismo de Garrison, mas o respondeu com uma carta muito educada e elogiosa, declarando suas afinidades com seu jornal *Liberator*. Ela confessou lê-lo constantemente e admirá-lo muito, estimando o jornal como uma franca e hábil exposição do elemento ultra progressivo daquele tempo. Apesar das diferenças, essa troca foi o início de um mútuo e profundo respeito, que os dois carregaram para o resto de suas vidas.⁵⁴

Os escravos que os nortistas e sulistas discutiam eram, majoritariamente, naturais da América. Portanto, aqui não se trata de, sobretudo, africanos, mas de escravos naturais do continente.⁵⁵ Stowe se referia, geralmente, a esses indivíduos mestiços como *quadroon*⁵⁶, e são a maioria dos personagens principais escravos da obra. Como ressalta um dos

52 Idem, ibidem, p. 49-51.

53 O jornal *The Liberator* era repleto de posicionamentos políticos, que buscavam formar a opinião pública e mobilizar a sociedade, como a maioria dos jornais do início do século XIX. Esse jornal trazia uma grande carga de notícias do movimento abolicionista. Porém sua circulação não era tão grande, uma vez que as assinaturas não excediam 3000 exemplares e aproximadamente 25% era absorvido por público negro, os quais possuíam uma limitada influência política. Garrison, no início, vivia miseravelmente para manter o jornal e ainda sofria forte oposição, mais do Norte que do Sul (EMERY, E. História da Imprensa nos Estados Unidos: Uma interpretação da história do jornalismo. Rio de Janeiro : Lidador, 1965, p. 289-290), visto que o preconceito dos brancos não se limitava às fronteiras.

54 *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 76 -77.

55 MARQUESE, Op. Cit., p. 241.

personagens: “Bem, há uma inserção bastante razoável de sangue anglo saxão entre os nossos escravos agora”, disse Augustine. “Há muitos dentre eles que somente conservam da origem africana uma espécie de calor tropical, reconhecível na sua maneira de trabalhar”⁵⁷.

Essa questão da origem dos escravos no alto Sul induziu adaptações, entre elas a do mercado de aluguel de cativos.⁵⁸ Esse tipo de economia estava clara nos jornais e circulava pela sociedade nortista e sulista, e se encontram referências diretas nos ataques de Stowe a desumanidade que ele envolvia. Assim, a autora envolve dois personagens nesse tipo: George e Chloe, a esposa de Tom.

Conforme Franklin e Moss, a intolerância às agitações abolicionistas eram recorrentes, até mesmo no norte. Muitos editores foram perseguidos e tiveram suas prensas queimadas por sublevações da população. Os que ofereciam palestras contra a escravidão não conseguiam alugar salões facilmente, mas a segurança não era garantida. Sendo que nem mesmo as mulheres estavam imunes da reação popular. O governo federal também não proporcionava auxílio, mas, pelo contrário, estabeleceu uma norma que recebia e arquivava as petições contra a escravidão, tornando-as pendentes por tempo indeterminado. Essa norma foi estabelecida pela Câmara de Deputados em 1836 e foi chamada de “Norma da Mordaça” pelos abolicionistas.⁵⁹

Segundo os autores, os argumentos dos escravistas envolviam a idéia de que os negros eram inferiores e, por isso, deveriam tomar uma posição subordinada, além de defenderem a existência de uma desigualdade biológica em relação aos brancos. Eles afirmavam que a escravidão era essencial a economia sulista. Embasavam-se também na justificativa de que a igreja havia promulgado a escravidão como uma forma válida de conversão à civilização cristã dos negros. Alguns defendiam que a sociedade só poderia progredir se houvesse escravos para realizarem os trabalhos. Porém, com o tempo o que passou a prevalecer foi a força, os que se opunham a instituição eram expulsos do Sul. A imprensa foi censurada, as

56 Na versão em português da obra, o tradutor ofereceu uma nota de rodapé que explicava que *quadronn* poderia ser traduzido como “quarteirão”, que equivaleria a um indivíduo que possuía pai branco e outro mulato ou mestiço. (STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do Pai Tomás*. Tradução: Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, p. 19.

57 "Well, there is a pretty fair infusion of Anglo Saxon blood among our slaves, now," said Augustine. "There are plenty among them who have only enough of the African to give a sort of tropical warmth and fervor to our calculating firmness and foresight." (STOWE, Op Cit., p. 292-293)

58 Idem, ibidem, p. 241.

59 FRANKLIN e MOSS, Op. Cit., p. 181

faculdades e os meios de comunicação passaram a defender veementemente a escravidão e a secessão.⁶⁰

O romance de Stowe foi um dos livros impedidos de circular no Sul, publicado em março de 1851, porém até março de 1852 ainda não havia causado grande repercussão nos EUA, pois era apenas mais uma coluna abolicionista em um jornal abolicionista.⁶¹ Contudo essa situação foi mudando conforme o aumento da circulação do livro e as encenações em teatros no Sul. Os sulistas e os responsáveis pela imprensa sentiam o romance como uma grande calúnia e, especialmente, a representação de Nova Orleans, a qual Stowe ataca diretamente como centro da escravidão.⁶² Tomando conhecimento de que o romance seria apresentado, o editor do *Daily Picayune* expressou sua indignação com frases de horror, como:

É lamentável [escreveu ele] que uma mulher seja a protagonista neste trabalho de travessuras. Não sabemos nada da Sra. Harriet Beecher Stowe, exceto de seu livro, mas não é suficiente, que dar-lhe uma notoriedade odiosa. Ela tem muita imaginação para não compreender a injustiça perversa e as conseqüências perigosas da imagem distorcida que ela chamou de vida e moral dos escravos do sul...Ela tem degradado a seus poderes indecorosos e travesso trabalho que poderia ter sido útil e normalmente dedicado a composições delicadas e femininas, ...desprovido de sexo... seus pensamentos por causa de ganho....Por isso ela mergulhou a pena no amargo fel da maldade, e tem escrito um dos livros mais abomináveis que a idade já produziu, cheios de toda sorte de calúnias e falta de caridade e provocador do prejuízo (...).⁶³

Uma revista de Nova Orleans, *De Bow's Review of the Souther and Western States*, publicou inúmeros artigos que buscavam defender a escravidão e para isso utilizavam de

60 Idem, ibidem, p. 191-192

61 ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362. IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010, p. 347-348.

62 Idem, ibidem, p. 347-352.

63 It is deplorable [he wrote] that a woman should be the principal agent in this labor of mischief. We know nothing of Mrs. Harriet Beecher Stowe except from her book; but there is enough in that to give her an odious notoriety. She has too much mind not to comprehend the wicked injustice and dangerous consequences of the distorted picture she has drawn of slave life and Southern morals.... She has degraded to her unseemly and mischievous labors powers which might have been usefully and gracefully devoted to delicate and womanly compositions, ... unsexing ... her thoughts for the sake of gain.... Hence she dipped her pen in the bitterest gall of malevolence, and has written one of the most abominable libels which the age has produced, full of all manner of calumnies and uncharitableness; and provocative of mischief beyond her power to check, if she would. Such a desecration of woman's nature is a sorry and a rare sight, even in this age of feminine aspirations to rivalry with man in all his harshest of traits, and all his most unamiable pursuits. (*Daily Picayune*, August 28, 1852 apud ROPPOLO, 1957, p. 348-349)

conteúdos que mostravam os escravos como criaturas felizes em comparação ao operariado do Norte.⁶⁴ Inúmeros outros jornais sulistas se pronunciavam a favor da escravidão (como o *New Orleans Noesis* e *Journal of Intellectual Amusement*) e, em muitos casos, contra o romance *Uncle Tom's Cabin*, diretamente. Porém, as ofensas iam se redirecionando, passando da obra para a autora em si.

Stowe escreveu a obra baseada em fatos anunciados nos jornais do Sul, como o *Daily Orleanian* (de 19 de outubro de 1852), o *New Orleans Daily Crescent* (de 12 de outubro de 1852) e do *New Orleans True Delta*, além de documentos providenciados pelo irmão (Charles Beecher) que viveu em Nova Orleans, entre outros. Ela retirava histórias de venda de escravos, de recompensas por capturas ou de comprovação de morte de escravos fugidos. Charles fez anotações do que ele ouviu e escreveu detalhadas descrições do que viu. Dessas anotações, Stowe pode ampliar seus conhecimentos acerca das regiões de plantações de abaixo do rio, além de poder enriquecer seus personagens e as paisagens de *Uncle Tom's Cabin*.⁶⁵

Nas fazendas, os proprietários conservavam tradições de duzentos anos para manter a ordem. O regime familiar funcionava, nesse sentido, criando divisões entre os escravos e aplicando chibatadas a qualquer tipo de infração, com muito sangue e brutalidade. O sistema de privilégios também era recorrente, compensando os bons trabalhos e equilibrando o sistema explosivo, ressaltados enquanto concessões e não direitos.⁶⁶

As fugas para as matas, ou para os estados da Virgínia e das Carolinas eram freqüentes, porém o sucesso era limitado. Sendo que o trabalho nunca reduzia nos regimes de *plantation* e, à medida que as plantações de algodão aumentavam e ultrapassavam as plantações de trigo e tabaco, os escravos sofriam as conseqüências de um trabalho completamente diferente e difícil de acostumar. Para os trabalhadores *era doloroso, especialmente para os recém-chegados, pois as bordas afiadas das cápsulas cortavam talhos fundos nas mãos dos apanhadores, tornando lento o trabalho de secar, descaroçar e enfardar*⁶⁷. A estação de cultivo do algodão era a mais longa e as tarefas eram muitas, e quando não estava no período desta os cativos iam para os campos de milho e ervilha.⁶⁸

64 Idem, ibidem, p.349.

65 Idem, ibidem. 1957, p. 351-352

66 BERLIN, Op. Cit., p. 207

O trabalho escravo na região algodoeira se tornava cada vez mais esgotante e desgastante, consumindo mais e mais a vida dos trabalhadores, reduzindo sua expectativa de vida. Os proprietários buscavam formas cada vez mais aperfeiçoadas para aumentar a exploração dos trabalhadores, deixando o método antigo de definição de limites. Primeiramente, romperam com as folgas de domingos e sábados parciais. Logo, o dia de trabalho e o trabalho noturno foram alongados. Esse tipo de economia foi, progressivamente, abolindo as pequenas hortas dos escravos.⁶⁹

O posicionamento das *plantations* nem sempre eram próximas de núcleos urbanos ou possuíam fácil acesso, as mais novas muitas vezes se localizavam entre florestas e pântanos extremamente densos.⁷⁰ Nessas fazendas, segundo Berlin, os escravos ficavam ainda mais submetidos à violência e super-exploração do senhor. Muitos escravos perdiam o otimismo e desistiam da crença na possibilidade de reencontrar a família ou os amigos.⁷¹ Mas as resistências a esse sistema também eram freqüentes, desde suicídios e infanticídios a fugas.

Sendo que Stowe reconhece essas formas de subterfúgio dos escravos, e cria personagens que fogem de senhores demasiado exploratórios (os escravos George e Cassy), e também reconhece a resistência à instituição pela insubordinação (como Topsy, que chega a pedir para baterem nela porque ela é, de natureza, má e nunca fará o que os senhores esperam dela). Trabalhando também personagens que possuem um espaço de autonomia maior com seu senhor (como os feitores da fazenda do senhor mal Legree), o qual é negociado por meio de privilégios obtidos como retribuição aos trabalhos requeridos pelo senhor.

I. b) Movidos por Deus: Romantismo, cativo e mobilizações

O romantismo literário e o discurso humanitário se misturavam e se confundiam e atacavam a escravidão. Eles se fundamentavam em princípios políticos, éticos e religiosos, ao

⁶⁷ Como narra o liberto Solomon Northup – em seu livro *Twelve years a slave* – que ele próprio não conseguia realizar o trabalho do algodão, e no fim da semana sempre apanhava por não alcançar a cota esperada e, assim, decidiu pela fuga.

⁶⁸ BERLIN, Op. Cit, p. 208-209.

⁶⁹ Idem, ibidem, 209-210.

⁷⁰ Idem, ibidem, p. 221

⁷¹ Idem, ibidem, p. 223

mesmo tempo em que forneciam um impulso ao reformismo progressista nortista. Esse discurso vinha repleto de nuances moralistas e indignações, julgando a escravidão como problema social, pecado e contra o Testamento.⁷²

De acordo com Charles Sellers et al, a primeira metade do século XIX foi marcada por um movimento da história intelectual e literária ocidental, que definia novas conformações de idéias e atitudes. Trazia elementos do iluminismo setecentista, como a suposição de que o mundo tivesse sido cunhado para a felicidade humana, e enfatizava a capacidade do homem, mas não creditava direitos às mulheres. Havia uma tendência ao individualismo, otimismo e aos princípios políticos liberais.⁷³ Porém o romantismo trazia novas concepções como a valorização das qualidades emocionais e intuitivas em detrimento ao intelecto, sendo que a verdade seria sempre encontrada a partir dos primeiros e não do segundo.⁷⁴

Devido a um afastamento do ambiente religioso, o clero ortodoxo buscava uma reformulação de seus valores. Substituíram o Deus soberano, o grau do pecado, a impotência da humanidade e a obrigação de salvação por um Deus mais acolhedor, que desejava salvar os pecadores. Esse momento foi chamado de Segundo Grande Despertar ou Grande *Revival*, que absorveu e alterou o cristianismo protestante, através da proposta do otimismo romântico, deixando espaço para o individualismo da cultura norte-americana, sem transformá-lo em pecado. Uma de suas fases iniciou-se em Kentucky, com grandes espetáculos de entusiasmo religioso que, logo, se difundiu pelo Oeste. Esses renascentistas deixaram sua influencia em muitas novas Igrejas, como os batistas e os metodistas.⁷⁵

Segundo Sellers, o reitor de Yale e Lyman Beecher, pai de Harriet B. Stowe, demonstraram no Leste, ao clero conservador, como usar o Renascimento mais moderado como forma de combater o unitarismo – uma nova linha religiosa que acabava de deixar a facção ortodoxa – e manter a hegemonia do congregacionalismo ortodoxo.⁷⁶ Lyman Beecher estava determinado em agir sobre a formação cultural da nova nação e se tornou um dos mais famosos clérigos anglicanos do início do século XIX. Ressaltando que o período oitocentista

72 GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da Escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 82.

73 SELLERS, Op. Cit, p. 151.

74 Idem, ibidem, p. 152

75 Idem, ibidem, p. 154.

76 Idem, ibidem, p 154.

mesclava e confundia religião e política, os irmãos e o marido de Harriet e ela própria também se envolveram na vida política e religiosa, como reformadores, educadores e pregadores.⁷⁷

O considerado “pai do Renascentismo moderno”, Charles Grandison Finney, uniu o fervor emocional e técnicas novas nos assuntos religiosos, pregou em casas, aceitou a participação integral de mulheres, etc., e assim, conseguiu firmar o “presbígacionalismo” nas regiões do Oeste. Ele adotou o princípio otimista do livre-arbítrio e adicionou o Perfeccionismo, fazendo com que a reforma só dependesse da perfeição moral do indivíduo. Seus discípulos se envolveram na causa abolicionista, misturando o entusiasmo religioso e a obrigação da reforma moral.⁷⁸

As conclusões de Stowe a respeito da escravidão, que foram muito circuladas por todo o Norte, foram construídas a partir desses novos valores do clero ortodoxo e inclusive do Perfeccionismo Cristão – que possuiu como marcos Asa Hale e Charles Finney. Segundo Theodore R. Hovet⁷⁹, principalmente na segunda metade do século XIX, os perfeccionistas cristãos apoiaram as buscas por liberdade política e espiritual, tentando substituir a alienação e o desespero pelas afirmações alegres da promessa americana. Os escritos de Harriet não só proveram uma imagem para algumas das razões para essa mudança, eles também indicaram respostas aos nortistas sobre a escravidão e a crise regional.⁸⁰

A particular contribuição dos perfeccionistas cristãos para a maioria dos movimentos foi a afirmação que a autoridade bíblica verificava suas crenças e fornecia um lugar especial para a América na trajetória do divino. Eles afirmavam que a doutrina do pecado inato que se espalhava pelo protestantismo americano era errada. Defendiam que Deus havia feito um pacto com Adão (depois reafirmado com Abraão e Moisés) que fazia o homem escravizado por um pecado inato e preso aos dez Mandamentos, estabelecendo a lei moral. Posteriormente, com o sacrifício de Cristo e a reparação dos pecados dos homens, se constituiu um novo pacto, o homem foi liberado do pecado e compartilhou, nas palavras da perfeccionista cristã Asa Mahan, “a gloriosa liberdade das crianças de Deus”. Assim,

77 HEDRICK, Joan. Introduction. In: *The Oxford Harriet Beecher Stowe reader*. Ed. Oxford University Press, 1999, p. 2.

78SELLERS, Op. Cit., p 154.

79 HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011, pp. 535-549.

80 Idem, ibidem, p. 536-537.

explicava-se a existência da escravidão durante todo o Velho Testamento, onde tudo fora organizado na relação senhor - escravo.⁸¹

Contudo, Deus não poderia impor a obediência de sua lei aos homens, seres racionais, ele mandou Cristo para fazer o novo acordo. Esse novo Acordo seria mantido voluntariamente pelos homens, devido ao amor a Cristo, libertando espiritualmente o homem, abolindo a imposição pela força. O Novo Acordo foi primeiramente intencionado para dar ao homem liberdade espiritual, partindo do pressuposto que aquele que conseguisse liberdade espiritual obviamente não iria consentir com políticas tirânicas, que pregassem o cativeiro físico. Deste modo, a escravidão dos africanos no Sul violava o novo acordo. Essa análise do pecado da escravidão proveu a chave para o ideal religioso que sustentava os argumentos antiescravistas e abolicionistas.⁸²

Hovet, Edmund Wilson e Ellen Moers acreditam que *Uncle Tom's Cabin* foi escrito porque Stowe acreditava que quando os americanos percebessem o pecado que consistia a escravidão, eles iriam aboli-la voluntariamente.⁸³

Assim, Sarah Josepha Buell Hale, em sua obra *Northwood* associou a busca pela liberdade espiritual e a história da fundação da América. Ela colocou os fundadores da nação como aqueles que superaram a ordem social corrupta e tirânica da Europa e instituíram o governo democrático, baseado na fidelidade voluntária de cada indivíduo, tornando os estadunidenses mais próximos dos princípios do Novo Acordo. A América, nesse sentido, se torna a nação escolhida por Deus porque ela “fez o melhor progresso nos princípios verdadeiros da liberdade”. Idéia a qual, segundo Hovet, Stowe provavelmente teve contato, mas mesmo que ela não tenha lido a obra, era uma idéia comum. Nesse sentido, Hovet destaca uma passagem semelhante que Stowe faz em *Uncle Tom's Cabin*, onde um dono de escravos – Augustine St. Clare – ressalta a semelhança entre a escravidão americana e as ações da aristocracia inglesa frente às “classes baixas” (termo usado por Hovet).⁸⁴

De acordo com Sellers et. al., as novas idéias do clero ortodoxo foram tão bem recebidas pelo fato de os norte-americanos estarem cada vez mais autoconfiantes,

81 HOVET, Op. Cit., p. 538- 539

82 Idem, ibidem, loc. cit.

83 Idem, ibidem, p. 535.

84 Idem, ibidem, p. 539.

individualistas e otimistas em relação ao futuro. A aceitação de um Deus mais bondoso, que admitia que as pessoas fossem dotadas de razão, com a qual poderiam discernir entre bem e mal, e a vida religiosa tendo como objetivo fazer o bem no presente, e não depender da salvação arbitrária divina no futuro, em outro mundo.⁸⁵

Conforme William Sweet, a abolição foi um dos assuntos que levou a igreja metodista a tomar uma posição radical na política no fim da guerra. Houve uma idealização por parte dos nortistas, e especialmente dos religiosos, dos negros sulistas, durante a guerra. Muitos cristãos desenvolveram atividades beneficentes para ajudar negros libertos.⁸⁶ Sweet ressalta que o motivo da Igreja Episcopal Metodista em mandar trabalhadores para o Sul não era embasado em egoísmo ou interesse político. Muitos líderes metodistas do Norte foram absolutamente sinceros e altruístas, percebendo a sua igreja como necessária no Sul para desempenhar um trabalho que não poderia ser realizado pelas igrejas do Sul,

devido a sua condição de pobreza e desorganização. Sendo que muitos sentiam ainda que a Igreja Episcopal Metodista era necessária no Sul como um centro para o qual as pessoas leais poderiam se reunir em ordem para equilibrar a igreja sulista (que era contra a União).⁸⁷

O credo Metodista fundiu-se com a idéia de lealdade ao governo dos EUA.⁸⁸ Esse apoio a União era um ataque a ordem política do Sul, que buscava a separação pela Guerra já iniciada, e aos interesses locais. O estabelecimento de igrejas que se opunham às práticas escravistas e o rompimento com a União no Sul era uma ameaça às relações senhor – escravo, ao mesmo tempo em que era um símbolo do inimigo nortista.

Desde o período entre 1787 e 1829, de acordo com Donald Mathews⁸⁹, pregadores metodistas buscaram integrar os negros no ambiente da igreja, acreditando que Deus não se importava com a etnia das pessoas. Os metodistas ordenaram ministros de cor e até torciam as leis para oferecer liderança espiritual aos negros. Nos eventos da igreja, negros e brancos

85 SELLERS, Op. Cit., p. 153.

86 SWEET, William W.. Methodist Church Influence in Southern Politics. In: *The Mississippi Valley Historical Review*. Published by: Organization of American Historians. Vol. 1, No. 4 (Mar., 1915). IN: <http://www.jstor.org/stable/1886955>. Acessado em: 11/02/2011, p. 552-553

87 Idem, ibidem, p. 555.

88 Idem, ibidem, p 552

89 MATHEWS, Donald G.. The Methodist Mission to the Slaves, 1829-1844. In: *The Journal of American History*. Published by: Organization of American Historians. Vol. 51, No. 4 (Mar., 1965). IN: <http://www.jstor.org/stable/1889804>. Acessado em: 11/02/2011.

seguiram as doutrinas, porém nem sempre tinham bases iguais. Havia formas de segregação racial nas igrejas: os negros freqüentemente sentavam nos fundos e às vezes ficavam do lado de fora ouvindo nas janelas; às vezes assistiam as pregações depois dos brancos, ou eram separados por uma porta. Depois de 1816, por causa desses arranjos e da concentração de poder dos brancos muitos negros começaram a deixar a Igreja Metodista.⁹⁰

A promessa protestante oferecia uma possibilidade de auto-identificação aos brancos e aos negros com Israel, os primeiros destacavam a escolha de Deus – como povo eleito – e a terra prometida, enquanto os segundos reconheciam-se no sofrimento e na promessa de liberdade.⁹¹

Harriet B. Stowe viveu essa efervescência religiosa com forte ênfase política e ainda sentia as mudanças na percepção de trabalho em relação a gênero com as profundas transformações do ambiente urbano. Segundo S. J. Kleinberg, a década de 1830 alterou a concepção de trabalho masculino e feminino e os lugares do homem e da mulher na família e na comunidade, conseqüências do acelerado crescimento da população e das áreas urbanas, e principalmente do setor industrial. Esse desdobramento econômico estimulava movimentos de reforma política e social, questionando gênero, escravidão, religião e as relações do indivíduo-sociedade. As mulheres ainda constituíam um grupo diverso, as quais eram separadas por raça, classe, etnia e região. Sendo que no período entre 1830 e 1865, desenvolveu-se uma valorização da domesticidade, principalmente para a mulher urbana de classe média.⁹²

No período posterior à Revolução, houve um florescimento de níveis de educação e alfabetização. Esses fatores implicaram em alterações significativas no universo feminino: possibilitando acesso a empregos, reduzindo as distâncias ao facilitar a comunicação, além de possibilitar o registro de sentimento e idéias para o uso público e privado. A imprensa passou a publicar revistas e livros escritos por mulheres e elas começaram a ministrar aulas nas escolas. As mulheres brancas do Norte e do Oeste foram as que tiveram os mais elevados níveis de instrução, enquanto as mulheres de cor não recebiam nenhum tipo de educação formal. A educação feminina pública expandiu-se, sobretudo no Norte, com a valorização da educação para propósitos religiosos.⁹³

90 Idem, *ibidem*, p. 616

91 GOMES, Op. Cit., p. 79-81

92 KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999, p. 11-12

93 Idem, *ibidem*, p. 58-59

Enquanto no Sul, a educação ganhou pouco incentivo, sendo que a própria população contribuiu para as dificuldades da expansão da educação para os brancos de seu território. Embora também deva se levar em consideração o temor de sublevação escrava que provocou a proibição da educação para os afro-americanos na década de 1830.⁹⁴ Portanto, poucos escravos sabiam escrever.⁹⁵

A expansão da educação foi fundamental na dilatação do público consumidor do impresso, mulheres e pessoas pobres inseriram-se no universo da leitura. A substituição da pesada prensa de madeira pela máquina de imprimir reduziu o custo e as dificuldades da publicação. As novas técnicas de impressão e gravação aperfeiçoaram os recursos visuais, barateando as ilustrações e proporcionando um novo perfil às revistas e jornais. As novas tecnologias aprimoraram o transporte facilitando a difusão.⁹⁶

Muitas mulheres tornaram-se editoras e escritoras, e algumas entraram para a imprensa como tipógrafas. Elas ofereciam em suas publicações conselhos, informação e diversão ao público leitor feminino, ao mesmo tempo em que davam suporte ao culto da domesticidade, reforçando a importância da mulher, ao mesmo tempo em que as mantinham dentro de casa com representações de mulheres subordinadas aos maridos.⁹⁷

Já com a revolução industrial, houve um afastamento entre os espaços da casa e do trabalho, dificultando as possibilidades das mulheres harmonizarem atividades econômicas e responsabilidades domésticas.⁹⁸ Tornou-se comum, então, mulheres casadas com poucas responsabilidades econômicas dentro de casa e voltadas ao bem-estar emocional e moral. Muitas mulheres conseguiram voltar-se para o meio público unindo religião e ativismo político, fortalecidas pela piedade protestante, tratando de questões como a temperança e a escravidão.⁹⁹

No início do século XIX, sociedades femininas benevolentes prestavam ajudas aos necessitados – as mulheres refinadas faziam visitas às famílias pobres – e tentavam

94 Idem, *ibidem* p. 65

95 BERLIN, *Op. Cit.*, p. 223.

96 KLEINBERG, *Op. Cit.*, p. 70-71

97 Idem, *ibidem*, p. 71

98 Idem, *ibidem*, p. 11-12.

99 Idem, *ibidem*, p. 80.

conscientizar a população das dificuldades femininas de possuir uma família e uma vida além dos limites da domesticidade. Os temas de reforma e pobreza adentraram as vidas de muitas mulheres através de agitações femininas e interferiram nas concepções de moral e domesticidade. Elas se tornavam a consciência moral dos EUA, sendo suas ações responsáveis por conseguir elevar parte dos fundos públicos.¹⁰⁰

Stowe compreendia a escravidão como uma ameaça à santidade do casamento, pois separava as famílias e um obstáculo à educação dos negros. As demais mulheres de seu país e do exterior também a encaravam dessa forma e passaram a se mobilizar contra a escravidão e se posicionaram através de cartas exigindo a emancipação, como a *Stafford House Address*, também chamada *An Affectionate and Christian Adress of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland to Their Sisters, the Women of the United States of America*, que possuía mais de meio milhão de assinaturas.¹⁰¹ Neste documento, as mulheres britânicas identificam uma origem, fé e causa comum pela qual lutar. Elas escrevem sobre a escravidão dos negros na América (EUA) à Harriet B. Stowe, a fim de refletir e questionar-se o quanto esse momento histórico, pensando o quão distante está dos direitos inalienáveis das almas imortais (*the inalienable rights of immortal souls*) e da religião cristã.¹⁰²

Já Celia Maria Marinho de Azevedo atenta que, para Dominick LaCapra, a análise crítica no que se refere ao conceito “raça” é fundamental para a contemporaneidade, sendo que desenvolveu ideologia tão complexa. Embora essa ideologia seja tomada como simplista, ela proporciona um caminho para a identidade pessoal e coletiva, mais eficaz que se fosse buscada por outras categorias. Porém, o que se deve evitar não é o exame crítico que o termo gera, mas a estereotipação racial e a mitologização descontrolada. A proposta é conceber o conceito sem negligenciar as buscas de expressão e de posicionamento político dos indivíduos que não se identificam como brancos, assim, dialogar teoria crítica e interpretação.¹⁰³

100 Idem, ibidem, p. 82.

101 HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988). IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010 16:19, p. 04 - 05.

102 STOWE, Harriet Beecher. A Reply to *The Affectionate and Christian Adress of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland, to Their Sisters, the Women of the United States of America*. London: Sampson Low, Son, and Co., 1863, p. 03-04.

103 AZEVEDO, Celia Marie Marinho. “A nova história intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça”. In: Rago, Margareth & Gimenes, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 127-128.

Segundo Thomas Graham, Stowe acreditava que havia diferença entre as raças, porém estas seriam insignificantes perante Deus, as quais não justificariam discriminação social e política. Seus conhecimentos a respeito de raça e caráter seriam provenientes das leituras da literatura abolicionista do período, de sua amizade com negros no Norte e sua experiência ministrando aulas para crianças negras e brancas em Cincinnati. (p. 616)

Houve uma politização das mulheres pelas campanhas abolicionistas dos anos de 1840 e 1850 e um solapamento da divisão das esferas que as restringiam ao ambiente doméstico. As mobilizações antiescravistas reduziram os problemas de algumas mulheres que queriam ter uma voz pública, encorajando-as a romper as separações das esferas entre público e privado. A energia da base religiosa e moral e o crescimento da inquietação sobre as incoerências entre os ideais da nação e a escravidão estimularam muitas mulheres *nesse período*.¹⁰⁴ Stowe se identificava com esses princípios e deixa isso muito claro, tanto na obra *Uncle Tom's Cabin* quanto em relatos e cartas.

Uma das mais famosas feministas, Sojourner Truth, não era branca e não havia recebido educação formal. Havia nascido na escravidão com o nome de Isabela, no estado de Nova York, e era uma oradora vigorosa, embora analfabeta.¹⁰⁵ Ela conheceu Stowe em 1853, quando foi a Andover para conhecer a autora do livro *Uncle Tom's Cabin*. Esse contato foi muito fecundo para Stowe e a influenciou no seu conhecimento acerca do *Woman Movement* e em seus romances. Stowe escreveu a introdução para certa edição da história da vida de Sojourner.¹⁰⁶ Embora o interesse de Harriet Stowe fosse mais voltado para a questão escravista, o Movimento da Mulher também teve seu lugar em suas publicações, com a agência que ela confere às mulheres brancas no próprio romance *A Cabana do Pai Tomás*; entretanto a escritora ofereceu reservas quanto ao imediato sufrágio feminino em *My wife and I*, segundo Jean Lebedun.

I. c) Frutos da discórdia: A Guerra Civil Americana

Segundo Franklin e Moss, a década anterior a Guerra foi um dos períodos mais tensos e decisivos da história americana. A descoberta de ouro na Califórnia, em 1848 e a acelerada

104 KLEINBERG, Op. Cit., p. 91-92

105 LEBEDUN, Jean. Harriet Beecher Stowe's Interest in Sojourner Truth, Black Feminist. In: *American Literature*. Published by: Duke University Press. Vol. 46, No. 3 (Nov., 1974), pp. 359-363. IN: <http://www.jstor.org/stable/2924416>. Acessado em: 10/11/2010, p. 360.

106 Idem, ibidem, p. 362.

povoação das áreas mexicanas tornavam urgente a necessidade de decisões políticas. As discussões a respeito da forma de trabalho a serem adotadas nessas regiões inquietavam a nação. O Acordo de 1850 restringiu a expansão da escravidão para algumas novas áreas e estabeleceu uma lei contra os escravos fugidos. Esse acordo não foi suficiente para acalmar as agitações, por parte, principalmente, dos senhores e dos abolicionistas militantes. Eles admitiram que a publicação de *Uncle Tom's Cabin* elevou a tensão entre Norte e Sul, encenado em teatros de toda região nortista, conseguiu o apoio de muitos a causa abolicionistas. Sendo que aos sulistas só restava negá-lo.¹⁰⁷ Conforme os autores, os atritos surgidos com a questão de Kansas e Nebraska de 1854 foi o ato explosivo que precipitou a quebra da trégua entre Norte e Sul. Lutas entre abolicionistas e escravistas se tornaram muito violentas em Kansas, tornando-se campo de guerra preliminar da Guerra civil. Eles defendem que somente mais dois fatores foram necessários: a vitória dos republicanos em 1860 e o ataque de John Brown (que organizou um grupo de homens contra os senhores de escravos da Virgínia, que foi abatido pelas forças do governo federal e dos governos estaduais).¹⁰⁸

Todo esse contexto contribuiu para uma forte tensão entre as regiões, que culminou na Guerra Civil (1861-1865), uma das mais sangrentas da América. Carlos Heitor Cony, autor do prefácio de *A Cabana do Pai Tomás* da edição de 1966, aponta que o próprio presidente dos Estados Unidos no período, Abraham Lincoln, saudou a autora com as palavras “Então, a senhora foi quem provocou a Guerra Civil!”.¹⁰⁹ Contudo, a veracidade dessa afirmação não foi confirmada, a primeira vez que ela apareceu em 1896 (ano da morte de Stowe) na biografia de Annie Fields, intitulada “Days with Mrs. Stowe”, e depois em mais uma série de publicações.¹¹⁰ Kleinberg defende que ela realmente conseguiu dar substância aos debates abstratos do período e auxiliou a emergência da Guerra Civil.¹¹¹

107 FRANKLIN & MOSS, Op. Cit., p. 194-195.

108 Idem, ibidem, 195-197.

109 CONY, Carlos Heitor. Prefácio. In: STOWE, Harriet Beecher. *Cabana do Pai Tomás*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, s/ página.

110 <http://wraabe.wordpress.com/2008/06/26/abraham-lincoln-to-harriet-beecher-stowe-the-author-of-this-great-war/>. Acessado em 12-11-2011.

111 KLEINBERG, Op. Cit., p 77.

Da guerra em diante, houve uma intensificação do trabalho missionário nas áreas sulistas. Em 1862, havia organizações de igrejas, reuniões de ministérios e conferências passando resoluções e estimulando a sociedade missionária a tomar posseção no Sul como campo missionário.¹¹² Aparentemente, no período imediatamente após a Guerra, os sulistas acolheram bem os cuidados dos negros feitos pela ajuda nortista. Porém esse sentimento mudou logo, alterado pelas atividades políticas praticadas pelos ministros negros e seus líderes brancos do Norte.¹¹³

William Sweet afirma que a influência das igrejas, tanto do Norte quanto do Sul, na esfera política atingiu seu cume no período das controvérsias da escravidão, da Guerra Civil e Reconstrução. A Guerra Civil foi vista pelos religiosos do Norte como uma luta moral e religiosa, podendo ser considerado como o apelo popular religioso mais forte na modernidade.¹¹⁴ Considerada pelos cristãos perfeccionistas como o estágio final de um movimento revolucionário que poderia concretizar a perfeição individual e social.¹¹⁵ Assim como eles, Stowe considerou a Guerra como uma cruzada santa para a emancipação dos escravos, enviada pela Divina Providência.¹¹⁶

Como a maioria dos abolicionistas, Stowe acreditava na emancipação imediata de todos os escravos.¹¹⁷ Em janeiro de 1863, ela escreveu a obra *Reply* publicada no *Atlantic Monthly*, que o tema era a Guerra americana como um conflito entre a escravidão e a liberdade.

Segundo Emery, apesar da força das discussões acerca da abolição no período anterior a Guerra Civil tenha sido significativa, não foi a responsável. Ela, sem dúvida, conseguiu seu lugar no meio social, incentivando os combatentes nortistas. A escravidão se configurou no centro de convergência das diferenças entre os povos, as regiões e as ideologias. Ela serviu para simplificar os complexos problemas e justificar as ações das vítimas da frente de batalha, oferecendo uma causa mais heróica que os interesses econômicos. E ela, de certa forma,

112 SWEET, Op. Cit., p. 547-548.

113 Idem, ibidem, p. 550-551.

114 Idem, ibidem, p. 546.

115 HOVET, Op. Cit., p. 536.

116 HAMAND, Op. Cit., p. 08.

117 HAMAND, Op. Cit., p. 13.

colocava as filosofias e os preceitos do Norte e do Sul a altura da compreensão dos homens menos instruídos.¹¹⁸

Emery afirma que a escravidão já estava condenada a desaparecer, portanto não seria ela a responsável pela Guerra Civil. A opinião mundial era contra, e em sua opinião *já estava provado ser ela antieconômica nos estados escravocratas mais ao norte*. Em 1860, os nortistas buscavam desfazer-se do trabalhado escravo excedente. (...) *O capitalismo do Norte demonstrou que era mais barato pagar um homem só enquanto ele fosse útil do que mantê-lo como escravo pelos anos improdutivos de sua vida.*¹¹⁹

Porém, segundo Dale W. Tomich, a concepção de que escravidão e mundo moderno eram inconciliáveis foi uma idéia que se arrastou por todo o século XX e já está ultrapassada. Os historiadores do período questionavam qual seria a principal causa da extinção da escravidão: os aspectos materiais ou morais. Eles tomavam a Grã-Bretanha como a pioneira da ordem moderna ideológica, econômica e política. Essa interpretação acrescentava uma exacerbada valorização da abolição do tráfico de escravos da Grã-Bretanha e ignorava a repercussão da Revolução de São Domingos e a fundação do Haiti. Tomish afirma que outra vertente historiográfica – a qual o autor não delimita qual – valorizava as incoerências “internas” da instituição e as relações escravistas, abrindo espaço para a racionalidade econômica. Sendo que ambas as interpretações convergiam para uma percepção de uma escravidão singular, ou seja, como se houvesse somente um tipo de escravidão que se distinguisse somente pelos contextos de cada espaço, sendo todos os sistemas escravistas o mesmo fenômeno. Configurando, assim, uma percepção unilinear do processo histórico, que transita do arcaico para o moderno.¹²⁰

Nova Orleans demonstrou como capitalismo e a escravidão podiam conviver sem contradição ou competição, ela era um dos maiores núcleos urbanos do Sul, se não o maior. Nessa cidade se fomentava um forte comércio de escravos e se desembarcava e embarcava uma enorme quantidade de mercadoria (devido ao porto), além de ser centro político e local de encontro de grandes senhores de *plantation*. Em vista desses fatores, podemos considerá-la local e global, com sua importância econômica para o Sul e para o mercado mundial.

118 EMERY, E., Op. Cit., p. 286-288.

119 Idem, ibidem, p. 286.

120 TOMICH, Dale, *Pelo Prisma da Escravidão. Trabalho, capital e economia mundial*. 1ª ed: 2004; trad.port). São Paulo: Edusp, prelo, Capítulo 3, “A segunda escravidão”. p. 01-02.

Antes de 1861, o romance possuía significados distintos para o Norte e para o Sul. Para os nortistas, aquele era uma exposição das maldades e desumanidades da instituição escravista, e a autora da obra era, então, uma heroína, um instrumento de Deus. Enquanto para os sulistas, o romance era uma série de calúnias que configuraram um ataque malvado a um modo de vida moral, equilibrado e confortável. A autora só poderia ser uma espécie de monstro, um instrumento do demônio e o objeto natural da violência.¹²¹ Nesse sentido, a obra fortaleceu grupos de discussão nortistas e sulistas a respeito da abolição, enquanto os escravistas buscavam formas de censurá-lo no Sul.

No início, durante e depois da guerra Civil, o ressentimento e ódio contra Stowe tomaram formas diferentes. Os jornais do Sul buscavam negar as acusações de Stowe e utilizava-se de casos extraordinários, temperados com bastante ironia, para sustentá-los. Exemplo desses seria como o caso de 1856 de um escravo que morreu "na jovem idade de 120 anos," depois de toda a sua vida "sob as horríveis inflexões da nossa 'peculiar instituição'", e intitularam o obituário de "A Nut for Mrs.Beecher Stowe."¹²² Em 1861, quando uma negra livre, Amelia Stone, de 24 anos, mudou, voluntariamente, sua condição de livre para escrava, preferindo "a liberdade, a segurança e a proteção da escravidão aqui do que a degradação da liberdade e da negritude entre os abolicionistas do Norte". Sua história foi intitulada "A Note for Ward Beecher & Co." (lembrando que Ward Beecher era irmão de Harriet B Stowe).¹²³

121 ROPPOLO, Op. Cit., p. 346-347.

122 Daily Picayune, Feb. 9, 1856. Apud. ROPPOLO, J. Op. Cit., p. 355.

123 Daily Picayune, June 30, 1861. Apud. ROPPOLO, J. Op. Cit., p. 355.

Capítulo II. O século XIX em pretos, brancos e quarteirões ¹²⁴:

a) A construção da representação dos personagens

No livro, a construção dos personagens foi feita de forma dialógica, ou seja, enquanto negros e brancos se relacionavam, eles construía a identidade do outro e de si mesmo. A representação passou a traçar identidades, que só tinham sentido e se difundiram tão rapidamente porque dialogava com os novos valores morais nortistas do século XIX (como os citados pelo movimento romântico no capítulo 1). Essas identidades se delimitavam pelas características que as compunham e pelo contraste com as outras, foram marcadas pela diferença e por meio de símbolos, pelo gênero, pela cor da pele, pelo lugar de nascimento, pela migração, pela religião etc.. Nesse sentido, a construção das identidades foi complexa, envolvendo o simbólico, o social e o político.

Estas identidades mostraram o lugar social dos personagens, construídas não só pelos elementos que os negros atribuíram a si próprios, mas também pelas formas que se referiam aos brancos, e vice-versa. Os brancos maus se referiam aos negros, geralmente, em uma relação de submissão e de violência, enquanto os brancos bons se referiam aos negros como vítimas de uma relação injusta.

Harriet Stowe elaborou seus personagens embasados em concepções pré-estabelecidas sobre os negros do Sul, dos brancos produtores de algodão, da Igreja do Sul, do Canadá etc. Ou seja, não era na “realidade”, mas naquilo que a escritora concebia como real. Ela ainda ultrapassou a utilização de fatos reais e cruzou-os com elementos bíblicos, sejam na descrição física destes ou nos comportamentos. Muitas vezes, valeu-se também dos próprios sermões e mandamentos para justificar o destino e as relações entre os personagens: negros e negros, brancos e brancos, brancos e negros; além de sua posição frente à sociedade que ela descrevia.

Em alguns estudos foi constatado que suas idéias eram permeadas por preconceitos racistas provenientes do meio popular, os quais tocaram as suas obras, como *Dred* e *Men o four time*. Esse imaginário popular se fez presente em suas posições a respeito de raça, porém, ao longo de sua vida, enquanto esteve em contato direto com negros, ela percebeu suas precipitações e as admitiu, assim buscou descartar tais conceitos, aprimorando e afinando seus

124 Segundo Octávio Mendes Cajado, tradutor da obra *A Cabana do Pai Tomás*, quarteirão era o indivíduo que possuía um pai branco e outro mestiço. (STOWE, Harriet Beecher. *A Cabana do Pai Tomás*. Tradução: Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966, p. 19)

conhecimentos. Posteriormente, ela mesma reconheceu que, de modo geral, os estereótipos raciais eram muito comuns entre os americanos.¹²⁵

Percebemos que ao mesmo tempo em que a autora cunhava personagens, indicava caricaturas de infância, de adultos, do sistema escravista, de boas e más condutas, de negros, de brancos etc. É assim que, no romance, a personagem Eva se tornou o exemplo de boa criança: inocente e ingênua, mas esperta; provida de imensa pureza, gentil com brancos e com negros; e extremamente bem educada (qualidade tão valorizada especialmente para mulheres no século XIX). Sua fisionomia, tão destacada, se assemelhava aos anjos bíblicos em toda a sua graça: pele clara, belos cachos loiros e olhos azuis. Da mesma forma, St. Clare (o pai da menina e 2º dono de Tomás) foi descrito como: bonito, jovem, branco, de olhos azuis claros, cabelos dourados.

Essas descrições de belezas natas ainda deixam uma questão: Por que não temos esse tipo de exaltação da beleza para personagens que são aparentemente negros? Para personagens que são escravos, mas que possuem pele tão clara que se passam por brancos livres, percebe-se destaques em nada modestos de sua beleza por parte da autora – que é o caso, por exemplo, da irmã de George, Cassy, Eliza e de seu filho Harry. Portanto, os padrões de Stowe, ainda no período de produção de *Uncle Tom's Cabin*, apresentavam-se dentro de uma concepção de beleza que era branca, e, principalmente, de características anglo-saxãs, comuns à lógica racista oitocentista.

Interessante ressaltar também é que a beleza está, normalmente, associada ao caráter do personagem. Por exemplo, os bons senhores são geralmente muito belos e têm sempre destacadas suas admiráveis formas. Mas, do mesmo modo, as falhas de caráter podem abafar a beleza, o que ocorre com os maus senhores. Exemplo disso é Marie St. Clare:

(...) Augustine aplaudia por ter uma esposa tão pouco perspicaz; mas logo que findaram os festejos e as visitas da lua de mel, percebeu que uma mulher jovem e bonita, dona da sua vontade desde a mais tenra infância, sempre mimada e lisonjeada, havia de ser também caprichosa e tirânica no governo doméstico. Marie nunca possuía grande capacidade de afeição, nem muita sensibilidade, e o pouco que tinha desaparecia ante o seu enorme egoísmo, egoísmo ainda mais tremendo por ser completamente incapaz de apreciar o merecimento alheio. Fora sempre servida por criados que apenas cuidavam de satisfazer-lhe todos os caprichos; e jamais tivera uma noção, por vaga que fosse, dos sentimentos ou dos direitos alheios. (...) ¹²⁶

Nota-se ainda que Stowe possuía uma visão bastante essencialista, apesar de se propor a uma obra reflexiva (por isso ela deve ser historicizada para que se compreenda quão revolucionária ela era no século XIX) como no trecho *Tom, que tinha a branda e marcante*

125 GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acessado em: 03/02/2011, p. 618.

natureza da sua raça gentil ¹²⁷. Ou seja, na compreensão dela, existiam padrões de ações específicas de negros e que, devido às suas limitações – que ela pressupunha que o leitor sabia quais eram –, eles se comportariam de determinada forma. Configura-se, então, no romance uma espécie de estigma que os negros carregavam, proveniente de sua “natureza africana”, fazendo com que anglo-saxões e africanos possuíssem potencialidades distintas. Isso configura a base do pensamento acializado de Stowe, na vez que “raça” aqui se torna uma categoria para entender o mundo e ser de uma raça estabelece caráter e possibilidades para cada indivíduo.

Nessa mesma lógica essencialista podemos compreender a representação das casas, sendo que a escritora faz uso do visual e traça uma relação direta entre o caráter dos senhores e suas residências. Stowe descreve as casas de modo tão detalhado que as torna quase palpável, se concretizando na mente dos leitores. As casas dos senhores bons e as moradias dos escravos destes, como dos Shelby e dos St. Clare, são atraentes. Porém ela causa no leitor a idéia de que viver nesses lugares tão agradáveis seria algo prazeroso, onde os escravos são felizes e têm uma vida mais agitada e divertida que os próprios senhores. Ou seja, ela acaba caindo na armadilha dos senhores de escravos sulistas, que defendiam o discurso de que os escravos eram mais felizes e melhor tratados que os livres, ao tornar difícil acreditar que esse tipo de escravidão seja ruim.

Mas os senhores maus (como Legree) e as moradas de seus escravos, estavam em condições precárias e miseráveis, como se a maldade do senhor se refletisse sobre a sua casa. Nessas residências é clara a crítica a escravidão, mas se fosse com bons senhores e em boas casas a instituição não seria uma má opção. Deste modo, as descrições das casas possibilitam visualizar discursos.

Os personagens como Marie e Augustine St. Clare podem ser pensados como verdadeiras vítimas da passagem bíblica *Diga com quem tu andas e te direi quem tu és*. Sendo ele um homem descrito nos padrões de um bom senhor: extremamente aberto às vontades de

126 (...) Augustine was glad in his heart that he had married so undiscerning a woman; but as the glosses and civilities of the honeymoon wore away, he discovered that a beautiful young woman, who has lived all her life to be caressed and waited on, might prove quite a hard mistress in domestic life. Marie never had possessed much capability of affection, or much sensibility, and the little that she had, had been merged into a most intense and unconscious selfishness; a selfishness the more hopeless, from its quiet obtuseness, its utter ignorance of any claims but her own. From her infancy, she had been surrounded with servants, who lived only to study her caprices; the idea that they had either feelings or rights had never dawned upon her, even in distant perspective. (STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: a tale of life among the lowly*. London: George Routledge & CO., 1852, p. 171)

127 “Tom, Who had the soft, impressible nature of his kindly race” (Idem, *ibidem*, p. 162.)

seus escravos, oferece boa casa e alimentação, não explora o trabalho dos cativos, muito gentil e sempre muito educado. Assim como sua mãe: uma francesa, que seguia rigorosamente a Bíblia, mulher de exemplo e de conforto ¹²⁸. Enquanto Marie St. Clare é o fruto do egoísmo, advindo do dinheiro das grandes plantações de seu pai e dos maus exemplos de sua mãe (indolente e infantil, não sistemática e imprudente). As qualidades são assim transferidas de pais aos filhos.

Há ainda dois elementos adicionais que condicionam a formação do caráter de Augustine: ele ser oriundo do Canadá e a mãe ser de origem francesa. A França aparece como a terra de boas maneiras, que proporciona a melhor educação, que não discrimina raças; pelo contrário, acolhe o negro interessado em estudar e se instruir (como o escravo George e sua família). Já o Canadá é representado por Stowe como a terra da liberdade, para onde os escravos sonhavam em fugir e, quando conseguiam, lá recebiam o devido abrigo. Nesse sentido, seria como se Augustine St. Clare fosse o produto do lugar da liberdade, da gentileza e da boa educação francesa.

E o importante de se ter dito isso é para que se compreenda o paralelo que a autora automaticamente traçou entre esse fenômeno (que é herança materna) e as relações dos ditos personagens em seu casamento, com a sua família e, principalmente, com os escravos, e o próprio modo de ser destes. Quando o senhor dispunha das qualidades exigidas pelos mandamentos bíblicos, ele exercia uma “boa influência” sobre os seus escravos e sobre a sua família que gerava pessoas como ele (bons escravos e bons filhos), Mas, se fosse uma pessoa que agia contra àqueles princípios, a reação dos próximos seria, conseqüentemente, de maus escravos e maus filhos.

A partir da relação expressa acima é que podemos compreender as concepções que regem a escrita de Beecher Stowe; ou seja, “bom” e “mau”, as quais são definidas segundo o meio em que convivem. Nesse sentido, os senhores se transformam em referência e se tornam responsáveis pelos comportamentos e pelo caráter de seus escravos.

Marie St. Clare não se vê como má senhora, embora puna seus cativos com severos castigos, veja os negros como animais, não dê muita atenção à filha e ao marido, e se considere sempre a vítima das coisas ruins que acontecem ao seu redor. Destarte, acredita que não necessita de seus escravos: eles seriam um sacrifício, uma vez que trariam doenças.. Tê-los seria um favor a eles, não a ela. Logo, qualquer benefício que eles poderiam lhe trazer são negados.¹²⁹ Sendo a escrava mais próxima uma egoísta, por preferir estar com sua família – da qual foi separada para seguir sua dona depois de seu casamento –, mesmo que passasse as

128 Idem, *ibidem*, capítulo XVI.

noites acordada para atender aos pedidos da senhora. Nesse sentido, os escravos deveriam saber que são necessários para os donos, não que estes necessitem daqueles.

É como se os senhores de maus¹³⁰ fossem tão presos ao sistema escravista que se convencem, por motivos contraditórios, de que sua posse não é indispensável para eles, mas necessária para os próprios escravos. Esses, por sua vez, deveriam aprender a viver em prol de outra pessoa, supostamente superior a eles. Logo, cuidar de um branco seria muito mais importante que cuidar de uma família de negros, não sendo digno sequer de comparação com o branco.

Marie St. Clare nega a sua necessidade da escravidão em passagens acima, mas depois afirma que é agradecida por ter nascido em um lugar onde ela exista. Podemos interpretar isso como uma observação perspicaz de Stowe ao discurso dos escravistas, que às vezes parece contraditório. Ao mesmo tempo em que os brancos maus acreditam que fazem algo para o bem dos negros (e assim, não necessitam da escravidão), crêem que estes estão em seus merecidos papéis, já que são inferiores por natureza. Essa lógica é justificada por uma instância que estaria acima da terrena, sendo algo preestabelecido pela Providencia Divina.¹³¹

O egoísmo dos escravos seria fruto do bom tratamento que recebem, logo, eles devem ser maltratados e os desvios de comportamento devem receber uma punição severa, portanto, o uso da violência (verbal e física) se torna justificável. Daí, desencadeia-se um efeito dominó: usar a violência inibe o egoísmo, transformando maus escravos em bons escravos, que usam violência com os outros. Esses se tornariam submissos e hiper-explorados, que só se preocupariam com o bem do senhor e que ameaçariam a solidariedade negra em prol das realizações das ordens do senhor (como ocorria com os escravos feitores de Legree, o senhor da grande plantação da Louisiana).¹³²

Assim a concepção que rege os pensamentos dos bons e maus senhores acabam por convergir para a idéia de que: é o modo de tratar e de, principalmente, educar os escravos que formará a personalidade destes. Logo, os escravos, no que podemos considerar como a posição da autora, não são *bons* ou *maus* por natureza. Mas eles tomariam determinadas atitudes ou seriam de determinada

129 "Talk about our keeping slaves, as if we did it for our *convenience*," said Marie. "I'm sure, if we consulted *that*, we might let them all go at once." (Idem, *ibidem*, p. 185)(...) "What do you keep them for, mamma?"

"I don't know, I'm sure, except for a plague; they are the plague of my life. I believe that more of my ill health is caused by them than by any one thing; and ours, I know, are the very worst that ever anybody was plagued with." (Idem, *ibidem*, p. 185)

130 Aqui só utilizamos Marie como exemplo, mas existem outros personagens que se encaixam na definição.

131 "Well, at any rate," said Marie, as she reclined herself on a lounge, "I'm thankful I'm born where slavery exists; and I believe it's right, -- indeed, I feel it must be; and, at any rate, I'm sure I couldn't get along without it." (idem, *ibidem*, p. 203)

forma em resposta às ações dos brancos, como forma de se encaixar no sistema imposto por estes. Logo, quem seriam os agentes, tanto no caso da formação de um *bom* ou de um *mau* escravo seriam os brancos e não os negros.

Deste modo, existiriam senhores *bons* e senhores *maus*, de acordo com o tratamento que dão aos escravos. Os senhores *bons* seriam aqueles que não utilizam violência; que concedem certos privilégios, como a possibilidade de acumular algum pecúlio, deixam que seus escravos se casem e não separam suas famílias, por meio de vendas ou de outro artifício. Enfim, que alimentam e fornecem alguma estabilidade e algum espaço de autonomia. Podemos compreender, nesse sentido, que há uma questão da natureza da raça, sendo os negros mais suscetíveis que os brancos. Logo, questões educacionais e ambientais são ainda de mais fundamental importância para que os negros se saiam boas pessoas do que para os brancos.

Um elemento essencial da diferença na constituição dos senhores *bons* e *maus* seria a apreensão da proximidade/distanciamento física, intelectual, espiritual e emocional dos negros e dos brancos. Os *maus* acreditam que as duas raças não são sequer comparáveis¹³³, nem os sentimentos entre pais e filhos e nem o apego a outras coisas da vida, não compreendendo como poderia haver tamanho amor às crianças que não são brancas:

“(…) Agora, St. Clare realmente tem me dito que manter Mammy distante de seu marido seja absolutamente o mesmo que me manter longe do meu. Não é igual. Mammy não pode ter os sentimentos que eu tenho. São coisas distintas, – é claro que é, – E St. Clare ainda não vê isso. É simplesmente como se Mammy pudesse amar seus bebezinhos sujos como eu amo Eva! St. Clare ainda tenta me persuadir de que realmente era meu dever, com minha saúde frágil, e com tudo que eu sofro, deixar a Mammy voltar, e colocar outra pessoa em seu lugar. Isso foi um pouco demais até para *eu* resistir. (...)”¹³⁴

132 Nobody can live entirely without social intercourse; and Legree encouraged his two black satellites to a kind of coarse familiarity with him, -- a familiarity, however, at any moment liable to get one or the other of them into trouble; for, on the slightest provocation, one of them always stood ready, at a nod, to be a minister of his vengeance on the other. As they stood there now by Legree, they seemed an apt illustration of the fact that brutal men are lower even than animals. Their coarse, dark, heavy features; their great eyes, rolling enviously on each other; their barbarous, guttural, half-brute intonation; their dilapidated garments fluttering in the wind, -- were all in admirable keeping with the vile and unwholesome character of everything about the place. (Idem, *ibidem*, p. 374)

133 Lembrando que no século XIX e no romance a concepção de raça estava em voga, sendo utilizada de forma realmente preconceituosa, carregada de significado social e cultural.

134 “(...) Now, St. Clare really has talked to me as if keeping Mammy from her husband was like keeping me from mine. There's no comparing in this way. Mammy couldn't have the feelings that I should. It's a different thing altogether, -- of course, it is, -- and yet St. Clare pretends not to see it. And just as if Mammy could love her little dirty babies as I love Eva! Yet St. Clare once really and soberly tried to persuade me that it was my duty, with my weak health, and all I suffer, to let Mammy go back, and take somebody else in her place. That was a little too much even for *me* to bear. (...)” (idem, *ibidem*, p. 192).

Os maus senhores sequer compreendem como outro branco poderia conseguir se colocar no mesmo nível de igualdade de um negro. Até concordam que crianças das duas raças possam conviver e brincar juntas, mas a certeza de que são diferentes não deveria ser abalada, como algo que deveria ser imposto pela natureza de todo homem branco, os que não são assim são o desvio ou o estranho - como Evangeline. Um branco considerar um negro igual seria um dano que a convivência poderia ocasionar, mas deveria ser evitado.

E o fato de o pai da criança incentivar a relação entre Eva e os negros só poderia ser um modo dele reduzir o poder da mãe enquanto senhora dentro da casa, colocando-a abaixo de qualquer “criatura” (que seriam os negros cativos):

– Eva sempre gostou de estar entre os servos; e eu acho que isso não faz nenhum mal para algumas crianças. Agora, eu sempre brinquei com os pequenos negros de meu pai – isso nunca me fez mal. Mas Eva sempre se coloca em igualdade com cada criatura que chega perto dela. Isso é uma coisa estranha nessa criança. Eu nunca consegui tirar isso dela. Eu acredito que St. Clare a encoraja. O fato é, St. Clare satisfaz a todas as criaturas abaixo desse teto, menos a sua mulher.¹³⁵

Em alguns momentos até mesmo os bons senhores comparam os negros a animais, portanto a concepção de que são inferiores aos brancos é muito mais fluida do que se possa supor:

“Que mal há, afinal de contas, em o pobre cachorro querer se parecer com seu senhor; e se eu não o ofereço nada a ele além da satisfação em usar uma boa colônia e lenços de cambraia, que ele tanto gosta, que mal há em dar-lhe isso?”¹³⁶

Em dois momentos distintos Stowe compara os negros às crianças, um em uma de suas colunas de jornal e outra pela fala de Marie St. Clare. No jornal *Independent* ela solicita aos seus leitores que “simpatizem com os escravos, aceitem os negros como crianças de Deus”¹³⁷. E no capítulo XVI, Marie St. Clare diz: “(...) você sabe que esses servos não são nada além de crianças crescidas”.¹³⁸ Enfim, considerando os dois trechos poderíamos compreender que na base das ações

135 "Eva always was disposed to be with servants; and I think that well enough with some children. Now, I always played with father's little negroes -- it never did me any harm. But Eva somehow always seems to put herself on an equality with every creature that comes near her. It's a strange thing about the child. I never have been able to break her of it. St. Clare, I believe, encourages her in it. The fact is, St. Clare indulges every creature under this roof but his own wife." (Idem, *ibidem*, p. 189)

136 "Why, after all, what's the harm of the poor dog's wanting to be like his master; and if I haven't brought him up any better than to find his chief good in cologne and cambric handkerchiefs, why shouldn't I give them to him?" (Idem, *ibidem*, p. 194)

137 "She implored her readers to sympathize with the slaves, to accept blacks as children of God." (In: *Independent*, 31 July, 7 and 28 August, 4 September 1862. Apud. HAMAND, Wendy F. *Op. Cit.*, p. 13.)

138 "(...) you know these servants are nothing but grown-up children." (STOWE, *Op. Cit.*, p. 191).

dos senhores maus ainda há concepções aprovadas pela autora. Mas outro elemento impossível de se ignorar é que, conseqüentemente, os brancos estão se colocando numa posição de adultos que devem entender as ações dos primeiros por estarem nesse estágio ainda imaturo. Assim percebemos que Stowe pensa que há sim uma certa natureza inferior dos negros em relação aos brancos, que seria essa espécie de menoridade perene.

Portanto a relação pregada pelos senhores maus do Sul é que os negros são, por natureza, inferiores aos brancos e compará-los é algo impensável, como no trecho: “(...) Ele disse que nós não faríamos melhor, no lugar deles; simplesmente como se pudesse compará-los a nós, sabe.”¹³⁹. Seria obrigação dos brancos fazê-los “saber seu lugar”. Os negros devem fazer seu dever em tempo determinado pelo dono, independente das horas e de seu estado físico, o que se defende é que a vida que eles levam na casa já é bem tranqüila, devido aos privilégios que recebem. Vejamos:

“Agora, não há jeito com os servos,” disse Marie, “devemos considerá-los como *inferiores* e mantê-los nessa situação de inferioridade. Isso, desde criança, foi sempre natural em mim. Eva, porém, é capaz de estragar todos os criados de uma casa; e o que ela fará quando chegar a hora de tomar conta desta, nem quero pensar o que lhe vai acontecer. Eu me mantive *doce* com meus servos – eu sempre sou; mas você deve fazê-los saber seu lugar. Eva nunca faz; não há na cabeça da criança o princípio que estabelece onde é o lugar do servo! Você a ouviu se oferecendo para cuidar de mim nas minhas noites, para deixar Mammy dormir! Essa é o tipo de coisa que essa criança faria todo o tempo, se ela fosse deixada as suas próprias vontades.”¹⁴⁰

A estrutura das concepções racistas dos maus senhores compreende a idéia de que os negros seriam considerados uma raça degradada, sendo que nem o sangue seria igual. Disporiam de alma eterna, mas também diferente da dos brancos.

– Você não acredita que Deus os fez do mesmo sangue que a nós? – Disse Sra. Ophelia, rapidamente.

– Não, de fato eu não acredito! Uma bela história, de verdade! Eles são uma raça degradada.

– Você não acredita que eles tenham almas imortais? – disse Sra. Ophelia, com crescente indignação.

– O, bem. – disse Marie, bocejando – isso, é claro – ninguém duvida. Mas supô-los nossos iguais, você sabe, como se fôssemos comparáveis, é impossível!¹⁴¹

139 “He says we shouldn't do any better, in their place; just as if one could reason from them to us, you know.” (Idem, *ibidem* 1852, p. 191)

140 “Now, there's no way with servants,” said Marie, “but to *put them down*, and keep them down. It was always natural to me, from a child. Eva is enough to spoil a whole house-full. What she will do when she comes to keep house herself, I'm sure I don't know. I hold to being *kind* to servants -- I always am; but you must make 'em *know their place*. Eva never does; there's no getting into the child's head the first beginning of an idea what a servant's place is! You heard her offering to take care of me nights, to let Mammy sleep! That's just a specimen of the way the child would be doing all the time, if she was left to herself.” (Idem, *ibidem*, p. 189).

141 “Don't you believe that the Lord made them of one blood with us?” said Miss Ophelia, shortly. “No, indeed not I! A pretty story, truly! They are a degraded race.”

“Don't you think they've got immortal souls?” said Miss Ophelia, with increasing indignation.

A concepção de que os negros comporiam uma raça inferior a dos brancos é defendida também pela igreja no sul, colocando as distinções entre os homens como algo estabelecido por Deus, tornando a submissão daqueles algo apropriado e belo:

– Bem, refiro-me às minhas idéias com respeito a sociedade. – disse Marie. – O texto era: “Ele [Deus] fez tudo formoso em seu tempo”. E ele [o pastor] mostrou como todas as distinções sociais são de origem divina, e que está tudo certo que alguns devem ser superiores e outros inferiores, e que alguns nasceram para mandar e alguns para servir. Refutou as calúnias ridículas que se inventam contra a escravidão. E ele provou claramente que a Bíblia estava do nosso lado, e apoiava todas as nossas instituições. Eu só gostaria que você tivesse ouvido.”¹⁴²

Agora ressaltamos “(...) o que ela fará quando chegar a hora de tomar conta desta, nem quero pensar o que lhe vai acontecer (...) – em português”¹⁴³ Não seguir esses costumes, ou esse modo de vida, seria abalar a própria percepção do tempo. Ou seja, agindo dessa determinada forma – mostrando aos negros que são inferiores – compreende-se que sempre a vida transcorrerá da mesma forma: onde a filha seguirá uma vida semelhante a da mãe, o que configura um tempo excepcionalmente circular. Mas se esta altera um tratamento, ela está ameaçando o seu futuro, podendo ser totalmente imprevisível, o que justifica a fala acima de Marie St. Clare.

O que pudemos perceber é que Stowe também não conseguia se desprender da idéia de que não são os brancos os que deveriam realizar trabalhos, e ainda menos as mulheres. A escritora representa o trabalho feminino como algo que rebaixa a mulher branca, mas não degrada as negras. Como no caso em que Sra. Shelby se propõe a começar a dar aulas de música a fim de arrecadar dinheiro suficiente para comprar novamente Tom, mas seu marido se recusa veementemente. Assim, a escrava, esposa de Tom, afirma que enquanto tiver braços ninguém da família precisaria trabalhar, sendo que ela foi feita para isso e a Sra. Shelby nasceu para afazeres mais delicados (capítulo XXI). Nesse sentido, pensando que essa escrava é uma das instruídas e conhecedora da Bíblia, confirma-se a hipótese de que a educação é

"O, well," said Marie, yawning, "that, of course -- nobody doubts that. But as to putting them on any sort of equality with us, you know, as if we could be compared, why, it's impossible!" (Idem, *ibidem*, p. 191-192).

142 "Well, I mean all my views about society, and such things," said Marie. "The text was, 'He hath made everything beautiful in its season; and he showed how all the orders and distinctions in society came from God; and that it was so appropriate, you know, and beautiful, that some should be high and some low, and that some were born to rule and some to serve, and all that, you know; and he applied it so well to all this ridiculous fuss that is made about slavery, and he proved distinctly that the Bible was on our side, and supported all our institutions so convincingly. I only wish you'd heard him.'" (Idem, *ibidem*, p. 201).

143 “(...)What she will do when she comes to keep house herself, I'm sure I don't know.(...)”Idem, *ibidem*, p. 189.

simultânea a uma assimilação de subordinação do cativo aos seus senhores, aprendendo que os que devem trabalhar são os negros e não os brancos.

Stowe traça alguns de seus personagens como estereótipos de espaços, de suas concepções de raça e do impacto da história sobre os sujeitos que ali vivem. Topsy e Evangeline se enquadram nessa lógica, e representariam, respectivamente, a raça saxã e a africana. Porém aqui, Stowe deixa transparecer nuances de racismo, devido a ideia de que o saxão seria superior aos africanos moral e fisicamente em consequência da história de cada país, sendo estes degradados pelo tempo de opressão e trabalhos, vejamos:

Eva ficou olhando Topsy.

Lá estava as duas crianças representantes dos dois extremos da sociedade. A primeira, loira, de olhos vivos, rosto nobre, ar de princesa; a segunda, negra, tímida e ignorante, porém inteligente e artificiosa. Eva representava a raça saxã desenvolvida por séculos de cultura, de domínio, de superioridade moral e física. Topsy representava a África degradada por séculos de opressão, de miséria e de grosseiros trabalhos. Este contraste ferira talvez a imaginação de Evangeline; mas os pensamentos de uma criança não passam, por assim dizer, de vagos instintos indefinidos, e era apenas isso o que experimentava amiúde a filha de St. Clare.¹⁴⁴

A idéia de que os negros seriam como crianças perpassa todo o romance, participando de todos os temas. Até na questão do castigo, St. Clare se refere a sua recusa de usar a violência como castigo pelo fato de acreditar que é um caminho sem volta e progressivo, que ameaça a dignidade e a sensibilidade. O cativo se tornaria mais resistente e o senhor mais bruto e violento, como uma reação em cadeia. Por isso prefere que seus escravos se o comportamento destes como “meninos incorrigíveis”:

(...) Disse St. Clare. "Donde procedem as crueldades horrorosas que frequentemente vemos nos jornais? Casos como o assassinio de Prue, por exemplo. Procedem de um enurecimento gradual de ambos os lados; o proprietário que cada vez se torna mais cruel, e o servo mais e mais indócil. O açoite e o abuso são como láudano: você tem que duplicar a dose com a medida que declina a sensibilidade. Eu vi isso muito cedo, quando eu me tornei um dono, e eu resolvi não começar, porque eu não sabia até que ponto poderia chegar. Resolvi para proteger, pelo menos, a minha própria dignidade, mesmo que a consequência seja que os meus servos ajam como crianças mimadas. Mas eu acho melhor do que o embrutecimento de todos nós. Você tem falado muito sobre as nossas responsabilidades na educação, prima. Eu realmente queria que você experimente com uma criança, igual a muitas milhares de outras que vivem entre nós."¹⁴⁵

144 Eva stood looking at Topsy. There stood the two children representatives of the two extremes of society. The fair, high-bred child, with her golden head, her deep eyes, her spiritual, noble brow, and prince-like movements; and her black, keen, subtle, cringing, yet acute neighbor. They stood the representatives of their races. The Saxon, born of ages of cultivation, command, education, physical and moral eminence; the African, born of ages of oppression, submission, ignorance, toil and vice! Something, perhaps, of such thoughts struggled through Eva's mind. But a child's thoughts are rather dim, undefined instincts; and in Eva's noble nature many such were yearning and working, for which she had no power of utterance. When Miss Ophelia expatiated on Topsy's naughty, wicked conduct, the child looked perplexed and sorrowful, but said, sweetly. (Idem, *ibidem*, p. 268-269).

A educação se apresenta, portanto, diretamente associada à questão da violência, como forma de substituí-la. Portanto, poderíamos supor que a finalidade desse pensamento seria a possibilidade de acabar com as resistências dos escravos, fazendo-os, conseqüentemente, acreditar na submissão como forma de convivência admissível, para que a harmonia pudesse se estabelecer. Desta forma, configura-se uma contradição no texto de Stowe, de modo que se St. Clare instruisse seus cativos, a escravidão seria uma instituição válida. Logo, Ophelia critica que é o sistema escravista que permite esse tipo de violência, enquanto St. Clare diz que esses senhores existem e o que os resta é buscar o que fazer a respeito. Portanto, o problema colocado seria, novamente, a violência dos senhores que a usam e não o próprio sistema escravista.

Assim, vislumbramos o quanto a tensão entre anti-escravismo e abolicionismo era forte nos escritos de Stowe. Aqui, a escritora parece condenar a violência e não a instituição exigindo seu fim. Parece dizer que a escravidão seria uma instituição tolerável dentro das seguintes condições: com educação e religião, com o direito à família e com bons tratos. Logo, o que precisaria poderia ser somente uma reforma, não necessariamente o seu fim.

Topsy aparece como a concretização da maldade, comparada a uma serpente que atrai uma pomba, Evangeline. Lembrando que a serpente aparece na Bíblia como “o animal mais esperto que o Deus Eterno havia feito” (Bíblia, Gênesis 03;01) e que oferece a Eva um elemento proibido por Deus, no jardim do Éden, a induzindo a comer da árvore do conhecimento, possibilitando-a conhecer o mal. Assim a senhorinha branca ganha mais uma referência bíblica, a de Eva. Além dessa, Evangeline possuía a referência, pelo seu nome, ao próprio Evangelho, sendo que o caráter e a pureza desta figura acabam por representar o próprio Testamento.

Porém, Evangeline não se deixa influenciar pela serpente, e continua sendo o ser inocente e puro, que não conhece o mal. Enquanto Topsy, até o fim do livro, se converte na criança de boa e de boas intenções. Stowe assim recriando duas referências bíblicas, consertando o erro que levaria aos pecados, fazendo de Evangeline mais perfeita que a mulher

145 (...) said St. Clare. "The horrid cruelties and outrages that once and a while find their way into the papers, -- such cases as Prue's, for example, -- what do they come from? In many cases, it is a gradual hardening process on both sides, -- the owner growing more and more cruel, as the servant more and more callous. Whipping and abuse are like laudanum; you have to double the dose as the sensibilities decline. I saw this very early when I became an owner; and I resolved never to begin, because I did not know when I should stop, -- and I resolved, at least, to protect my own moral nature. The consequence is, that my servants act like spoiled children; but I think that better than for us both to be brutalized together. You have talked a great deal about our responsibilities in educating, Cousin. I really wanted you to *try* with one child, who is a specimen of thousands among us." (Idem, *ibidem*, p. 270).

que Deus criou para ser perfeita. Ao mesmo tempo em que inverte a história e faz a cobra ser influenciada por Eva.

Topsy é uma personagem vingativa, mas para Stowe isso não ocorre sem razão. Quando ela morava na casa dos senhores maus, anterior a de St. Clare, ela era ruim porque seus donos sempre lhe diziam que sua natureza era ruim (no mesmo processo de assimilação do papel que os donos colocaram para ela, e na lógica discursiva de Stowe que defende que os negros são maus por influência dos brancos). Quanto mais apanhava, mais se tornava insubordinável – na mesma lógica explicada por St. Clare do uso da violência. E, na casa de St. Clare, ela era vingativa com os escravos porque a desprezaram. Ela aprendia os ensinamentos de Ophelia com muita facilidade e rapidez, o que supõe que os negros só necessitem de instrução dos brancos para se comportarem como os brancos desejam, pois eles buscam desempenhar o que traçam para eles. Enfim, as maldades de Topsy eram conseqüências do que os seus senhores diziam, da mesma forma como poderia agir calmamente e sem perturbar os demais. Porém é necessário que alguém que ela sentia confiança a dissesse que ela não era ruim.

Stowe declara em diversas publicações que é contra a escravidão pelo fato de ameaçar a instituição da família e o casamento. Um dos casos, entre vários outros do romance, que ela utiliza para chegar a esse assunto é através da Sra. e do Sr. Shelby, quando esse repreende aquela por ensinar o código moral do Evangelho aos escravos, fazendo-os acreditar que estão inseridos nesses preceitos divinos. O ataque de Stowe é, portanto, à idéia de que os escravos estariam fora dos mandamentos cristãos, logo eles nem deveriam conhecê-los, tendo que viver de acordo com o destino que é imposto a eles. Mas ressaltamos que não é uma crítica ontológica à escravidão como instituição, a escritora sempre deixa a entender que se reformada, a escravidão poderia ser tolerada.

Desta forma, a questão da liberdade foi outro ponto muito importante no romance, presente explícita ou implicitamente. Esse elemento estava sempre associado a uma questão de forma de relacionamento entre o senhor e o escravo, sendo que a liberdade era colocada em segundo plano se o modo de vida do segundo dispunha de alguns espaços de autonomia e de uma relação amistosa com o seu dono. Assim sendo, se essas condições fossem contempladas, o escravo seria feliz enquanto escravo. É o que percebemos na seguinte fala de Evangeline:

– Meu pai pode comprá-lo, – disse Eva rapidamente, – e se ele comprá-lo, você terá bons tempos. Eu vou perguntá-lo, hoje mesmo.¹⁴⁶

(...)

– E você terá bons tempos – disse Eva. – Papai é muito bom com todos, (...)¹⁴⁷

146 "My papa can buy you," said Eva, quickly; "and if he buys you, you will have good times. I mean to ask him, this very day." STOWE, Harriet. (Idem, ibidem, p. 163)

Mas, ao fim do livro, Stowe afirma – através das palavras de Tom – que é melhor a liberdade em uma casa simples, independentemente das dificuldades, do que ser escravo com bons privilégios. Assim, podemos tentar compreender o motivo da autora utilizar daqueles pensamentos pela maior parte do livro e finalizar com o dito acima de duas formas, não necessariamente excludentes: 1) esta é a forma que Stowe optou para tentar convencer o leitor, ao fim do livro, que só esse tipo de liberdade não é suficiente, não por estar submetido às ordens dele, mas por tornar incerto seu destino (exposto à possível venda a qualquer momento); 2) ou como uma tentativa de Stowe mostrar qual era o discurso dos senhores de escravos, que diziam que os escravos estavam melhores enquanto tal. Mas ressalto que se fosse o segundo o motivo da estrutura do romance, não seria uma visão tão crítica como declara no livro *A Key to Uncle Tom's Cabin* (1853). Seu ataque se dirigiria somente ao fato de que ser livre é melhor que estar escravizado, mas não que seja infeliz a vida de um escravo de um bom senhor.

Tendo em vista todos os pontos acima desenvolvidos podemos compreender os principais personagens como referências diretas a determinados elementos¹⁴⁸:

Personagem	Representação
Augustine St. Clare:	Representa os senhores bons do Sul que não se opunham ao sistema escravista, embora não o aprovassem totalmente.
Eliza	Os sentimentos maternos que enfrentam qualquer obstáculo pelos filhos.
Evangeline	Representa: o evangelho; Eva antes de comer do fruto proibido; a pureza; e, muitas vezes, a moral cristã em meio ao sistema escravista.
George	Representa os escravos alugados (escravos de ganho) depois da proibição do tráfico internacional de escravos; a possibilidade do retorno dos libertos para a Libéria (o que defendia Stowe); e as fugas bem sucedidas de escravos do Sul para o Canadá.
John, Mammy, Prue, Dodo	Representam a separação das famílias escravas
Legree	Violência do sistema escravista das grandes plantações

147 "And you shall have good times," said Eva. "Papa is very good to everybody, (...)." (Idem, ibidem, p. 168).

148 Aqui nossa intenção não é buscar os personagens aos quais Harriet B. Stowe aponta em *A key to Uncle Tom's Cabin*, mas tentar compreender para qual idéia eles apontam.

	sulistas
O padre que se junta aos casais que conversam no tombadilho	Representa a posição favorável à escravidão da igreja sulista.
Raquel Halliday, Simeão Halliday	Representam os <i>quakers</i> e as ajudas prestadas aos escravos fugidos.
Sr. John Bird	Representam que ainda existia humanidade entre aqueles que votavam a favor da lei de proibição a ajuda de escravos fugidos.
Sra. Mary Bird e Sra. Shelby	Representam as sábias mulheres estadunidenses que são excluídas da vida política e da esfera econômica da casa, por causa do sexo, num Estado machista, onde somente o ambiente doméstico lhes é reservado.

b) A representação do personagem Tom

Julgamos que seria de suma importância trabalhar em separado o personagem escravo Tom, tendo em vista que este é a principal figura do romance. Tom é o cativo perfeito: religioso, educado, obediente, prestativo, inteligente e bom administrador. A primeira referência ao personagem é pela voz de seu bom senhor Shelby, que expõe não só as qualidades daquele, mas também os eventos no qual esteve envolvido e se comportou de forma exemplar. Esses atos de Tom apontavam momentos nos quais ele teria a chance de fugir ou de se rebelar, mas preferiu continuar em sua condição de submissão na escravidão, fazendo o que o senhor esperava que ele fizesse.

E a última menção feita a Tom por outro personagem do romance foi por George Shelby (filho do Sr. Shelby, primeiro dono do escravo). Depois que George concedeu a liberdade aos negros da fazenda, diz a eles que tomassem Tom como exemplo de vida e como responsável pela liberdade que o branco os concedia:

- Amigos, foi sobre a sepultura desse homem e na presença de Deus, que protestei nunca mais ter escravos, e de jamais concorrer para que ninguém fosse separado da família e dos amigos, ou morresse, como ele morreu, numa plantação longínqua. Por isso, quando pensarem na sua liberdade, lembrem-se de que a devem a memória desse homem, provem-lhe todo o seu reconhecimento e gratidão, tratando com respeito a mulher e os filhos que deixou. Sempre que virem A CABANA DO PAI TOMÁS, lembrem-se de que são livres, e que essa casa lhes recorde a sua honradez exemplar, e para o imitarem, sejam como ele, fieis, honrados e cristãos.¹⁴⁹

Contudo, podemos ressaltar o uso do destaque da “cabana do pai Tomás” como forma de tomar não somente o personagem como exemplo de vida, mas toda a obra que a autora escreveu. Destarte, essa passagem não é, necessariamente, para os escravos, mas para o leitor. Afim de que este conceba todas as desgraças ocorridas aos escravos e narradas no livro como um exemplo do que não deve perpetuar, do que não deve ser legitimado. E, logo, o leitor deve possuir o caráter que Stowe traçou no romance, e mais que a condição de liberdade que aquele que lê goza, não é igual para todos.

E a última referência, feita por Stowe, ao personagem no livro é destinada a demonstrar que essas características traçadas não se tratam de uma construção, ou de uma

149 "It was on his grave, my friends, that I resolved, before God, that I would never own another slave, while it was possible to free him; that nobody, through me, should ever run the risk of being parted from home and friends, and dying on a lonely plantation, as he died. So, when you rejoice in your freedom, think that you owe it to that good old soul, and pay it back in kindness to his wife and children. Think of your freedom, every time you see UNCLE TOM'S CABIN; and let it be a memorial to put you all in mind to follow in his steps, and be honest and faithful and Christian as he was." (STOWE, Op. Cit., p. 471)

invenção, mas que existem pessoas que viram negros semelhantes, e que poderiam inclusive testemunhar. Assim, insiste em atestar que “a fidelidade incorruptível, a piedade e a honestidade”¹⁵⁰ de Tomás são elementos incontestáveis e acabam por confirmar sua defesa de que os negros são tão bons quanto os brancos. Sendo que, em determinadas comparações, como com brancos maus, os negros são até mesmo melhores que os primeiros. Mas não deixa de ser uma narrativa construída sobre elementos que apontam para negros como simples vítimas das ações dos seus senhores, oprimidos em uma vida desumana.

No que tange a estrutura do livro, percebe-se que o personagem é apresentado de modo a demonstrar: os perigos e sofrimentos, os afetos e os laços de solidariedade, a fidelidade e bondade que compõem as vidas dos negros escravos. Esses elementos são traçados sempre como um respaldo àquela estrutura essencialista do pensamento de Stowe, de modo que todos os negros têm a possibilidade de serem bons, desde que os brancos assim se os instruem. Desta forma, a autora cria uma aliança entre o leitor e o romance, legitimando uma imagem já estruturada dos brancos que devem tutelar os negros, ao mesmo tempo em que insere a noção de que os últimos não são meras mercadorias ou objetos.

Tom exerce assim um dos papéis principais, uma vez que ele é pai, marido, amigo e crédulo, isto é, se encaixa perfeitamente no caráter que Stowe busca levar até o leitor, de modo a convencer que a abolição é uma ameaça a santidade da família e do matrimônio. Assim, conseguiu envolver as sensibilidades dos leitores nortistas de modo a sentirem as dores do escravo e a vida triste que teve que levar. Sendo que no momento de sua morte, a narrativa se torna tensa, repleta de elementos que induzem naquele que lê certa indignação, assimilando aquele evento como uma grande injustiça.

Segundo Donald Pickens, a submissão de Tom está em direto consenso com o patrimônio cristão, como parte da teologia cristã que enfatiza a pureza como o sentido da vida, voltado para o dia do julgamento final. Desse modo, o mundo seria somente um lugar de passagem, que não deveria atingir a candura da alma, independentemente das situações a que o indivíduo fosse submetido.¹⁵¹ Pickens aponta que essa figura se torna o homem ideal oitocentista: doce, obediente, gentil, nobre em espírito, cavalheiro, cristão. Sua representação

150 The personal appearance of Eliza, the character ascribed to her, are sketches drawn from life. The incorruptible fidelity, piety and honesty, of Uncle Tom, had more than one development, to her personal knowledge. Some of the most deeply tragic and romantic, some of the most terrible incidents, have also their parallel in reality. The incident of the mother's crossing the Ohio river on the ice is a well-known fact. The story of "old Prue," in the second volume, was an incident that fell under the personal observation of a brother of the writer, then collecting-clerk to a large mercantile house, in New Orleans. (Idem, *ibidem*, p. 471-472)

assim é como a de um santo, e sua casa como um santuário. Tal personagem conseguiu transformar parte d seu mundo pelo amor.¹⁵²

Através de Tomás, Stowe adentra os mais diversos espaços, trazendo consigo o leitor:

Temos caminhado com nosso amigo Tom em triste peregrinação pelo vale da escravidão; esta nos tem oferecido lugares risonhos, onde o viver lhe foi doce; depois, assistimos a uma cruel separação. Com ele descansamos numa ilha encantada, onde mãos generosas ocultavam, sob flores, as correntes que o prendiam; enfim, seguimo-lo a uma morada, onde se extinguíam os derradeiros raios de esperança terrestre. E vimos como, no seio de tensas trevas, ele entreviu os esplendores invisíveis do céu.¹⁵³

151 PICKENS, Donald K.. Uncle Tom Becomes Nat Turner: A comentary on two American heroes. In: *Negro American Literature Forum*. Vol. 3, No. 2 (Summer, 1969). Published by: [St. Louis University](http://www.jstor.org/stable/3041380). IN: <http://www.jstor.org/stable/3041380>. Acessado em: 12-07-2010, p. 46-47)

152 Exemplo disso é o senhor George Shelby, que concede liberdade a todos os seus escravos; o fato de Tom reavivar a fé na religião de seu segundo senhor Augustine St. Clare; e, principalmente, leva esperança e fé aos escravos das casas por onde passa.

153 We have walked with our humble friend thus far in the valley of slavery; first through flowery fields of ease and indulgence, then through heart-breaking separations from all that man holds dear. Again, we have waited with him in a sunny island, where generous hands concealed his chains with flowers; and, lastly, we have followed him when the last ray of earthly hope went out in night, and seen how, in the blackness of earthly darkness, the firmament of the unseen has blazed with stars of new and significant lustre. (STOWE, Op. Cit., p. 439)

Capítulo III

Indicando caminhos: Abordagens da lógica escravista

O século XIX¹⁵⁴ delimitou novas concepções no universo social, moral, econômico, político e cultural dos Estados Unidos e, por apropriações e interpretações, no restante da América. A questão da representação dos negros e dos brancos era algo em busca de respostas desde a primeira metade do século, presente em todas as esferas da vida, que aderiam de diferentes formas as explicações oferecidas pela religião, ciência e filosofia. Essas reflexões geraram a necessidade de posicionamento da sociedade frente à legitimidade da instituição escravista.

A abolição era discussão recorrente nas igrejas, na política, na economia, enfim, em diversos meios, sendo que a expansão para o Oeste tornava ainda mais urgente a necessidade de consenso político.¹⁵⁵ Os fazendeiros escravistas sulistas tinham receio do término da escravidão, pois viam nisso uma ameaça a um estilo de vida e à produção nas fazendas e, conseqüentemente, fortaleciam a resistência à abolição.¹⁵⁶ No norte encontrava adeptos. A religião e a imprensa ferviam com respostas incisivas contra tal tipo de trabalho e o uso abusivo da violência contra os cativos no sul. Mas importante ressaltar que, embora os abolicionistas buscassem esse direito para os negros, não defendiam uma igualdade entre estes e os brancos. Desta forma, diversos discursos justificavam a idéia de que havia lugares para brancos e lugares para negros, os quais deveriam ser distintos devido a uma ordem divina ou natural.

154 Com o movimento abolicionista, as resistências escravistas, a Guerra de Secessão (1861-1865), os movimentos religiosos, o movimento romântico, etc.

155 É possível vislumbrar essa movimentação nas produções dos familiares de Harriet Stowe, os quais estavam envolvidos com questões políticas e religiosas (sendo que as duas esferas se encontravam imbricadas no momento). No próprio livro *A key to Uncle Tom's Cabin*, de Harriet Stowe são claras essas movimentações. Além de obras como: BEECHER, Lyman. *A plea for the West*. Cincinnati: Truman and Smith, 1835. *Autobiography, correspondence, etc. of Lyman Beecher*. Edited by Charles Beecher. Vol. 1. New York: Harper & Brothers, Publishers, 1864. BEECHER, Lyman. *The Remedy for Dueling: applied to the rime of Slaveholding*. Boston: Published by Isaac Knapp, 1838. Também abordado nas demais obras de Stowe.

156 ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362. IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010, p. 346.

Harriet Beecher Stowe estava envolvida com as atividades do movimento romântico: seu pai e seus irmãos, através de seus livros e de seus sermões, envolviam a religião e a política, participando ativamente deste. Com isso, os religiosos geravam inquietude na sociedade e na esfera governamental, ao mesmo tempo em que moviam interesses e pessoas na expansão do protestantismo para o Oeste. Nesse sentido, Stowe também oferecia soluções para uma sociedade marcada pela “desumanidade” gerada pelo “grande mal”, que era a escravidão. A autora desenvolveu um modo próprio através do romance para compor seu discurso antiescravista e outras questões políticas e sociais, levantando posicionamentos e reivindicações através da articulação de argumentos correntes.

Assim, agora nos preocupamos com a forma pela qual a escritora desenvolveu um discurso abolicionista ou antiescravista. Nesse sentido, buscamos compreender como os personagens do romance abordaram o assunto, quais foram eles, e deste modo, como se configurou posicionamentos e reivindicações frente à sociedade oitocentista. Tentamos cruzar essas interpretações com a bibliografia e as produções de sua família – Lyman Beecher (pai), Edward Beecher e Catherine Beecher (irmã) – o que nos permitiria vislumbrar as interpretações do período histórico que estavam disponíveis à Stowe e das quais ela pôde ter feito algum tipo de apropriação.

III.a) Visões da crueldade: tentativa de formação da opinião pública

Stowe expunha, através de falas diretas ao leitor e dos diálogos entre os personagens, algumas de suas posições políticas, morais e religiosas. Dessa forma, é possível vislumbrar a leitura que a escritora fez da Declaração da Independência em alguns momentos do romance. De forma indireta, remetia-se ao dito documento, em especial no artigo que se referia à igualdade e liberdade de todos. O que inquietava a escritora era, em nossas palavras: como seriam todos iguais e livres, em um país escravista, que pressupunha que uns pertenciam a outros e, para isso, uns se viam diferentes de outros?

A autora evidenciou dois discursos que, segundo seus princípios, impossivelmente poderiam conviver: um país que se dizia livre e a escravidão. A fala do mau senhor, que desejava submeter seu escravo a trabalhos desgastantes no campo, utilizou em uma só frase que aquele homem era *dele*, logo, estava submetido a ele, pelo próprio fato de ser um país livre. Nesse sentido, esse direito de posse era legitimado pelo discurso que enfatizava o direito de propriedade como condição para um país livre. Com isso, a autora ressaltou que o branco

exercia sua liberdade de forma plena, apoiado em leis que lhe garantiam o direito de sobrepô-la a liberdade do outro, desde que este fosse negro.

Desta forma, os negros não eram tidos como uma pessoa, mas uma mercadoria. Essa visão feria as interpretações da Bíblia feitas pela escritora, que tentava tão veementemente mostrar que os negros possuíam sentimentos como os brancos, e deveriam ter direitos que lhes garantissem esses princípios básicos, e isto seria requisito para se considerar um país livre. Assim, “livre” tomava o sentido de se fazer o que quiser com quem quiser, desde que não fosse com outro branco. A estratégia da nortista era apresentar para o leitor a visão do escravo diante de tal situação, e não dos brancos ou da justiça, buscando romper com a passividade ou normalidade com que o fato era assimilado comumente.

“(…) Isso é um país livre, senhor; este homem é *meu*, e hei de fazer dele o que bem entender – e é isso!”¹⁵⁷

É um paradoxo somente na aparência, pois para o Sul branco fazia pleno sentido. O alicerce da leitura que este fazia da Declaração de Independência e da Constituição garantia aos homens livres o direito à propriedade (mesmo que essa propriedade fosse uma pessoa). Um dos leitores de Stowe, Nicholas Brimblecomb, deixou isso muito claro nas cartas que escreveu à nortista, as quais foram compiladas na forma de livro, e publicadas um ano depois da publicação de *A Cabana do Pai Tomás*. Assim o escritor declarou em sua “Advertência”:

Escravos são propriedades. É sobre essa base simples que o resto dos sentimentos a seguir se desdobrarão. Este fato constitui minha premissa, e eu desafio aquele que se dispor a apontar qualquer defeito na lógica destas cartas. Se acontecer de meu leitor ficar assustado com algumas frases aqui escritas, eu apenas irei pedir-lhe para cair em si mesmo, porque o meu *escravo* e o meu *cavalo* são iguais tanto na Lei Estadual quanto na Federal.¹⁵⁸

Quanto às formas de interpretação expostas em *A Cabana do Pai Tomás*, é possível conjecturar duas visões sobre a escravidão. Podemos pensar no diálogo entre Augustine St. Clare e Alfred, seu irmão (o qual é apresentado como o exato oposto de St. Clare, desde a fisionomia à posição política). Um dos discursos se voltava para as conseqüências da

157 “(…) It's a free country, sir; the man's *mine*, and I do what I please with him, -- that's it!” (STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: a tale of life among the lowly*. London: George Routledge & CO., 1852, p. 23.)

158 *Slaves are property*. It is on this simple basis that the following sentiments rest. This one fact constitutes my premises; and I defy the word to point out any defect in the logic of the Letters. Should it so happen that my reader shall be startled at some sentences herein written, I only ask him to bethink himself that my *slave* and my *horse* are alike in both state and national Law. (BRIMBLECOMB, Nicholas. Advertisement. In: *Uncle Tom's Cabin in ruins: Triumphant defense of Slavery! In Series of letters to Harriet Beecher Stowe*. Boston: Charles Waite, 1853)

escravidão no Haiti ¹⁵⁹; e outro se voltava para a noção de superioridade da raça branca anglo-saxã, em bases naturais e culturais. A discussão partiu da crítica de Augustine à ação do sobrinho, filho de Alfred, que agiu com agressividade e intolerância contra um escravo. O tio, de modo irônico, relacionou, de modo explícito, essa ação com o artigo referente ao direito de liberdade e princípio de igualdade de todos os homens.

Para o irmão (que defendeu energicamente a escravidão e a violência da instituição), o artigo não possuía legitimidade, sendo uma projeção precipitada que Thomas Jefferson teria feito da França sobre os EUA, e, por isso, não se enquadraria neste, devendo ser essa idéia impedida de circular livremente. ¹⁶⁰ podemos perceber que se configura uma posição extremamente autoritária, que temia o que poderia incutir na população a idéia de direito de igualdade e liberdade de todos. Alfred acreditava que a “plebe” – povo que não julgava dentro de seus padrões de educação, inteligência, riqueza e refinamento – não nasceu livre e nem igual aos que possuíam tais características. ¹⁶¹

Já Augustine concebia a escravidão como uma máquina prestes a explodir “aqueçam a máquina, fechem a válvula de segurança, sentem-se em cima dela e vejam depois se não vão pelos ares.”¹⁶² Ou seja, os escravistas estavam insistindo num sistema que era autodestrutivo, que não conseguiria se sustentar enquanto ignorassem os problemas que ele acarretava e que, por tal fato, só aumentavam, como a pressão dentro de uma máquina. E ele continuava “se em

159 Segundo Celia Maria Marinho de Azevedo, a percepção da Revolução do Haiti como uma referencia no reforço dos argumentos abolicionistas se faziam presentes em outros abolicionistas. Uma visão mais comum construída pelos abolicionistas era pautada na esperança dos escravos do alcance da liberdade, que tirariam de seu cotidiano os sofrimentos que a escravidão lhes impunha. E outra, que é a expressa no trecho trabalhado por Stowe, que percebe o Haiti como uma “prova viva” de que não havia uma inferioridade entre negros e brancos. (AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX). São Paulo: Annablume, 2003. p. 132). Embora, no trecho de Stowe, se percebe uma relativização, de modo que, os negros são semelhantes, porque possuem sangue anglo saxão.

160 "And this by way of teaching Henrique the first verse of a republican's catechism, 'All men are born free and equal!'" "Poh!" said Alfred; "one of Tom Jefferson's pieces of French sentiment and humbug. It's perfectly ridiculous to have that going the rounds among us, to this day." (idem, ibidem, p. 291)

161 "Because," said Alfred, "we can see plainly enough that all men are *not* born free, nor born equal; they are born anything else. For my part, I think half this republican talk sheer humbug. It is the educated, the intelligent, the wealthy, the refined, who ought to have equal rights and not the canaille." (idem, ibidem, p. 291)

162 "Put on the steam, fasten down the escape-valve, and sit on it, and see where you'll land." (idem, ibidem, P. 292)

nosso tempo há alguma coisa em que se manifeste a lei divina, é certamente a tendência das massas de se elevarem, e a classe inferior tornar-se superior".¹⁶³ E afirmava "eles vão governar você, quando seu tempo chegar (...) e vão seguir as regras que você fez para eles".¹⁶⁴ Portanto, percebe-se que era um medo político e social, mas que possuía uma base religiosa forte: quer que façam a você o que você fez a eles?

Logo, Augustine se amparou em uma comparação com a França, ressaltando que, da mesma forma como os brancos de St. Domingues tiveram que se deparar com a revolta escrava, o mesmo poderia ocorrer em seu país. Isto é, a possibilidade de uma revolta escrava se colocava tanto para os haitianos, quanto para os Estados Unidos. A resposta que ele recebeu foi de que, graças ao sangue anglo saxão, os brancos estadunidenses poderiam sobrepor-se a qualquer outro povo não descendente de anglo-saxões. Conseqüentemente, os haitianos teriam perdido para os negros devido a falta dessa herança anglo-saxã.¹⁶⁵

Mas um elemento se desdobrava nessa sociedade e foi lembrado por St. Clare: o escravo mestiço. Esse agente também desfrutava do sangue anglo-saxão, agora, os negros possuiriam as mesmas capacidades e, a insurreição, por sua vez, seria obra de sangue anglo-saxão.¹⁶⁶ Eles herdariam de seu pai branco a altivez: deixariam de ser comprados, vendidos e traficados, logo, seriam capazes de se rebelar e, com eles, a raça de sua mãe.¹⁶⁷

Nesse pensamento da autora, viabilizado através das falas de St. Clare, se impunha uma relação de gênero que – provavelmente não conscientemente – legitimava uma posição inferiorizada da mulher. A mãe/mulher é uma figura passiva que, iluminada e guiada pelos

163 "if there is anything that is revealed with the strength of a divine law in our times, it is that the masses are to rise, and the under class become the upper one." (idem, ibidem, p.292)

164 (...) they will govern *you*, when their time comes," (...) "and they will be just such rulers as you make them. (...) (idem, ibidem, p. 292)

165 "O, come, Augustine! as if we hadn't had enough of that abominable, contemptible Hayti! The Haytiens were not Anglo Saxons; if they had been there would have been another story. The Anglo Saxon is the dominant race of the world, and *is to be so*." (idem, ibidem, p. 292)

166 "Well, there is a pretty fair infusion of Anglo Saxon blood among our slaves, now," said Augustine. "There are plenty among them who have only enough of the African to give a sort of tropical warmth and fervor to our calculating firmness and foresight. If ever the San Domingo hour comes, Anglo Saxon blood will lead on the day. (idem, ibidem, p. 292-293)

167 (...)Sons of white fathers, with all our haughty feelings burning in their veins, will not always be bought and sold and traded. They will rise, and raise with them their mother's race." (idem, ibidem, p. 293)

homens, seria capaz de se rebelar. Sozinhas, as mulheres não seriam capazes de exercer tamanha resistência, seriam seres fracos e não inteligentes o suficiente para perceber sua situação de submissão e injustiça.

Ao mesmo tempo, se impunha uma questão de raça: mesmo que os escravos se rebelassem, o crédito seria dos brancos, que, pelo biológico, teriam oferecido as condições para a sua tomada de consciência. Logo, é como se o negro admitisse ser explorado, ser submetido a instabilidade, não se “cansando” de ser vendido; enquanto os brancos jamais aceitariam isso. Assim sendo, aponta para uma questão de opção: os negros escolheram ser passivos, pois eles não se “cansam” de serem explorados.

Augustine não parou por aí. Acrescentou que há muito tempo respondiam a esses argumentos com a idéia de que isso seria tolice e que nunca ocorreria, e traçou outro paralelo, desta vez com a Bíblia: *Mas acontecerá a mesma coisa que aconteceu no tempo de Noé. Eles comiam e bebiam, semeavam e edificavam e não sabiam, até que o dilúvio chegou e os levou.*¹⁶⁸ Deste modo, Stowe, através de Augustine, utilizou tanto o Velho quanto o Novo Testamento, naquilo que este confirmava aquele. Os escravistas estariam destinados ao mesmo fim dos infiéis do tempo de Noé (que cometiam atos contrários a vontade de Deus): condenados a nenhuma misericórdia, pois Deus mandaria sobre eles um castigo mortal.

Ao adentrar as conversas entre um personagem, que era senador, e sua esposa, Stowe envolvia as discussões entre os interesses privados (ditos racionalizados) e a religiosidade e moral bíblica. O senador Sr. Bird concebia seu trabalho como um serviço à pátria¹⁶⁹, e mesmo que fosse cansativo, era um sacrifício a favor dessa nobre causa. Sendo a aprovação da lei de proibição de ajuda aos escravos fugidos um bem comum, embora o senador admitisse a legitimidade do sentimento de inconformidade em não poder ajudar aqueles que precisavam, mas que devia-se colocar esses sentimentos depois dos interesses “públicos”.

Já em outra fala, ele afirmava que a lei foi para acalmar os fazendeiros donos de escravos que estavam inquietos com as agitações dos abolicionistas, uma vez que defender esses escravos poderia trazer um grande mal para a sociedade (*woul involve a great public evil*). Nesse sentido, o público confundia-se com o privado, onde os poderes dos fazendeiros se sobrepunham e se apresentavam como de todos. Ao mesmo tempo em que a sociedade

168 (...)’As it was in the days of Noah so shall it be; -- they ate, they drank, they planted, they builded, and knew not till the flood came and took them.’ (idem, ibidem, p. 293)

169 And the senator smiled, as if he rather liked the idea of considering himself a sacrifice to his country. (idem, ibidem, p. 90)

considerada era a branca proprietária de escravos, e os negros não só estariam excluídos da sociedade como também estariam sujeitos a todo tipo de prejuízo “pelo bem de todos”, que nunca incluiria o bem deles próprios.

A Sra. Bird expressava a incredulidade em uma Assembléia cristã aprovar tal lei, contrariando os princípios da religião e estabelecendo a crueldade e a injustiça. Fundamentando seu discurso com a crença de que fazer o recomendado pela Bíblia nunca poderia trazer mal algum à ninguém. A personagem ressaltava o mandamento bíblico da obrigação de acolher os famintos, nus e aflitos. “Eu devo alimentar os famintos, vestir os nus, e confortar o desolado. A Bíblia eu pretendo seguir”¹⁷⁰ E questionava o marido se ele realmente teria a coragem de recusar abrigo e comida a uma “pobre criatura” que seu único crime fora ter fugido de seu senhor. Logo, as tentativas de convencimento pelos argumentos ditos racionais foram abafadas pelo calor da religiosidade e moral da esposa.

A fundo, o que temos nesse diálogo é um levantamento da defesa religiosa contra a frieza da racionalidade: defendendo o acolhimento dos escravos fugidos de um sistema considerado desumano contra a racionalidade da política que visava os interesses privados, os quais eram balizados pelo interesse econômico e pela preservação de determinado estilo de vida diferente da moral nortista. Mas a moral da história se coloca quando o senador acaba por acolher uma escrava com seu filho (Eliza e Harry). E ainda arrisca-se transportando-os para um lugar seguro.

Stowe apresentava como a própria religião propagada nas igrejas legitimava a escravidão e criava lugares distintos para brancos e negros dentro da sociedade, até mesmo em lugares tão elogiados pela autora como em Kentucky. Como na fala da cativa Eliza “Bem – replicou Eliza com voz triste – eu sempre achei que eu devia obedecer meus donos e donas, ou eu não poderia ser uma cristã”.¹⁷¹ Mas devemos ressaltar que, nesse aspecto, a leitura de Stowe era um pouco dúbia, de modo a não criticar os espaços separados e nem a tutela dos brancos sobre os negros, lembrando que a nortista estimulava o envio dos negros nos projetos de colonização para a África.

170 I must feed the hungry, clothe the naked, and comfort the desolate; and that Bible I mean to follow. (idem, ibidem, p. 92)

171 "Well," said Eliza, mournfully, "I always thought that I must obey my master and mistress, or I couldn't be a Christian." (Idem, ibidem, p. 25)

Desta forma, entre os dogmas cristãos ficava exposta a obrigação da submissão, corroborados pelos próprios escravos quando os senhores serviam o seu papel de bom senhor, ou seja, se os senhores ofereciam boas condições de vida, eles estavam no direito de cobrar obediência em seus serviços, como na resposta de George:

Tem algum sentido isso, no seu caso; eles a criaram como uma criança, te alimentaram, te vestiram, te deram alguns luxos, te educaram, tanto que você tem uma boa educação; essas são algumas razões pelas quais eles podem reivindicar algo de você. Quanto a mim, só tenho recebido pancada, ultrajes e desprezo! Que lhe devo? Tenho pagado cem vezes o meu sustento. Eu não quero ter que suportar isso. Não, eu não quero "... não quero sofrer mais. (...)"¹⁷²

Na esfera religiosa, Stowe ainda demonstrava como a Bíblia era utilizada por algumas igrejas para sustentar a escravidão. Mas a escritora se expressava de forma a passar para o leitor indignação com tal interpretação, enfatizando as possibilidades de adulteração do sentido bíblico para causas de interesses terrenos – como fins de justificação de um estilo de vida, de um status. Buscava, assim, formar uma opinião crítica para o leitor, exaltando motivos para não aderirem ou normalizarem esse tipo de leitura bíblica:

"Religião!" disse St. Clare, em um tom que fez ambas as senhoras olhar para ele. "A religião! É o que você ouve na igreja, religião? É o que pode torcer e transformar, e aumentar e reduzir, para caber os caprichos de uma sociedade egoísta e mundana, isso é a religião? Pode ser verdadeira a religião que tem menos escrupulo, menos generosidade, menos justiça, menos atenção para com o homem, do que eu, homem ímpio? Não! Quando eu olho para uma religião, devo olhar para algo acima de mim, e não algo para algo abaixo."¹⁷³

No romance, pode-se perceber uma sobreposição dos direitos escravistas sobre a igreja – logo, aos mandamentos de Deus – uma vez que os desejos dos senhores podiam revogar um ato religioso, como o casamento. O que se percebe é que os proprietários de escravos não utilizavam somente de retórica para se apresentar como superior, eles poderiam recorrer aos

172 "There is some sense in it, in your case; they have brought you up like a child, fed you, clothed you, indulged you, and taught you, so that you have a good education; that is some reason why they should claim you. But I have been kicked and cuffed and sworn at, and at the best only let alone; and what do I owe? I've paid for all my keeping a hundred times over. I *won't* bear it. No, I *won't*!" (...)
(idem, ibidem, p. 25-26)

173 "Religion!" said St. Clare, in a tone that made both ladies look at him. "Religion! Is what you hear at church, religion? Is that which can bend and turn, and descend and ascend, to fit every crooked phase of selfish, worldly society, religion? Is that religion which is less scrupulous, less generous, less just, less considerate for man, than even my own ungodly, worldly, blinded nature? No! When I look for a religion, I must look for something above me, and not something beneath." (idem, ibidem, p. 202)

seus direitos quando pretendessem e certamente seriam acolhidos. Assim, a posse sobrepunha os mandamentos de Deus:

– Porque? Mas você é casado *comigo*, pelo ministro, tanto quanto se fosse um homem branco! Disse Eliza, simplesmente.

– E você não sabe que um escravo não pode se casar? E que não há lei nesse país para isso. E que não posso tê-la como esposa, se o meu senhor quiser nos separar? Foi por isso que eu disse que preferiria não a ter visto, porque eu desejava nunca ter nascido, isso teria sido melhor para nos dois, isso teria sido melhor para essa pobre criança se ela nunca tivesse nascido (...) ¹⁷⁴

O importante a ressaltar é que, para a autora, a escravidão oprimia não só os negros, mas a todos, até quem possuía escravos. Aos que tentavam não ver as crueldades que a escravidão envolvia, Stowe solicitava que todos soubessem e pensassem a respeito, em lugar de omitir ou tentar não ver. Evangeline, como a consciência e pureza que representa, tentava demonstrar isso ao pai, de modo comovente:

– Que coisas horríveis as pessoas fazem e são capazes de fazer! – E Eva estremeceu – Minha querida filha, você está muito sensível. Desculpe-me eu nunca deveria ter deixado você ouvir essas histórias.

– Oh, isso é o que me incomoda papai. Você quer que eu viva tão feliz, e nunca tenha qualquer dor, que eu nunca sofra com qualquer coisa, nem sequer ouvir uma história triste, quando outras pobres criaturas não têm nada além da dor e da tristeza, e suas vidas. Isso parece egoísmo. Eu deveria saber essas coisas! Tais coisas sempre partem meu coração; machucam fundo. Eu ando pensando e pensando sobre elas. ¹⁷⁵

IV. b) Os debatedores da escravidão

Interessante observar que os personagens mais críticos contra a escravidão eram, no romance, sobretudo, as mulheres ¹⁷⁶ e os *quakers* – que se compunham, na maioria, do sexo

174 "Why -- but you were married to *me*, by the minister, as much as if you'd been a white man!" said Eliza, simply. "Don't you know a slave can't be married? There is no law in this country for that; I can't hold you for my wife, if he chooses to part us. That's why I wish I'd never seen you, -- why I wish I'd never been born; it would have been better for us both, -- it would have been better for this poor child if he had never been born. All this may happen to him yet!" (idem, *ibidem*, p. 27)

175 (...) "What horrid things people do, and can do!" and Eva shuddered. "My dear child, you are too sensitive. I'm sorry I ever let you hear such stories."

"O, that's what troubles me, papa. You want me to live so happy, and never to have any pain, -- never suffer anything, -- not even hear a sad story, when other poor creatures have nothing but pain and sorrow, an their lives; -- it seems selfish. I ought to know such things, I ought to feel about them! Such things always sunk into my heart; they went down deep; I've thought and thought about them.(...) (idem, *ibidem*, p. 301)

176 O caso das mulheres no romance de Stowe é muito interessante, pois elas além de serem as mais conscientizadas com as consequências da escravidão, elas são muito perspicazes nas questões financeiras. Sendo que, em casos onde o homem se ausenta – normalmente por morte, a mulher consegue superá-lo. Exemplo disso

feminino. Tais personagens possuíam uma percepção particular da instituição e uma posição claramente abolicionista. Outro grupo que também se destacou, porém em menor grau, era composto pelos escravos, movidos por sua experiência de vida e sua religiosidade. Esses segmentos superavam a solidez da percepção política dos homens (especialmente dos brancos), que se viam engolidos por um sistema que aparentava ser maior que eles e, assim, preferiam não se mobilizar. Mas, dentro do grupo dos homens, os reverendos ganharam relevo, justificando as relações senhor-escravo por uma interpretação bíblica, que era totalmente oposta da de Stowe, ou seja, pró-escravista.

Assim, a questão de gênero se colocava na obra ora de forma sutil, ora de modo explícito. As mulheres brancas, em geral, eram as mais críticas e possuíam uma posição mais sólida em relação à escravidão do que os homens e, ao longo do romance, percebe-se uma forte vontade destas participarem ativamente da vida política do país e da vida administrativa do meio doméstico. Nesses momentos, elas eram sempre repelidas pelos maridos, que impunham a agressividade, depois de desistir da base do senso comum, ignorando os argumentos destas. É curioso perceber que na ausência do homem as mulheres conseguem lidar com os problemas melhor e mais rápido do que eles conseguiam, ou ter um posicionamento sobre as situações mais firme que os homens, como no caso da Sra. Shelby e da Sra. Bird.¹⁷⁷

Em algumas passagens, Stowe atribuiu uma consciência social e política aos escravos, que conseguiam desenvolvê-la através de uma retórica muito bem construída. Interessante observar que os escravos do romance se instruíram ou pela educação oferecida por suas senhoras – como é o caso dos escravos da casa dos Shelby e dos St. Clare – ou aprendida individualmente (como no caso de George). No caso de George, ele conseguia se ver dentro do sistema escravista e criticá-lo de modo profundo, questionando a legitimidade da concepção de superioridade natural dos brancos, além da própria instituição:

Meu senhor! E quem o fez meu senhor? É isto o que penso: que direito tem ele sobre mim? Sou um homem tanto quanto ele, e sou um homem melhor do que ele. Entendo melhor de negócios que ele; sou um administrador melhor do que ele. Sei ler e escrever como ele não sabe e sei de tudo isso por interesse meu, não devo nada a ele. Que direito, portanto, lhe assiste de fazer de mim uma besta de carga, de

é a Sra. Shelby que se propõe a analisar as contas para poder avaliar a situação da casa, porém o marido se recusa dizendo que ela não entende nada a respeito e recorre a elevação da voz, sem ter mais argumentos. Quando este morre, ela consegue reerguer a situação financeira da casa, pagando as dívidas e ainda conseguindo separar um dinheiro para a compra de Tom de volta.

177 A Sra. Shelby conseguiu, depois da morte do marido, reerguer as finanças da casa e juntar o dinheiro suficiente para comprar Tom de volta; ou a Sra. Bird que convence o marido, que votou a favor da lei de proibição a ajuda de escravos fugidos, a abrigar e alimentar uma escrava.

afastar-me de um ofício que faço melhor, e melhor do que ele sabe fazer, e me colocar para fazer o trabalho que qualquer cavalo pode fazer? Ele tenta fazer isso, ele disse que vai me humilhar e me obrigará a fazer as coisas mais difíceis, o mais vil e o mais sujo trabalho, de propósito!¹⁷⁸

A consciência da amplitude e das conseqüências da escravidão pelos escravos é um fator que, a primeira vista, pode causar um estranhamento da parte do leitor atual. Porém, no século XIX, e até mesmo no XVIII, muitos escravos haviam se alfabetizado, fosse com ajuda de terceiros – como instituições religiosas ou mesmo com a ajuda de seus senhores – ou individualmente. Essa instrução abriu possibilidades para que os negros questionassem a Bíblia, a Declaração da Independência e a Constituição (principais fontes de argumentação dos abolicionistas, segundo Celia Maria M. Azevedo¹⁷⁹).

III.c) Religião, política e legislação no romance

A autora explorou a questão religiosa em lugares distintos da União (como em Kentucky, Louisiana e Nova Inglaterra), ao mesmo tempo em que permeou toda a trama por elementos morais e religiosos. Percebe-se que havia, na sua visão, um envolvimento maior das pessoas com a religião – uma escravidão branda como um todo – em Kentucky do que em Louisiana, que limitava e impedia a continuidade de práticas religiosas, como a leitura da bíblia:

- O que é isso? – disse uma das mulheres.
- Uma Bíblia, – disse Tom.
- Meu Deus! Não via uma dessas desde quando eu morei em Kentucky.
- Você foi criada em Kentucky? – disse Tom, com interesse.
- Sim, e bem criada, não esperava vir parar aqui! – disse a mulher, suspirando.
- Mas, enfim, o que é esse livro? – disse a mulher.
- É uma Bíblia.
- Que é isso? – disse a mulher.

178 "My master! and who made him my master? That's what I think of -- what right has he to me? I'm a man as much as he is. I'm a better man than he is. I know more about business than he does; I am a better manager than he is; I can read better than he can; I can write a better hand, -- and I've learned it all myself, and no thanks to him, -- I've learned it in spite of him; and now what right has he to make a dray-horse of me? -- to take me from things I can do, and do better than he can, and put me to work that any horse can do? He tries to do it; he says he'll bring me down and humble me, and he puts me to just the hardest, meanest and dirtiest work, on purpose!" (idem, ibidem, p. 24-25)

179 AZEVEDO, Op. Cit., p. 203.

– Você disse que nunca ouviu falar nela? – Disse outra mulher. – Eu costumava ouvir a minha senhora lendo, às vezes, em Kentucky; mas aqui só se ouvem pragas e palavrões indecentes.¹⁸⁰

Deste modo, a autora separou e julgou os tipos de escravidão no país: a instituição em Kentucky foi amenizada, não exigia uma intensa exploração de seus escravos e os senhores se satisfaziam com seus ganhos; enquanto no Sul, ocorria exatamente o oposto:

É talvez em Kentucky que a escravidão se apresenta sob a sua forma mais amena. O predomínio geral de uma tranqüilidade e faina agrícola não exigem os períodos de intensa e apressada atividade, tão comuns nas regiões mais ao Sul. Kentucky proporciona ao negro um trabalho mais sadio e menos pesado. Os senhores contentam-se com uma renda razoável, não conhecem as tentações do ganho rápido e fácil, que tantas vezes vencem os bons propósitos da frágil natureza humana, sendo o único obstáculo pela frente: a desgraça dos infelizes.¹⁸¹

Em Louisiana, o senhor se colocava como o próprio Deus para seus cativos, ou seja, só a ele deviam servir, idolatrar e temer. O Sr. Legree apontava para a idéia de que ele era o único que poderia julgar e punir dentro de sua propriedade, logo, era o detentor de poder inalienável:

– Bem, eu irei em breve tirar isso de você. Eu não quero em minha casa negros que declamam, que cantam, e que rezam. Agora, preocupe-se com você mesmo, – ele disse (...) diretamente a Tom – *Eu sou* sua igreja agora! Você compreende, você tem que ser como *eu digo*.”¹⁸²

180 "What's that?" said one of the woman. "A Bible," said Tom.

"Good Lord! han't seen un since I was in Kentuck."

"Was you raised in Kentuck?" said Tom, with interest.

"Yes, and well raised, too; never 'spected to come to dis yer!" said the woman, sighing.

What's dat ar book, any way?" said the other woman.

"Why, the Bible."

"Laws a me! what's dat?" said the woman.

"Do tell! you never hearn on 't?" said the other woman. "I used to har Missis a readin' on 't, sometimes, in Kentuck; but, laws o' me! we don't har nothin' here but crackin' and swarin'." (idem, ibidem, p. 376-377)

181 Perhaps the mildest form of the system of slavery is to be seen in the State of Kentucky. The general prevalence of agricultural pursuits of a quiet and gradual nature, not requiring those periodic seasons of hurry and pressure that are called for in the business of more southern districts, makes the task of the negro a more healthful and reasonable one; while the master, content with a more gradual style of acquisition, has not those temptations to hardheartedness which always overcome frail human nature when the prospect of sudden and rapid gain is weighed in the balance, with no heavier counterpoise than the interests of the helpless and unprotected. (Idem, ibidem, p. 17)

Esse pensamento criava a idéia de que em lugares como aquele (de exacerbada exploração e severidade nos castigos) não poderia, realmente, existir Deus. É possível perceber isso no trecho da fala de uma das escravas da grande plantação “Oh, nunca me fará acreditar numa coisa dessa. Eu sei que Deus não está aqui. Não nos conte essas histórias. Vou apenas me deitar e fazer o possível para dormir”.¹⁸³ Assim, a preocupação que se impõe é descansar nos momentos cedidos pelo senhor, o quanto fosse possível.

As crueldades feitas pelos senhores contra os escravos eram vistas com grande indignação por Stowe, a qual tentou passar diretamente para o leitor essa repulsa. Os fatos tornavam-se ainda mais fantásticos porque eram aceitos pela Lei do país e a igreja assistia sem exercer resistência significativa:

As cenas de sangue e crueldade revoltam-nos. Aquilo que o homem tem coragem de fazer, não tem coragem de ouvir. O que nossos irmãos cristãos têm que sofrer, não pode ser contado a nós, nem em nosso quarto em segredo, pois devasta nossa alma! E ainda assim, oh meu país! Essas coisas são feitas sob a sombra de vossas leis! Oh, Cristo! Vossa igreja os vê quase em silêncio!¹⁸⁴

Deste ponto, é possível compreender o posterior desdobramento da concepção de que os negros não eram considerados confiáveis para testemunhar suas causas ou de quem quer que fosse. Isto é, legalmente, não existia a possibilidade de um negro participar ativamente de atos jurídicos que envolvia seus interesses de forma direta. Esse elemento era mais um legitimador da diferenciação entre as raças, da conservação da posição inferior dos negros, desprovido de qualquer tipo de direito – até do de se defender. “George viu, de uma vez por todas, a força do desafio. Não havia uma pessoa branca no lugar; e, perante todos os tribunais sulistas, o testemunho de negros não significa nada. (...)”¹⁸⁵

182 "Well, I'll soon have *that* out of you. I have none o' yer bawling, praying, singing niggers on my place; so remember. Now, mind yourself," he said, (...) directed at Tom, "*I'm* your church now! You understand, -- you've got to be as *I* say." (idem, *ibidem*, p. 365)

183 "Lor, you an't gwine to make me believe dat ar! I know de Lord an't here," said the woman; "tan't no use talking, though. I's jest gwine to camp down, and sleep while I ken." (STOWE, *Op. Cit.*, p. 377).

184 Scenes of blood and cruelty are shocking to our ear and heart. What man has nerve to do, man has not nerve to hear. What brother-man and brother-Christian must suffer, cannot be told us, even in our secret chamber, it so harrows the soul! And yet, oh my country! these things are done under the shadow of thy laws! O, Christ! thy church sees them, almost in silence! (idem, *ibidem*, p. 444)

185 George saw, at once, the force of this defiance. There was not a white person on the place; and, in all southern courts, the testimony of colored blood is nothing. (...) (idem, *ibidem*, p. 451)

Stowe expressou, pelos lábios de George, a sua indignação com a falta de punição de Deus sobre os escravistas. George se perguntava se a vontade divina estava do lado dos brancos, convencendo-se de que ao menos o poder divino estivesse. Isso justificaria os brancos serem tão ricos, saudáveis e felizes e tudo ser do jeito deles.¹⁸⁶ Tal responsabilidade da ocorrência desse tipo de fenômeno também foi colocada em Deus em sua coluna no jornal *Independent*, segundo Hamand “Stowe pediu a seus leitores para não se desesperarem. Ela implorou aos americanos para se unirem em reuniões religiosas por todo os Estados Unidos e orar para que Abraham Lincoln pudesse libertar os escravos”.¹⁸⁷

Essa solicitação de Stowe aos seus leitores é algo esperado de uma professora de moral fortemente religiosa, que possuía irmãos, pai e marido envolvidos no movimento religioso oitocentista. Tal pedido auxilia na construção do princípio otimista do livre-arbítrio e o Perfeccionismo cristão (temas explorados no capítulo 1), fortalecendo aquelas idéias divulgadas pelo movimento chamado Segundo Grande Despertar ou Grande *Revival*, concedendo destaque à noção de que a reforma só dependia da perfeição moral do indivíduo. Todos esses novos valores nortistas reforçavam a causa abolicionista, misturando o entusiasmo religioso e a obrigação da reforma moral, e dialogando com a obra de Stowe.¹⁸⁸

IV. e) O tráfico de escravos: uma questão econômica, religiosa ou social?

Percebe-se que os fatores que envolviam a escravidão estavam diretamente relacionados a uma questão de humanidade. A humanidade, para a autora, estava fortemente estruturada sobre a idéia de envolvimento sensível entre os homens, pautado pelos princípios

186 "Is God on their side?" said George, speaking less to his wife than pouring out his own bitter thoughts. "Does he see all they do? Why does he let such things happen? And they tell us that the Bible is on their side; certainly all the power is. They are rich, and healthy, and happy; they are members of churches, expecting to go to heaven; and they get along so easy in the world, and have it all their own way; and poor, honest, faithful Christians, -- Christians as good or better than they, -- are lying in the very dust under their feet. They buy em and sell 'em, and make trade of their heart's blood, and groans and tears, -- and God lets them." (idem, *ibidem*, p. 209-210).

187 "(...) Stowe urged her readers not to despair. She implored Americans to unite in religious gatherings all across the United States and to pray that Abraham Lincoln might free the slaves." (Independent, 31 July, 7 and 28 August, 4 September 1862. *Apud.* HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988). IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acesso em: 10/11/2010, p. 13).

188SELLERS, Op. Cit., p 154.

de apreço às implicações de suas ações sobre os indivíduos, de respeito às instituições sagradas, como a família e o matrimônio.

A venda de membros de uma família – e o tráfico de escravos em geral – ameaçava a instituição da família e do casamento, logo, para Stowe, era uma questão de humanidade, assim, aquele que era capaz de realizá-lo tornava-se desumano. Porém, destacou que, em seu período, havia formas distintas de apreensão dessa concepção. Tanto os personagens que seguiam as normas morais e religiosas valorizados pela autora, até aqueles que eram opostos por excelência, acreditavam estar dentro dos padrões de humanidade. Contudo, esses padrões se diferiam. Os que se enquadravam na segunda comporiam um quadro “extraordinário”, no sentido de “estranho” ou “esquisito”, que beirava o cômico. Seria como se a instituição escravista desordenasse a lógica “correta” das coisas fundamentais – o que balizava o que era humano e o que não o era – e permitisse interpretações pelo avesso: o que só poderia ser cômico.

– Eu preferiria ficar com ele – replicou, meditativo, o Sr. Shelby. O fato meu caro, é que sou humano e não gostaria de arrancar uma criança dos braços da mãe, senhor.
– Ah, sim? Bem, eu compreendo. Compreendo perfeitamente. É muito desagradável, às vezes, lidar com mulheres. Sempre detestei as gritarias e as choradeiras delas. São muito desagradáveis (...)¹⁸⁹

A autora afirmou a respeito da escravidão: enquanto o escravo estiver sujeito ao risco de uma ruptura com o bom amo, caindo em uma vida de “miséria” e “trabalhos”, “será impossível edificar o que quer que seja de belo ou de desejável na mais perfeita das organizações de escravatura”. Então, ficou a questão: se não houvesse esse risco de maus senhores, há algo de belo e desejável na escravidão, que seja digno de contemplação? Desta forma, a solução do problema se tornou algo da ordem legislativa:

(...) Enquanto a lei considerar todas essas criaturas humanas, que possuem coração batendo e sentimentos, como simples *coisas* pertencentes a um senhor – enquanto a falência, a desgraça, a imprudência ou a morte do mais benévolo dos amos puder obrigá-los a trocar uma vida de proteção e indulgência por outra de miséria e trabalhos – será impossível edificar o que quer que seja de belo ou de desejável na mais perfeita das organizações de escravatura.¹⁹⁰

III.e) Liberdade

189 "I would rather not sell him," said Mr. Shelby, thoughtfully; "the fact is, sir, I'm a humane man, and I hate to take the boy from his mother, sir." "O, you do? -- La! yes -- something of that ar natur. I understand, perfectly. It is mighty onpleasant getting on with women, sometimes, I al'ays hates these yer screechin,' screamin' times. They are *mighty* onpleasant (...)." (STOWE, Op. Cit., p. 13)

190 So long as the law considers all these human beings, with beating hearts and living affections, only as so many *things* belonging to a master, -- so long as the failure, or misfortune, or imprudence, or death of the kindest owner, may cause them any day to exchange a life of kind protection and indulgence for one of hopeless misery and toil, -- so long it is impossible to make anything beautiful or desirable in the best regulated administration of slavery. (idem, *ibidem*, p. 17)

A questão da liberdade apareceu na obra de formas distintas: 1) fosse como a quebra da promessa de liberdade; 2) fosse no interesse de um branco que não era legalmente dono concedê-la a um negro cativo; 3) fosse no levantamento de hipóteses da autora de o que fazer caso fossem todos libertados; 4) ou ainda, pela perspectiva dos negros e sua relação com a própria identidade.

A questão da liberdade ou da concessão de alforria permeou o romance, tornando-se cada vez mais complexa. Os donos de Tom já haviam prometido-lhe a liberdade mais de uma vez, mas, ainda assim, em um momento de desespero, isso foi desfeito pelo senhor. Endividado com um traficante de escravos de Natchez, o senhor concedeu Tom como pagamento. Assim, a decisão da liberdade passou do âmbito familiar (de acordo entre senhor, senhora e escravo) e se tornou individual (somente do senhor), e, ainda, sujeita ao acaso da economia. Mesmo que Sr. Shelby fosse um senhor bom, que respeitava e oferecia considerável espaço de autonomia ao seu cativo, ele se sentiu encurralado pelas circunstâncias e forçado a vender o cativo, algo que todos faziam todos os dias (*doing what every one does every day*). Para a esposa, essa atitude do marido causaria distorções em seu caráter, uma vez que o senhor se mostraria capaz de fazer coisas que ela até então não acreditava. Mas, justamente por ser algo corriqueiro, na visão do senhor, isso não romperia com sua humanidade, não se veria como um monstro e não achava justo que o vissem de tal forma.

“O que! Nosso Tom? – aquela criatura boa e fiel – tem sido seu servo mais fiel desde criança! Oh, Sr. Shelby! – e você prometeu a ele a liberdade, também, -- você e eu dissemos a ele umas cem vezes. Então, eu posso acreditar em qualquer coisa agora, -- eu consigo acreditar *agora* que você poderia vender o pequeno Harry, o único filho da pobre Eliza!” disse a Sra. Shelby, num tom entre pesar e indignação.

“Bem, já que você precisa saber de tudo, é isso. Eu concordei em vender Tom e Harry; e eu não sei por que eu sou odiado, como se eu fosse um monstro, por fazer o que todos fazem todos os dias.”

“Mas porque, de todos os outros, escolheu esses?” disse a Sra. Shelby. “Por que vender eles, de todos da casa, se você tinha que vender afinal?”¹⁹¹

191 "What! our Tom? -- that good, faithful creature -- been your faithful servant from a boy! O, Mr. Shelby! -- and you have promised him his freedom, too, -- you and I have spoken to him a hundred times of it. Well, I can believe anything now, -- I can believe *now* that you could sell little Harry, poor Eliza's only child!" said Mrs. Shelby, in a tone between grief and indignation. "Well, since you must know all, it is so. I have agreed to sell Tom and Harry both; and I don't know why I am to be rated, as if I were a monster, for doing what every one does every day."

"But why, of all others, choose these?" said Mrs. Shelby. "Why sell them, of all on the place, if you must sell at all?" (idem, *ibidem*, p. 42)

Esse trecho do romance deixa-nos perceber dois elementos: as quebras que a escravidão proporcionava nas promessas dos senhores, através da invalidação da palavra; e a aproximação dos atos dos homens com a monstruosidade, em casos como a venda dos cativos. Ainda notamos o aspecto religioso de Stowe, em que a sacralidade da instituição da família é um quesito importantíssimo do cotidiano a ser respeitado, e ainda mais, um requisito da condição de humanidade. Sendo que além da separação de Tom de sua família, Sr. Shelby também estava separando o filho único de sua mãe, que já perdera um filho antes.

Interessante notar também que se tratava de uma relação de retribuição, onde o escravo, ao ser fiel por toda a sua vida, merecia a liberdade, como uma conquista. E o senhor romperia com essa relação no momento em que desconsiderava o passado para evitar a desgraça (que parecia destinada no caso de não oferecer os cativos como pagamento de suas dívidas). É um elemento que impunha ao senhor considerar o escravo como posse ou como ser humano, provido de sentimentos e de laços de amizade. Mas, se o senhor conseguia vender um bom e fiel escravo como Tom, e romper com os requisitos que o caracteriza como “bom senhor”, ele seria capaz de qualquer coisa. Assim, tornava-se compreensível que o mesmo homem que vendera tão fiel escravo (que tinha prometida a liberdade) fosse capaz de vender o pequeno cativo, filho único da pobre mulher.

Stowe afirmava que a Sra. Ophelia pediu a Augustine a posse legal de Topsy (escrava) a fim de levá-la para os “estados livres”, tendo como única intenção salvar a escrava dos danos causados pelos acasos da escravidão. O que a autora acabava por afirmar era que um branco era capaz, se quisesse e tivesse força de vontade, de salvar uma vida, incapaz de se salvar sozinha. Enfim, era mais uma chamada clara aos brancos dos EUA a cuidarem dos – ou tutelarem os – negros, na mesma noção da agencia dos homens do movimento do Segundo Grande Despertar.

“Oh, não faz nenhum sentido! Eu quero que ela seja minha, que eu tenha o direito de levá-la para os estados livres, e dar a ela a liberdade, para que tudo que eu estou tentando fazer não seja desfeito.” (...)

“Eu não quero que você brinque, mas seja racional,” disse a Srta Ophelia. “Não houve intenção minha de transformá-la numa criança cristã, a não ser salvá-la de todas as chances de reveses

da escravidão; e, se você realmente está disposto que eu devo tê-la, eu quero que você me dê a escritura de presente, ou algum papel legal.”¹⁹²

A pergunta “o que fazer com os negros se ocorresse a abolição?” se impunha em todos os ambientes nos Estados Unidos oitocentista. Stowe não se desvencilhou da causa e tentou oferecer respostas. Uma delas envolvia a decisão de um senhor (George Shelby, filho do Sr. e Sra. Shelby) de conceder a liberdade aos seus escravos e o futuro que os próprios cativos escolheram para eles. O senhor afirmou:

“Meus bons amigos” disse-lhes então George, assim que conseguiu silêncio, “não necessidade que vocês me deixem. Esse lugar precisa de tantas mãos quanto precisava antes. Nós precisamos do mesmo que precisávamos na casa antes. Mas, agora vocês são homens e mulheres livres. Eu pagarei salários para vocês trabalharem, como nós ajustarmos. E caso eu me endivide ou morra, -- coisas que podem acontecer, -- agora vocês não serão separados ou vendidos. Eu espero continuar assim, e ensiná-los, talvez, leve algum tempo para aprender, -- como usar os direitos que eu lhes dou como homens e mulheres livres. Eu espero que vocês sejam bons, e dispostos a aprender; e eu acredito em Deus que eu serei leal, e disposto a ensinar. E agora, meus amigos, olhem para cima, e agradeçam a Deus pela benção da liberdade”.¹⁹³

Percebemos na proposta de George a mesma alternativa proposta pelo Relatório Anual da Sociedade Contra a Escravidão da Nova Inglaterra, em 1833: o fim da escravidão de modo imediato, mas com os negros permanecendo nas fazendas, sob pagamento de salários, sendo o trabalho dos negros no Sul inestimável para aquela economia.¹⁹⁴ E mais, George propunha

192 "O, nonsense! I want her mine, that I may have a right to take her to the free States, and give her her liberty, that all I am trying to do be not undone." (...) "I don't want you to joke, but to reason," said Miss Ophelia. "There is no use in my trying to make this child a Christian child, unless I save her from all the chances and reverses of slavery; and, if you really are willing I should have her, I want you to give me a deed of gift, or some legal paper." (idem, *ibidem*, p. 334-335)

193 "My good friends," said George, as soon as he could get a silence, "there'll be no need for you to leave me. The place wants as many hands to work it as it did before. We need the same about the house that we did before. But, you are now free men and free women. I shall pay you wages for your work, such as we shall agree on. The advantage is, that in case of my getting in debt, or dying, -- things that might happen, -- you cannot now be taken up and sold. I expect to carry on the estate, and to teach you what, perhaps, it will take you some time to learn, -- how to use the rights I give you as free men and women. I expect you to be good, and willing to learn; and I trust in God that I shall be faithful, and willing to teach. And now, my friends, look up, and thank God for the blessing of freedom." (idem, *ibidem*, p. 470)

194 "Extracts from the Annual Report", in *The Abolitionist*, vol. 1, no. 2 (fevereiro 1833): 20-22. Apud: AZEVEDO, Op. Cit., p. 187.

que ele mesmo seria o responsável por instruir os negros a usar os direitos que *ele* os concedia enquanto homens livres. Mas o que ele considerava como os direitos de *homens e mulheres livres* não foi explorado. Pois o que importava era menos quais seriam os direitos deles, e mais a segurança de não serem vendidos (a sacralidade da instituição da família), porque, afinal, eles seriam tutelados por George, que seria leal e disposto a ensinar-lhes o que eles deviam saber. Logo, o que se percebe é uma imensa confiança na bondade dos homens brancos e comprometimento desses em fazer o melhor aos negros. Assim, continuariam sujeitos ao bom senso do senhor e ao que ele selecionava como o que deveria ensiná-los.

A outra forma que apontava para o destino dos escravos pode ser vista a partir da história do personagem George, que conseguiu fugir da escravidão e se mudar para a França. A escritora adicionou uma carta do negro, a qual ele teria enviado para um de seus amigos, com os planos que colocava a si mesmo. Com essa estratégia Stowe propôs que os leitores avaliassem os sentimentos cristãos e as opiniões do escravo. Na carta, George declarava que não se identificava com a América e sequer desejava voltar, demonstrava que tinha um lugar que se aproximava mais de sua identidade: a África. O personagem negava o sangue anglo-saxão, proveniente de seu pai, e vislumbrava um destino maior: levar o cristianismo para a África:

“Para mim, eu confesso, eu sou fraco para isso, -- metade do sangue que corre nas minhas veias é o quente e apressado saxão; mas eu tenho o eloqüente pregador do Evangelho do meu lado, na pessoa da minha linda mulher. Quando eu me perder, seu gentil espírito irá sempre me restabelecer, manter na frente dos meus olhos o chamado e a missão cristã da nossa raça. Como um patriota cristão, como um professor do cristianismo, eu vou para o *meu país*, -- minha escolha, minha gloriosa África!—e para ela, em meu coração, eu, às vezes, empregarei essas palavras esplendidas da profecia: “Foste abandonado e abominado de tal sorte que nenhum homem foi até ti; *eu* te darei uma superioridade, que será a alegria de muitas gerações!” Você me chamará de entusiasta: você me dirá que eu não refleti bem as conseqüências das minhas atividades. Mas eu tenho que considerar, e estou certo de que sofrerei as conseqüências. Eu vou para a *Libéria*, não como um Elísio do romance, mas como um *campo livre para cultivo*. Eu espero trabalhar com as duas mãos, -- trabalhar *duro*; trabalhar contra todo tipo de dificuldades e desencorajamentos; e trabalhar até eu morrer. É para isso que eu vou; e para isso eu estou certo de que não irei me desapontar.¹⁹⁵

195 "In myself, I confess, I am feeble for this, -- full half the blood in my veins is the hot and hasty Saxon; but I have an eloquent preacher of the Gospel ever by my side, in the person of my beautiful wife. When I wander, her gentler spirit ever restores me, and keeps before my eyes the Christian calling and mission of our race. As a Christian patriot, as a teacher of Christianity, I go to *my country*, -- my chosen, my glorious Africa! -- and to her, in my heart, I sometimes apply those splendid words of prophecy: 'Whereas thou hast been forsaken and hated, so that no man went through thee; *I* will make thee an eternal excellence, a joy of many generations!' "You will call me an enthusiast: you will tell me that I have not well considered what I am undertaking. But I have considered, and counted the cost. I go to *Liberia*, not as an Elysium of romance, but as to *a field of work*. I expect to work with both hands, -- to work *hard*; to work against all sorts of difficulties and discouragements; and to work till I die. This is what I go for; and in this I am quite sure I shall not be disappointed. (Idem, *ibidem*, p. 466).

Mais que isso, George demonstrava que sua ligação era mais forte com o lado de sua mãe (proveniente de africanos, e escrava) do que com seu pai, que o tratava como um animal. Ele sabia que teria facilidades em se passar por branco (possível pela pele clara que ele e sua família possuíam), mas que ainda assim, não tinha tal intenção. E, dessa forma, ele criou uma imagem bela do africano sobre a imagem cruel do branco, enquanto essência:

"Eu me sinto um pouco em uma perda, para com o meu futuro. Na verdade, como você disse, eu poderia me misturar nos círculos dos brancos, neste país, meu tom de cor é tão pequeno, e o de minha esposa e família tão escassamente perceptíveis. Bem, talvez, em sofrimento, eu poderia. Mas, para dizer a verdade, eu não quero. "Minha simpatia não é com a raça de meu pai, mas para de minha mãe. Para ele, eu não era mais que um belo cão ou cavalo: para o pobre coração partido de minha mãe eu era uma criança, e, embora nunca a vi, depois da venda cruel que nos separou, até que ela morreu, mas eu sei que ela sempre me amou muito. eu sei que pelo meu próprio coração. Quando penso em tudo o que ela sofreu, dos meus próprios sofrimentos precoces, das angústias e lutas de minha esposa heróica, da minha irmã, vendidos no mercado de escravos de New Orleans, - que eu espero não ter sentimentos não cristãos, mas eu posso ser desculpado por dizer, não tenho nenhum desejo de passar por um americano, ou para me identificar com eles."¹⁹⁶

George se encontrava na França, mas demonstra que não era seu desejo permanecer lá e, pelos motivos explorados acima, não era de voltar para os Estados Unidos. Depois, apontou que o Haiti também não seria uma boa idéia, pelo fato de que não ofereceria os elementos necessários: considerava que a raça que formou o caráter daquela população era corrompida, e demoraria muito tempo para que se adentrasse nos padrões que ele tinha em mente.¹⁹⁷ Seu destino seria as costas da África, que acabavam de começar a ser reconhecido pela França e Inglaterra, e para onde levaria o cristianismo e, conseqüentemente, a civilização.

Assim, o romance sugeria que os negros libertos deveriam voltar para a África para realizar uma espécie de projeto de civilização cristã, uma causa nobre, de coragem e de

196 "I feel somewhat at a loss, as to my future course. True, as you have said to me, I might mingle in the circles of the whites, in this country, my shade of color is so slight, and that of my wife and family scarce perceptible. Well, perhaps, on sufferance, I might. But, to tell you the truth, I have no wish to. "My sympathies are not for my father's race, but for my mother's. To him I was no more than a fine dog or horse: to my poor heart-broken mother I was a *child*; and, though I never saw her, after the cruel sale that separated us, till she died, yet I *know* she always loved me dearly. I know it by my own heart. When I think of all she suffered, of my own early sufferings, of the distresses and struggles of my heroic wife, of my sister, sold in the New Orleans slave-market, -- though I hope to have no unchristian sentiments, yet I may be excused for saying, I have no wish to pass for an American, or to identify myself with them." (Idem, *ibidem*, p. 463).

197 Not in Hayti; for in Hayti they had nothing to start with. A stream cannot rise above its fountain. The race that formed the character of the Haytiens was a worn-out, effeminate one; and, of course, the subject race will be centuries in rising to anything.
Referência.

responsabilidade. Pois eles deveriam levar para os africanos o que os americanos lhes ensinaram: o cristianismo. A África seria, para a autora, um lugar belo, mas que seu povo não teria ainda atingido os níveis culturais que suas potencialidades apontavam, no sentido de que no futuro poder-se-ia desenvolver uma raça culta e elevada, onde poder-se-ia desenvolver uma das mais perfeitas formas da vida cristã.¹⁹⁸

A escritora recorreu a uma imagem bela do continente, como se nesse lugar de tamanha fertilidade estivesse a potencialidade do desenvolvimento dos frutos da civilização, das artes, do cristianismo, e o negro poderia mostrar toda a sua glória e magnificência, abafadas pela sua condição na América. Segundo Le Beaus, essa idéia foi recebida pelos representantes negros da Sociedade Americana e Estrangeira Antiescravista como uma agressão e condenaram o romance por considerar essa alternativa como uma solução ao problema da emancipação.¹⁹⁹

Essa proposta de Stowe não tinha nada de original. Devemos ressaltar que, segundo Franklin e Moss, já em 1714 um americano, possivelmente residente de Nova Jersey, havia sugerido o envio dos negros de volta a África. Até 1830, a Sociedade Norte-Americana de Colonização havia assentado 1420 negros na colônia na Libéria²⁰⁰, mas essa associação se dissolveu na década de 1850²⁰¹. Enfim, Stowe vinha tentando solidificar uma idéia que se desmanchava e, ao mesmo tempo, uma que foi concretizada.

198 If ever Africa shall show an elevated and cultivated race, -- and come it must, some time, her turn to figure in the great drama of human improvement. -- life will awake there with a gorgeousness and splendor of which our cold western tribes faintly have conceived. In that far-off mystic land of gold, and gems, and spices, and waving palms, and wondrous flowers, and miraculous fertility, will awake new forms of art, new styles of splendor; and the negro race, no longer despised and trodden down, will, perhaps, show forth some of the latest and most magnificent revelations of human life. Certainly they will, in their gentleness, their lowly docility of heart, their aptitude to repose on a superior mind and rest on a higher power, their childlike simplicity of affection, and facility of forgiveness. In all these they will exhibit the highest form of the peculiarly *Christian life*, and, perhaps, as God chasteneth whom he loveth, he hath chosen poor Africa in the furnace of affliction, to make her the highest and noblest in that kingdom which he will set up, when every other kingdom has been tried, and failed; for the first shall be last, and the last first. (idem, ibidem, p. 197-198)

199 LE BEAUS, Bryan F. Review: She told the story, and the whole Word wept. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 38, No. 4, 1986. Acessado em: 03/02/2011, p. 671.

200 FRANKLIN & MOSS, Op. Cit., p. p. 173.

201 Idem, ibidem, p. 173-174.

Capítulo V CONCLUSÃO

No século XIX e início do XX, *A Cabana do Pai Tomás* foi considerado um texto revolucionário, responsável por mudar a visão dos leitores no sentido de rever o papel dos negros na sociedade e aproximá-los dos brancos. Porém, depois da década de 1960, segundo Malheiros, o romance sofreu uma releitura, realizada pelos dirigentes do movimento pelos direitos cívicos e pela emancipação dos negros americanos: interpretando a obra como racista e legitimadora da submissão dos negros. Assim, percebe-se que *Uncle Tom's Cabin* teve uma história que sofreu uma significação totalmente ao avesso da sua primeira.

Malheiros atribui essa ressignificação ao Pai Tomás/ Tio Tom, ao fato dele ser apresentado mais como um mártir extremamente pacífico e obediente do que como um líder rebelde. Tom não guarda mágoas sequer de ser castigado violentamente em situações forjadas. Sendo que movimento negro estava em busca de um líder revoltado com a situação de submissão, que não aceitasse as injustiças e as admoestações dos brancos.²⁰²

Devemos lembrar que a sociedade norte-americana oitocentista era racista e puritana, a representação dos negros e brancos fazia parte daquele ambiente, assim como se apresentava como uma questão para os dirigentes do movimento pelos direitos cívicos e pela emancipação dos negros americanos, nos anos de 1960. Harriet Stowe chamava atenção para as semelhanças entre brancos e negros no sentido religioso e contra a escravidão, mas, como bem disse Donald K. Pickens²⁰³, o romance de Stowe é racista, suas concepções estavam imbricadas do pensamento recorrente, mas sentimentos anti-escravistas e anti-negro juntos não era infrequente na América antes da Guerra de Secessão.²⁰⁴

Ao mesmo tempo em que os negros são representados de modo a ter alma, sentimentos e afetos, ou seja, são apresentados como seres humanos – o que se encaixa bastante no ideal puritano e anti-escravista – isso não fazia deles seres iguais aos brancos. Pelo contrário, seriam seres inferiores, que precisariam dos cuidados e educação que só

202 MALHEIROS, José Victor. *O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe*. In: Coleção Geração: Livros que ajudam a crescer. 2005. IN: <http://static.publico.clix.pt/sites/colecaojuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acessado em: 30-04-2010, s/ página.

203 PICKENS, Donald K.. Uncle Tom Becomes Nat Turner: A Commentary on Two American Heroes. In: *Negro American Literature Forum*. Published by: St. Louis University. Vol. 3, No. 2 (Summer, 1969), pp. 45-48. IN: <http://www.jstor.org/stable/3041380>. Acessado: 10/11/2010.

204 Idem, ibidem, p. 46.

brancos (bons) poderiam oferecer. Na narrativa de Stowe é perceptível esse sentimento de paternalismo e a obrigação dos brancos oferecerem a instrução necessária aos negros, principalmente referente à religião cristã. Desse modo, os negros estariam aptos a levar uma “civilização cristã” para a África, logo que fosse declarada a emancipação geral – o que respondia a questão: o que fazer com os negros depois de libertos?

Assim, autora escreve cruzando um anti-escravismo brando e de proteção ao “bom negro”, a condenação moral do “mau branco” e a abolicionismo, com a súplica aos Estados do Norte, do Sul e à igreja que percebam as injustiças e o crime que cometem contra os negros. O apelo ao julgamento final previsto em Bíblia e a ênfase na situação de barbarismo – pela violência e brutalidade contra os escravos – são os argumentos mais fortes de Stowe, que se volta para os sentimentos maternos (quanto a separação de família pelo tráfico de escravos) e para a solidariedade entre os homens (com as fortes cenas de sangue). Sendo o seu último parágrafo da obra:

Ainda nos é concedido um dia de arrependimento. Tanto Norte quanto Sul foram culpados perante Deus; e a *Igreja Cristã* tem uma pesada conta a responder. Não unindo-se para proteger contra a injustiça e a crueldade; mas fazendo um capital comum de pecado, é essa União que deve ser salva, -- mas por arrependimento, justiça e misericórdia; Por assegurar a eterna lei da qual a pedra cai no fundo do oceano, sobre aquela lei que é mais forte, pela qual injustiça e crueldade vem trazer às nações a ira do Deus Todo Poderoso!²⁰⁵

Além desses argumentos, podemos perceber que a autora mobilizou grande conhecimento histórico, de seu país e do mundo²⁰⁶, com frases de governantes, filósofos, teólogos, além de citar gramáticas, atlas, comparar acontecimentos do país com outros do mundo etc. Essas abordagens permitiram a Stowe construir uma narrativa que impõe a reflexão e, com isso não resta dúvida que seu romance auxiliou na formação da opinião pública no século XIX, como reconhecem os historiadores, segundo Wendy F. Hamand.²⁰⁷ E, conforme Jo-Ann Morgan, além da obra da escritora ter contribuído para a transformação da

205 A day of grace is yet held out to us. Both North and South have been guilty before God; and the *Christian church* has a heavy account to answer. Not by combining together, to protect injustice and cruelty, and making a common capital of sin, is this Union to be saved, -- but by repentance, justice and mercy; for, not surer is the eternal law by which the millstone sinks in the ocean, than that stronger law, by which injustice and cruelty shall bring on nations the wrath of Almighty God! ([STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: a tale of life among the lowly*. London: George Routledge & CO., 1852, p. 480](#))

206 Stowe cita Hence Moore, Byron, Goethe. Shakespeare, William Cullen Bryant. Cita inúmeros pastores, como John Philpot Curran (1750-1817, Irish orator and judge who worked for Catholic emancipation).

representação da escravidão, também foi importante para alterar as representações das mulheres africanas durante o período da abolição, sendo que antes elas somente apareciam com brancos e filhos de brancos, e depois, começaram a aparecer com seus próprios filhos.²⁰⁸ Para conseguir alterar a visão dos negros e do Sul para os leitores da obra, Stowe tinha que traduzir aquele mundo ao mesmo tempo em que desconstruísse a representação de normalidade da escravidão. Para esse fim, percebe-se que os personagens (brancos e negros) são construídos no texto a partir de uma estrutura de comparação de um com outro – seja de negros com brancos, de brancos com brancos, ou de negros com negros. Na mesma estrutura narrativa da comparação, são construídos os lugares: Norte e Sul; as casas dos senhores entre si; as casas dos escravos entre si. Essa estratégia discursiva é utilizada também na construção dos costumes, da legislação, e até mesmo da religião.

Desta forma podemos desfrutar da chave interpretativa de François Hartog, o qual considera a comparação uma forma de enunciação que traduz o desconhecido para o conhecido. Essa forma de narrar o outro tem como pretensão fazer com que o leitor compreenda o estranho, que é conhecido somente pelo escritor. *Com efeito, ela é uma maneira de reunir o mundo que se conta e o mundo em que se conta, passando de um ao outro.*²⁰⁹ Desta forma é possível que o mundo de além se torne compreensível no de aquém. Como se percebe na escrita de Stowe, as coisas que se parecem distintas podem ser mais bem visualizadas se forem aproximadas, até mesmo para se balizar até que ponto são diferentes. Nesse sentido, negros e brancos foram comparados e distanciados, partindo do conhecido no norte, como saber compartilhado, para se compreender o Sul, ambiente estranho. Nesse sentido, Stowe utiliza a ficção para transportar o leitor (fora do meio escravista para o estilo de vida que a escravidão engendrava). Ela acreditava que, segundo diz no prefácio, o romance “acordaria simpatia e sentimentos pela raça africana, como se eles vivessem entre eles; mostraria seis erros e arrependimentos, sobre um sistema tão cruel e injusto”²¹⁰

207 HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988). IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010, p. 03.

208 MORGAN, Jo-Ann. Mammy the Huckster: Sellign the old South for the New Century. *American Art*. Published by: The University of Chicago Press on behalf of the Smithsonian American Art Museum. Vol. 9, No. 1 (Spring, 1995), pp. 86-109. IN: <http://www.jstor.org/stable/3109197>. Acessado em: 10/11/2010, p. 92

209 HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 240.

Assim, segundo o último capítulo da obra (Observações finais ou *Concluding Remarks*), é a sua defesa de que todos os personagens possuem referência na realidade, sendo absolutamente autênticos. Portanto, ela busca mudar as concepções do autor sobre os negros e a escravidão através da narrativa fluida de um romance, e por isso, permeado de ficção, mas para garantir que haja impacto sobre o leitor ela expõe a realidade dos fatos. A idéia é que *o destinatário veja como se estivesse lá, mas dando a ver outra coisa*.

Assim, a autora garante que os fatos narrados são todos confiáveis e os que não foram por ela vistos foram por “pessoas de particular amizade”, como a garantia da verdade do ocorrido e a garantia física e escrita da existência como o ocorrido “na realidade”. A escritora afirma, por ela ou por próximos, ter visto, tocado, ouvido, testemunhado, conhecido os eventos narrados.²¹¹ O que percebemos é que Stowe acredita que *não existe distancia entre dizer e ver: ver e dizer, visível e dizível comunicam-se plenamente ou sobretudo não são constituídos em duas esferas separadas*.²¹² É uma obra em que se mistura História, jornalismo e ficção, com direito à moral da história.

Outra estratégia de Stowe para trazer o Sul para o leitor, ou de levar o leitor para o Sul, é o uso da descrição, para lugares, pessoas e sentimentos, o que causa a sensação de estar vivência dos fatos contados. Essa forma discursiva está diretamente relacionada com sua proposta de levar ao leitor *ao natural* os relatos, os espaços e os agentes, conhecidos em suas viagens e nas de seus próximos. Segundo Hartog, *Descrever é ver e fazer ver: é dizer o que você viu, tudo o que viu e nada mais do que viu. Mas se você não pode dizer senão o que viu, não pode ver senão o que é dito (...)*²¹³. Hartog ressalta que a descrição dá movimento²¹⁴ e é exatamente a impressão causada naquele que lê, parecendo que todo o cenário se move, tem cheiro, cor, forma, profundidade,

210 STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin*, 1852, p. xiii-xiv.

211 Expressões como: fomos testemunhas presenciais, foram comunicados por pessoas de particular amizade, retrato vivo, conhecemos mais de um modelo, talvez pareçam, presenciamos, um fato muito conhecido, narradas à autora por um irmão seu, visitou, apalpar-lhes os pulsos, testemunhas oculares.

212 HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999, p. 264.

213 Idem, *ibidem*, p. 261.

214 Idem, *ibidem*, p. 262.

agencia, naturalidade. A descrição passa a ser *saber e fazer saber*²¹⁵, uma vez que a autora diz que sua obra deve ser instrutiva, deve levar aos leitores o que acontece nos remotos espaços do Sul e até mesmo evidencia os desvios dos nortistas.

215 Idem, *ibidem*, p. 263.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES IMPRESSAS

Livros

STOWE, Harriet Beecher. *Uncle Tom's Cabin: a tale of life among the lowly*. London: George Routledge & CO., 1852.

_____. *Life of Harriet Beecher Stowe*. Compiled From Her Letters and Journals by Her Son Charles Edward Stowe. Boston and New York: The Riverside Press, 1890.

_____. *A key to Uncle Tom's cabin*. Boston: Publish by John P. Jewett & CO. Cleveland, Ohio: Jewett, Proctor & Worthington. London: Low and Company, 1853.

_____. *A Reply to "The Affectionate and Christian Adress of Many Thousands of Women of Great Britain and Ireland, to Their Sisters, the Women of the United States of America"*. London: Sampson Low, Son, and Co., 1863.

The Oxford Harriet Beecher Stowe reader. New York: Oxford University Press, 1999.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil: uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. "A nova história intelectual de Dominick LaCapra e a noção de raça". In: Rago, Margareth & Gimenes, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: Uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BLACKBURN, Robin. *A queda do escravismo colonial: 1776-1848*. Rio de Janeiro: Record, 2002

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. IN: BOSI, Alfredo. *Gêneros de Fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Centro Ángel Rama, 1993.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. : Estudos avançados. 1991, vol.5, n.11, pp.173-191. IN: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acessado em: 20-12-2010.

DE CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, J e NORA, P. *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

EACKER, Susan A. Gender in Paradise: Harriet Beecher Stowe and postbellum prose on Florida. In: *The Journal of Southern History*. Published by: Southern Historical Association, Vol. 64, No. 3 (Aug., 1998), pp. 495-512.. IN: <http://www.jstor.org/stable/2587792> . Acessado em: 03/02/2011.

EMERY, E. *História da Imprensa nos Estados Unidos: Uma interpretação da história do jornalismo*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FONER, Eric. *Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: CNPq, 1988.

FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. Jr. *Da Escravidão à Liberdade: A História do Negro Americano*. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda., 1989.

GENOVESE, Eugene D. *O Mundo dos Senhores de Escravos: dois ensaios de interpretação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da Escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

GRAHAM, Thomas. Harriet Beecher Stowe and the Question of Race. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 46, No. 4 (Dec., 1973), pp. 614-622. IN: <http://www.jstor.org/stable/364818>. Acessado em: 03/02/2011.

HAMAND, Wendy F. "No Voice from England": Mrs. Stowe, Mr. Lincoln, and the British in the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 61, No. 1 (Mar., 1988).IN: <http://www.jstor.org/stable/365218>. Acessado em: 10/11/2010.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HOVET, Theodore R.. Christian Revolution: Harriet Beecher Stowe's Response to Slavery and the Civil War. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 47, No. 4 (Dec., 1974), IN: <http://www.jstor.org/stable/364449>. Acessado em: 03/02/2011.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam de & MORAIS, Marcus Vinícius. *Estados Unidos; a formação da nação*. São Paulo: Contexto, 2007.

KLEINBERG, S. J.. *Women in the United States, 1830-1945*. Ed. Rutgers University Press, 1999.

LE BEAUS, Bryan F. Review: She told the story, and the whole Word wept. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 38, No. 4, 1986. Acessado em: 03/02/2011.

LEBEDUN, Jean. Harriet Beecher Stowe's Interest in Sojourner Truth, Black Feminist. In: *American Literature*. Published by: Duke University Press. Vol. 46, No. 3 (Nov., 1974), pp. 359-363. IN: <http://www.jstor.org/stable/2924416>. Acessado em: 10/11/2010.

MALHEIROS, José Victor. *O livro que levou ao fim da escravatura americana, de Harriet Beecher Stowe*. In: Coleção Geração: Livros que ajudam a crescer. 2005. IN: <http://static.publico.clix.pt/sites/colecaojuvenil/livros/33.cabanapaitomas/texto3.htm>. Acessado em: 30-04-2010.

MARQUESE, Rafael. *Feitores do corpo, Missionários da Mente: Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660- 1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MATHEWS, Donald G.. The Methodist Mission to the Slaves, 1829-1844. In: *The Journal of American History*. Published by: Organization of American Historians. Vol. 51, No. 4 (Mar., 1965). IN: <http://www.jstor.org/stable/1889804>. Acessado em: 11/02/2011.

MORGAN, Jo-Ann. Mammy the Huckster: Sellign the old South for the New Century. *American Art*. Published by: The University of Chicago Press on behalf of the Smithsonian American Art Museum. Vol. 9, No. 1 (Spring, 1995), pp. 86-109. IN: <http://www.jstor.org/stable/3109197>. Acessado em: 10/11/2010.

MURRAY, Alex L..Harriet Beecher Stowe on Racial Segregation in the Schools. In: *American Quarterly*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 12, No. 4 (Winter, 1960), pp. 518-519. IN: <http://www.jstor.org/stable/2710333>. Acessado em: 10/11/2010.

NABUCO, Carolina. *Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

O'LOUGHLIN, Jim. Articulating "Uncle Tom's Cabin". In: *New Literary History*. Published by: The Johns Hopkins University Press. Vol. 31, No. 3, Philosophical and Rhetorical Inquiries. 2000. pp. 573-597. IN: <http://www.jstor.org/stable/20057620>. Acessado em: 10/11/2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Debates, 2006. IN: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em:07-01-2011.

PICKENS, Donald K.. Uncle Tom Becomes Nat Turner: A Commentary on Two American Heroes. In: *Negro American Literature Forum*. Published by: St. Louis University. Vol. 3, No. 2 (Summer, 1969), pp. 45-48. IN: <http://www.jstor.org/stable/3041380>. Acessado: 10/11/2010.

ROANI, G. L.. *Espaços que a história tece na ficção de Saramago*. Letras (Santa Marie), v. 27. IN: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_10.pdf. Acessado em: 07-01-2011.

ROPPOLO, Joseph. Harriet Beecher Stowe and New Orleans: A study in hate. In: *The New England Quarterly*. Published by: The New England Quarterly, Inc. Vol. 30, No. 3 (Sep., 1957), pp. 346-362. IN: <http://www.jstor.org/stable/362991>. Acessado em: 10/11/2010.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARAMAGO, Jose. A história como ficção, a ficção como história. IN: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, n.27, p. 09-17, abril de 2000.

SELLERS, Charles. MAY, Henry. McMILLEN, Neil. *Uma Reavaliação da história dos Estados Unidos: De Colônia a Potência Imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Ana Paula Pruner de. BERLIN, Ira. *Gerações de cativo: uma história da escravidão nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro, Record, 2006. AEDOS, vol 2, nº 3, 2009.

SWEET, William W.. Methodist Church Influence in Southern Politics. In: *The Mississippi Valley Historical Review*. Published by: Organization of American Historians. Vol. 1, No. 4 (Mar., 1915). IN: <http://www.jstor.org/stable/1886955>. Acessado em: 11/02/2011.

TOMICICH, Dale. A segunda escravidão. In: *Pelo Prisma da Escravidão. Trabalho, capital e economia mundial*. 1ª Ed. São Paulo: Edusp, 2004.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.